

Roberto Alves Pereira

RAÇA e GRAÇA

Anápolis
2016

Copyright ©2016 by Roberto Alves Pereira

Capa:
Ricardo Alves de Jesus

Diagramação:
Jorge Alan Albernaz

Revisão Textual:
Marina Oliveira Lopes Coelho

Colaboradores:
Carlos Hassel Mendes da Silva
Marlene Fatima Stach Alves
Maria de Fátima Alves Pereira Escobar
Rafael Bastos Santos
Sandro Dutra e Silva
Sônia Maria Barros Galvão
Ernei de Oliveira Pina

Fotos: Acervo do autor
Concessão UniFotos/www.unievangelica.edu.br

Apoio Cultural:
Fundação Universitária Evangélica - FUNEV

CIP. Brasil. Catalogação na Fonte

BIBLIOTECA CENTRAL DA ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA EVANGÉLICA

PEREIRA, Roberto Alves.
Raça e Graça / Roberto Alves Pereira
Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 2016.
2ª Edição

160p.

ISBN 978-85-88106-03-1

1. Superação, 2. Drogas, 3. Educação.

CDU 001.8(035)

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

2016

DEDICATÓRIA

À Deus, a quem devo tudo o que fui, sou e o que vier a ser.

À minha esposa Marlene, aos meus filhos Mellina e Lucas, minha família.

Aos meus pais João e Antônia, que me geraram, criaram e educaram. Ao meu sogro Otávio e à minha sogra Elizabete, que me aceitaram.

À Ana Martins (minha mãe de leite), Fátima (irmã e mãe), Sebastiana Lago (mãe que me incentivou nos estudos) e irmã Ana Maria (mãe na fé).

À Dona Olinda e ao Sr. Adão (Americídio) e família, que me adotaram depois de adulto.

Celina Hassel Ferreira (in memoriam), que tanto se dedicou ao trabalho de prevenção desenvolvido pelo Gente Livre.

Ao Dr. Carlos Mendes, por acreditar e investir em mim.

PREFÁCIO

1º edição

Sobre esse livro, posso afirmar que acompanhei o processo que deu origem ao trabalho que aqui se apresenta.

Não acompanhei a construção da narrativa, do projeto escrito, das escolhas metodológicas e os outros procedimentos que ocorreram para que este trabalho fosse realizado, apesar de que, quando consultado, sempre deixava algumas sugestões. Quando afirmo que acompanhei o processo de origem deste livro, refiro-me a outros fatores que antecederam a narrativa, propriamente dita. Refiro-me ao nascimento emocional desta obra, e que, nesse sentido, de alguma forma, me identifico emocionalmente com ela.

O meu amigo Roberto Alves e eu, fomos, por vários anos, companheiros de viagem, no roteiro rodoviário que unia as cidades de Anápolis e Goiânia.

Morando em Goiânia e trabalhando na UniEVANGÉLICA em Anápolis, frequentemente, tinha a honra da companhia do professor Roberto nas viagens noturnas, após as aulas que eu lecionava no Curso de Direito.

Fomos, por vários anos, colegas no mesmo departamento de atendimento ao aluno na UniEVANGÉLICA e, por um curto período, frequentamos a mesma igreja em Goiânia. Portanto, as viagens sempre foram marcadas por assuntos afins envolvendo, geralmente, questões relacionadas ao trabalho e à confissão religiosa.

Tudo isso, ainda tinha um elemento diferencial nessa companhia: o fato de ter sido professor do Roberto durante a sua Graduação em Ciências Sociais na UniEVANGÉLICA, motivo esse que tornava essa relação marcada pelo afeto mútuo.

Tenho um grande respeito por esse amigo, aluno, colega de trabalho e irmão de fé. Conheço as suas lutas, as dificuldades e as marcas deixadas pelas experiências e pelo histórico de vida das mais diferentes ordens.

Tudo isso, ele compartilhava comigo nas viagens, no breve intervalo de uma hora e alguns minutos entre o estacionamento da universidade e a porta da casa dele. Foi um tempo em que me recordo com grande satisfação.

Nessas incontáveis viagens, num tempo que vai para além de uma década, eu pude ouvir relatos e lembranças que me faziam perceber o quão significativa era essa experiência, e o quanto ela poderia ser útil para outras pessoas que, assim como eu, poderiam ter o privilégio de conhecer.

Ouvi a história de sua infância, que também poderia ter sido a história de muitas outras crianças, que deixaram a vida no interior de Goiás e vieram para a capital do Estado em busca de melhores oportunidades.

Conheci as histórias dos becos do Setor Sul de Goiânia, hoje uma área nobre e valorizada da cidade, mas que naquela época, abrigava um loteamento, fruto de invasão.

Conheci seus irmãos, o pai austero, a mãe bondosa e outras imagens por meio das histórias de Roberto, que eram contadas em fragmentos nos trajetos rodoviários Goiânia-Anápolis-Goiânia.

Conheci a sua infância de poucas lembranças, visões vagas que iam tomando forma ao longo dos anos. Conheci a sua adolescência e a necessidade de aceitação social, que acabou tendo um caminho difícil, no seu encontro com as drogas. Mas, conheci também as histórias de reabilitação, de conversão, de superação e do seu autorreconhecimento como ser humano capaz e com sonhos.

Conheci vários sonhos, e pude presenciar a realização de muitos desses. Pude ver o amadurecimento emocional, a relação com pai se refazendo, a clareza na percepção da figura da mãe, o amor fraternal reconstruído no contato com os irmãos e o nascimento dessa história em forma de um livro.

Então, posso dizer que esse livro eu conheço. Conheço mais do que as palavras escolhidas para narrar uma história. Conheço além dos recortes, das escolhas textuais, das subdivisões.

Conheço pelas palavras ditas, pelo choro engolido no relato de algumas passagens, nas descobertas e nas sensações que o relacionamento humano nos permite vivenciar.

Gostaria de contar, uma dessas sensações e descobertas, que podem ter passado despercebidas no momento em que as palavras tomaram a forma de narrativa, envolvendo a imagem do pai e da mãe: o pai sempre foi apresentado como um homem duro, exigente, disciplinador e que queria que os filhos fossem dignos, que vivessem honestamente. Mas também, um homem resignado pela condição de classe e cor da pele, que ensinava a baixar a cabeça ao homem branco e de elite, ensinando a não questionar, mas obedecer.

A mãe, por sua vez, era uma senhora de oração, que defendia os filhos ante a dureza do esposo. Mãe bondosa, de trabalho humilde e coração grande.

Essa era uma narrativa que se repetia várias vezes em nossas conversas.

Em um determinado dia, eu vinha conversando com o Roberto sobre um filme que eu havia assistido no final de semana, que era: “A árvore da Vida” de Terrence Malick. Eu contava a história do filho que narrava a relação difícil com o pai e a mãe sempre bondosa e presente. Mas, que no decorrer do enredo, percebe-se o quanto aquele pai se doou pelos filhos, pela família, que sofreu as perdas que a vida lhe dava da maneira como aprendeu: sem a permissão para chorar.

Não sei como ele recebeu essas palavras, como eu sei que eu reconheci quando as disse. Um silêncio, algumas lágrimas e um choro que transcorreu.

Alguns dias depois, o meu amigo Roberto lembrando-se do pai, disse-me: “eu me lembro do meu pai, que quando eu ia levar a marmita de comida para ele, que trabalhava de servente de pedreiro, ele sempre deixava para mim um pedaço do ovo que estava na marmita...”. Eu pensei: as lembranças são elementos fundamentais da construção do indivíduo, e a memória é seletiva e psicologicamente fundante na forma de percebermos a nossa história.

A relação com o pai tomava novos rumos, assim como a relacionamento com os irmãos. Ao mesmo tempo, a sensação de culpa ante a mãe bondosa e que sofreu, se dissipou no ar.

A vida se tornou mais leve ao contar a sua história. Os sentidos se afloraram, e a graça vencida a culpa.

Hoje, escrevendo essas palavras, penso o quanto esses momentos foram ricos. Quanto aprendizado e alegria em poder ver, como disse no início desse prefácio, esse livro nascer.

Sandro Dutra e Silva

PREFÁCIO

2º edição

Não é comum o mesmo prefaciador repetir o seu prefácio em outra edição de uma mesma obra. Não é comum, mas não existe nenhum impedimento, principalmente quando existem razões que vão além da apresentação ou recomendação da obra. Penso que esse foi o sentimento que tive. E uma das razões que me fizeram aceitar o convite, foi a percepção de como a obra foi recebida e as repercussões dos testemunhos sobre o livro. E isso eu digo muito em relação à minha própria experiência com “Raça e Graça”.

Como havia dito no primeiro prefácio, eu havia vivenciado as histórias que compõem esse relato autobiográfico, observando como as lembranças nasceram, as personagens surgindo no seio familiar, e em outras convivências. Mas, principalmente, a emoção de ver uma vida se reconstruir a partir das lembranças. Talvez o que eu não deixei evidente, e que não ficou explícito no primeiro prefácio, é o poder das lembranças nesse processo.

O historiador utiliza, muitas vezes, o conteúdo rico das memórias no relato histórico e na construção do ofício historiográfico. Para isso, ele se apropria de referenciais e conceitos no debate que envolve a história e a memória, dialogando com o tempo e com as representações e imagens do passado. Até mesmo na construção biográfica, esse processo metodológico serve como referência para a construção do passado, por meio das lembranças e dos esquecimentos.

No entanto, não é sobre esse poder das lembranças que eu falo aqui. No caso de “Raça e Graça”, percebo a força das lembranças na renovação do passado, por meio do poder libertador da gratidão. Nesse sentido, a percepção das experiências, por mais difíceis e dolorosas, foram aceitas como graça. Nada mais verdadeiro e mais libertador do que um coração agradecido. Um coração que reconhece que as dificuldades são parte da graça. Quando é assim, não existe espaço para a amargura, mas sempre existe lugar para a esperança. Não sobra espaço para o lamento, mas abunda o júbilo.

Existe uma passagem bíblica, que até hoje fala muito em meu coração. No livro de Neemias no capítulo 8, quando, em meio ao desafio de

reconstruir os muros de Jerusalém, a comunidade, que por décadas, esteve assolada pelos escombros e pelas marcas do espólio babilônico, foi reunida.

Nessa reunião, Esdras e Neemias fizeram questão de ler o livro da lei, contanto a história do povo hebreu. Foi uma leitura demorada, “desde a alva até ao meio-dia”. Os relatos não eram de um passado de glórias, mas também refletiam as lutas, momentos de escravidão, de exílio, de regresso e de recomeços.

Em meio a esses relatos houve um pranto coletivo, e o conselho de Neemias, diante dessa manifestação de contrição pública: “não vos entristeçais; porque a alegria do Senhor é a vossa força” (Neemias 8:10). Recomendava que a população se alimentasse e compartilhasse a graça de quem não tinha. O poder da gratidão. A alegria é o reflexo de um coração agradecido. E isso nos ajuda a caminhar e a ver de outra forma os desafios.

Eu vejo muito isso na vida do meu amigo Roberto Alves. Eu conheci muitos momentos em que uma narrativa começava como um lamento. Muitas histórias envolvendo as dificuldades diversas de sua vivência, mas acabavam na lágrima agradecida, que reconhecia o poder renovador da graça divina.

Acredito que essas experiências, agora escritas, comentadas e compartilhadas, cumprem o importante papel regenerador da graça. Eu mesmo, ao escrever essas palavras, consigo experimentar o refrigério de saber reconhecer em nossa trajetória, a beleza da soberania, da misericórdia, do amor e da graça de Deus.

Pude presenciar muitos depoimentos sobre a riqueza dessas vivências, e quão relevante é esse trabalho. Por isso eu acredito que, assim como os hebreus repartiam os pães e as bebidas doces, esse testemunho precisa ser ainda mais compartilhado como fruto da gratidão e da força de um coração alegre.

Com o sentimento de ter sido agraciado por mais uma vez, refletir e expressar sobre “Raça e graça”, é que me aventuro nesse segundo prefácio.

Goiânia, julho de 2016

Sandro Dutra e Silva

APRESENTAÇÃO

1º edição

Você tem o privilégio de ter em mãos uma Biografia reveladora. Um emaranhado de letras que foram arranjadas para desvendar questões objetivas e subjetivas, que revelam as entranhas de uma pessoa, que por sua vez, mostra a alma humana. Uma história particular, mas que representa a jornada de muitos brasileiros e brasileiras, com seus conflitos, dores, possibilidades e transformações. E que transformação!

Temos acompanhado a vida do Professor Roberto e o impacto que a mesma tem tido na vida de diversas pessoas e instituições. Esse é o aspecto ao qual lhe chamo a atenção.

Você verá nesta obra, o verdadeiro significado da espiritualidade, da importância das casas de recuperação de dependentes químicos, do trabalho das comunidades cristãs, da família e da reinserção na sociedade. O que ocorreu com o Professor Roberto não foi uma reforma, mas uma revolução. Não foi uma mudança, mas uma transformação. Não foi um mero ajuste, mas um novo nascimento. Sua identidade foi firmada, acima de tudo, por se ver como Filho de Deus, e sua missão se estabeleceu para o bem de muitos.

Como todos nós, Roberto não está pronto, mas está na caminhada. Este relato é o seu desnudar, como ele mesmo escreve, visando ajudar outros a ver a possibilidade de estando no Caminho, conhecer a Verdade e a partir desta, desfrutar da Vida, Vida Eterna, encontrada em Jesus (Jo 14.6). Boa leitura!

Dr. Ernei de Oliveira Pina
Presidente da Fundação Universitária Evangélica – FUNEV

APRESENTAÇÃO

2º edição

Ler uma biografia é como abrir uma janela para um mundo de novas possibilidades e percepções sobre o outro, seu tempo, sua família e familiares, sua história.

O livro que você tem em mãos, conta uma história ímpar, ainda que não incomum, acerca do poder da maravilhosa graça.

Fica evidente: que a graça não escolhe raça. A graça sobrepuja o determinismo social aniquilador. A graça estimula uma resposta com raça. Como escreve Dallas Willard, “a graça não é o oposto de esforço, mas sim do mérito”.

Quanto ao professor e pastor Roberto, é possível perceber em sua vida pessoal, familiar e social, como a graça atua despertando e fortalecendo-o a responder positiva e corajosamente ao favor do Eterno.

No seio familiar, base para a formação integral do ser humano, Roberto enfrentou adversidades, tais como: a dificuldade para nascer; o crescimento envolto a preconceitos; a convivência e as dificuldades que o pai tinha em aceitar a si mesmo e os filhos; o envolvimento de alguns irmãos em caminhos tortuosos, um referencial negativo para Roberto como irmão mais novo; as lutas diante das discriminações da sociedade; o ingresso ao mundo do álcool e das drogas; e o tempo em que se tornou morador de rua. De uma perspectiva puramente social, Roberto estava destinado ao fracasso.

Contudo, essa é parte do fato, porque o Dono da História interferiu com graça, e deu raça para Roberto repensar a vida, reconduzir a sua trajetória de vida, dando a volta por cima. A começar do amor da mãe e a influência de irmãos que seguiram o caminho reto.

Ademais, há também a ação de pessoas, que entraram em sua vida e comunicaram o amor de Deus – a igreja. Por conseguinte, destacam-se o amor, a firmeza e o tratamento adequado do centro de recuperação de dependentes químicos – Movimento Jovens Livres. E, por fim, o aparecimento da UniEVANGÉLICA na pessoa do Dr. Carlos Hassel Mendes, dentre outros.

É impossível não perceber a intervenção perpetrada por Deus na vida

RAÇA E GRAÇA

do Professor Roberto. Ela se dá por meio da reestruturação familiar e pessoal: o convívio fraterno gerado com apoio mútuo da família, tornando-se, inclusive, conselheiro e orgulho de seu pai; a participação ativa na igreja; o desenvolvimento intelectual; e as ações e movimentos criados com grande repercussão social.

Recomendo a leitura do livro e, acima de tudo, que você se abra para as multiformes possibilidades da atuação da graça em sua vida, e responda a ela com raça, a partir do exemplo do pastor e professor, Roberto Alves. Boa Leitura!

Pr. Heliel Gomes de Carvalho – Capelão da UniEVANGÉLICA

SUMÁRIO

Dedicatória	5
Prefácio 1ª edição	7
Prefácio 2ª edição	11
Apresentação 1ª edição	13
Apresentação 2ª edição	15
Sumário	17
Introdução 1ª edição	19
Introdução 2ª edição	23
Agradecimento 1ª edição	25
Agradecimento 2ª edição	27
Capítulo I - Minhas Raízes	31
Capítulo II - OVO DE "PÉLIA" REESCREVENDO MINHA HISTÓRIA	42
Capítulo III - VIAJANTE NEGRO: DROGAS, RUA E ILUSÃO	57
Capítulo IV - JOVENS LIVRES, O INÍCIO DA ESCALADA	71
Capítulo V - MARLENE – A FORTALEZA SERENA	85
Capítulo VI - ENTRE DOUTORES	97
Capítulo VII - SOCIÓLOGO DAS DROGAS, SOCIÓLOGO DA VIDA	107
Conclusão	135
Referências Bibliográficas	138
Anexos	139

INTRODUÇÃO

1º edição

Minha mãe, amigos e irmãos, principalmente minha irmã Fátima, que acompanhou minha gestação e meus primeiros anos de vida, sempre me contaram histórias desse período de minha vida.

Foi assim que parte de minhas memórias foram construídas e reconstruídas à medida que a idade me permitia escrever e construir, na verdade mais desconstruir, minha própria história.

Quando fui convencido por amigos e outras pessoas de meu relacionamento a publicar as minhas memórias, o primeiro passo foi elaborar o projeto de um documentário, a ser exibido no culto comemorativo aos meus 30 anos de abstinência ao uso de drogas, realizado em 5 de setembro de 2012.

Gravei oito horas de vídeo, falando e chorando em minha catarse, minha esposa gravou por duas horas e o Reitor do Centro Universitário de Anápolis/ UniEVANGÉLICA, o Dr. Carlos Mendes, mais uma hora e meia com esse objetivo.

Muita coisa é resultado de minhas próprias lembranças e outras, obtive através de entrevistas que realizei com meus irmãos, primos, amigos e pessoas que conviveram comigo desde minha gestação até início de minha adolescência, e que ainda fazem parte do meu convívio.

Porém, ainda faltava o depoimento de uma pessoa muito importante, com quem divido meus problemas, projetos, sonhos, alegrias e realizações: minha querida esposa Marlene.

Este depoimento foi muito protelado, devido à correria do cotidiano e à dificuldade de recordar e remontar o passado, na tentativa de encaixar as peças da história dela com a minha, fundindo em uma única história: a nossa.

Finamente, num final de dia, Marlene me concedeu seu valioso depoimento, que entrou noite adentro, o qual ela falou sobre si, sobre mim, sobre os nossos filhos e sobre parte do que temos vivenciado juntos. Agora sim, além do vídeo, contava com uma entrevista de minha esposa.

O culto comemorativo aos meus 30 anos de abstinência ao uso de drogas foi realizado sem que o projeto do documentário tivesse sido finalizado. Mas, a insistência dos amigos e outros ensaios empreendidos pelos jornalistas Tatiana Gonçalves e Rafael Batista, o designer gráfico Ricardo Alves, os historiadores Gabriel da Silva, Sônia Galvão e Sandro Dutra, o fotógrafo Eduardo Coelho, os advogados Wender Vieira e Fabiano Abreu, e tantos outros me estimularam a continuar o projeto.

Em 2010, foi criado o site www.robortoalveslivre.com.br e, em 2015, <http://www.robertosociologo.com/> com a colaboração de Ricardo Alves, Tatiana Gonçalves, Rafael Batista, Gabriel da Silva, Elizete Lemes e Wender Mendonça, entre outros.

Um pouco antes, em 2007, completei 25 anos de abstinência e 8 anos do UniVIDA - Programa de Atenção a Dependência e Prevenção ao uso Indevido de Drogas da UniEVANGÉLICA.

Tanto nas comemorações dos 25, quanto nas de 30 anos, realizei um culto em ação de graças. Na ocasião dos 25 anos de abstinência, a jornalista Tatiana Gonçalves foi a primeira a publicar parte dessas minhas memórias, no Informativo da UniEVANGÉLICA, ano 06, nº 26 em dezembro/2007.

Muito me impressionaram dois fatos nesse trabalho da jornalista Tatiana: o primeiro é o impacto que o relato da minha história causou na jornalista ao final da entrevista, levando-a às lágrimas, e o segundo é o impacto que senti ao ler parte da minha própria história.

Tudo isso me levou a uma conclusão: se esses relatos podem causar impacto em uma jornalista e em mim, talvez possam ajudar aos leitores também.

E assim nasceu a ideia que se transformou em motivação para publicar este livro. Depois disso, gravei e publiquei alguns vídeos com o mesmo conteúdo, e as reações das pessoas fortaleceram a minha frágil convicção de publicar a minha história de vida.

Com o meu jubileu de prata e depois as comemorações dos 30 anos de abstinência, entendi que a publicação da minha história, ou por meio dela, várias outras histórias e de outros personagens poderiam ser conhecidas, formando assim uma rede interativa de histórias.

Havia, no entanto, mais um fato que se destacou entre as motivações: a possibilidade de agradecer a todas as pessoas que contribuíram, em algum momento e de alguma forma, e poder dizer a elas: “muito obrigado, não me esqueci de você e do quanto seus atos, pequenos ou grandes, foram importantes em minha vida”.

Estava claro para mim que minha vida era, e é resultado do esforço generoso e gracioso de várias pessoas, pelas quais Deus me abraçou e me fez acreditar no amor. Algumas dessas pessoas fizeram isso simplesmente

sendo elas mesmas.

Não se trata de uma autobiografia, e sim de uma catarse. Alguns perguntavam porque resolvi publicar minha história. Além dos motivos já mencionados, estou à procura de mim mesmo, talvez encontre lampejos de respostas para alguns “buracos” que ainda existem em mim.

Como humano, não sou desprovido de vaidade, porém, além da exposição de minhas vísceras e a iminente consequência de minhas mazelas, limitações e imperfeições, há também os triunfos, resultados de ser usado como vaso nas mãos do Supremo Oleiro do Amor: Jesus. Acredito que as motivações oriundas pela vaidade são menores do que o desejo de agradar ao Mestre e de ajudar alguns.

O trabalho que você tem em mãos é resultado do desejo e de muito trabalho da minha parte e dos que colaboraram de forma mais decisiva, para que não fosse um relato da trajetória de um herói ou um ser humano excepcional. É nos comuns e com os comuns que a maioria das pessoas, e até os heróis, se identificam mais facilmente. Não tenho estrutura para suportar uma carga além dos meus limites de um ser humano comum. Isso que sou.

Quem me conhece mais de perto, ou conviveu comigo por um período não muito curto, perceberá a ausência de alguns fatos, nomes, lugares, e ou a falta de aprofundamento.

Isso aconteceu de forma intencional para evitar a exposição de pessoas e instituições, pois talvez viesse a lhes causar constrangimentos. Desejo que esta publicação seja um testemunho de fé de que Deus é real, é amor e é fortemente atraído pelo caído, pelo fraco e sem recurso.

INTRODUÇÃO

2º edição

Impacto e generosidade, são as duas palavras que retratam o sentimento de gratidão pelo resultado da primeira edição do livro Raça e Graça. Foram quinhentos exemplares vendidos em um mês e quinze dias. Um grande incentivo para o projeto da 2ª edição.

Porém, o mais decisivo para a publicação da segunda edição, foram os muitos depoimentos que recebi de leitores, afirmando o quanto se identificaram, se reconheceram, e isso acompanhado de choro e lágrimas.

Alguns me falaram que retornaram as suas infâncias por meio da leitura, outros lembram a luta de seus pais para criá-los, vários reencontraram o ânimo que lhes faltava para iniciarem ou retornarem aos estudos, muitos passaram a acreditar que é possível superar desafios, realizar sonhos, vencer a dependência química e outras compulsões.

Outros depoimentos que recebi destacaram a satisfação em conhecer a história de outras pessoas e instituições que, paralelamente, são contadas no livro Raça e Graça, é o caso, por exemplo, das igrejas que interviram em minha vida familiar, o Movimento Jovens Livres, a Associação Educativa Evangélica e suas mantenedoras, principalmente o Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, que foi fundamental para o meu retorno aos estudos.

Alguns desses depoimentos foram publicados em minha rede social.

Os vários convites para eventos de lançamento e sessões de autógrafos, alguns não puderam ser atendidos, devido a primeira edição estar esgotada.

Muitas pessoas não conseguiram adquirir o livro, inclusive residentes em outros Estados me solicitaram para publicar uma nova edição.

Esses e outros fatores não deixaram dúvidas, que apesar dos desafios, deveríamos encarar o projeto da 2ª edição do livro Raça e Graça.

Agora o leitor tem em mãos, o mesmo conteúdo em edição melhorada, com uma nova capa, novas fotos e acréscimos de alguns detalhes. Boa leitura!

AGRADECIMENTO

1º edição

Mesmo que procurasse uma ou mais palavras, não encontraria as que se aproximassem do sentimento de gratidão e do tamanho da dívida que tenho para com algumas pessoas que foram fundamentais para a publicação desse livro. Na falta, usarei: “muito obrigado”:

A Deus pela vida, pela liberdade e por tudo; aos meus pais Antônia, João Alves Pereira e minha mãe de Leite Ana Martins; aos meus irmãos Hamilton, Lúcia, Tanzinho, Fátima, Hailton e Zezinho; aos primos Ademar Antônio, Ana Edna, Marcia e Sirlene, que me relataram fatos preciosos sobre minha vida e nossas famílias; à minha esposa Marlene Stach e aos nossos filhos Mellina Stach e Lucas Stach;

À Fundação Universitária Evangélica (FUNEV), por meio de seu Presidente, Dr. Ernei de Oliveira Pina que patrocinou essa publicação;

Ao amigo de todas as horas, Dr. Carlos Mendes, que muito contribuiu inclusive concedendo entrevista sobre minha atuação no Centro Universitário de Anápolis;

À querida amiga Sônia, orientadora que prestou contribuição importantíssima lendo, sugerindo durante todo período de produção dos originais, e que investiu horas e horas do seu precioso e apertado tempo;

À amiga e colega de trabalho Professora Hélia Pietrobon, com horas e horas dedicadas à correção ortográfica, e como lhe é próprio, fez todo trabalho sempre acompanhado com sorrisos pelo prazer de servir; ao designer gráfico, Ricardo Alves de Jesus, responsável pela capa e diagramação, além da amizade e apoio;

Ao Prof. Sandro Dutra e Silva, que nas muitas caronas que me concedeu de Anápolis a Goiânia, me ouvia e ouvia, me incentivou, fez sugestões e, às vezes, se mostrava mais empolgado do que eu;

À Elizete Cardoso de Amorim Lemes, ao Lucas Fortunato Barbosa, que contribuíram na digitação; à jornalista Tatiana Gonçalves, ao advogado Wender Vieira Mendonça e à Patrícia Stach pelas valiosas críticas e sugestões.

RAÇA E GRAÇA

Espero que você leia até o fim e, como já mencionado, que seja instrumento, ferramenta de encorajamento, fé, e gratidão ao Supremo Mestre do Amor, bem como a todos que Ele fez e faz andar ao meu lado. Obrigado e boa leitura!

Roberto Alves

AGRADECIMENTO

2º edição

São tantos os motivos e pessoas para agradecer, que daria uma publicação só de agradecimentos.

Início, agradecendo a Deus, que permitiu se manifestar em mim por tantos meios e tantas vezes, e agora também, por meio do Livro Raça e Graça.

À minha esposa Marlene Stach, a minha filha Mellina Stach e ao meu filho Lucas Stach, pelo apoio e cumplicidade sempre presente.

À Associação Educativa Evangélica e o Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA pela parceria e cessão das fotos de seu site.

À grande disposição da Professora, Redatora e Revisora Mariana Oliveira Lopes Coelho, pela revisão dessa segunda edição. Aos Designs Gráfico Ricardo Alves de Jesus, que criou a capa, e ao Jorge Alan Albernaz, responsável pela diagramação geral.

Ao Professor Pós-doctor em história, Sandro Sousa e Dutra, com sua importante contribuição com o prefácio nas duas edições.

Ao Paulo e toda a equipe da Flex Gráfica em Goiânia pelo trabalho de impressão.

Meus agradecimentos não podem se limitar à segunda edição, pois de fato, o apoio que proporcionou o grande sucesso da primeira, impulsionou o projeto da 2ª edição, como os eventos de lançamentos e as sessões de autógrafos que amigos e admiradores me oportunizaram:

O primeiro, no mês de março no Adulão – Encontro de Egressos de Comunidades Terapêuticas, realizado em Caldas Novas no mês de março, no dia 25 e no dia 31, em comemoração dos 69 anos da Associação Educativa Evangélica em Anápolis.

Fiquei impactado com tamanha generosidade, pela participação de tantos amigos que compareceram no lançamento oficial e lotaram o Salão Nobre da Assembleia Legislativa de Goiás, no dia 08 de abril, evento que contou com importantes contribuições, como: a do Deputado Estadual Simeyzon Silveira e toda a equipe de seu Gabinete, o qual destaco o

Chefe de Gabinete Gustavo Sintra e a simpática Vilma. Contou também com o Dr. Wender Vieira, o Pastor Valdir Oliveira, Pastora. Helizangela e equipe de apoio da Igreja Antioquia em Goiânia. O evento teve importante participação da Comunicadora Soila Steter, os músicos Damom Farias, Elen Lara e Jader Steter.

Os Seminários sobre Dignidade Humana sob a coordenação do Pastor e Professor Heliel Gomes, Capelão do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA. Momentos ricos de debate e confronto com acadêmicos de diversos cursos.

O meu muito obrigado ao Diretor Geral da Faculdade Evangélica de Goianésia, o Professor Mestre José Mateus, pelo espaço cedido na Jornada Jurídica do Curso de Direito em 19 de maio, Professor Dr. Valtercino Eufrázio, Diretor do Curso de Direito da UniEVANGÉLICA – Campus Ceres, pela Noite de Autógrafos em 24 de maio, à Professora Mestre Keller Bonome, Diretora da Faculdade Raízes pela Sessão de Autógrafos na Jornada Jurídica no Dia 20 de abril.

Esses e outros eventos permitiram uma distribuição rápida, direta e com contatos preciosos com leitores.

Agradeço a generosidade dos parceiros que se responsabilizaram pela distribuição em cidades de outros Estados, como: Euler Pereira em Belo Horizonte - Minas Gerais, a Pastora Lúcia da Silva em Cuiabá - Mato Grosso, Pastor Carlos Bispo em Salvador, o Pastor e Assistente Social Alberto Bispo dos Santos e o cantor em Feira de Santana e Valdenor Militão em Lapão, Irecê e em outras cidades do Estado da Bahia.

Foi fundamental o apoio da Praça de Alimentação da UniEVANGÉLICA e da Livraria da Igreja Metodista Central em Goiânia, disponibilizando exemplares a leitores que não tiveram oportunidade de participar dos eventos de lançamento.

Capítulo I

MINHAS RAÍZES

*Filhos não escolhem pais, mães, avós, tios e primos.
Filhos, quando crianças e adolescentes, criam e recriam
subterfúgios emocionais de sobrevivência em família.
Quando adultos, se libertam e se escravizam.
Minha família.*

Capítulo I

MINHAS RAÍZES

Minha família vivia em Paraúna, uma cidade do interior de Goiás, distante à 157 quilômetros de Goiânia, localizada na microrregião da Serra do Caiapó, na região do Vale do Rio dos Bois. Paraúna é reconhecida por abrigar formações rochosas que se assemelham a animais, pessoas e objetos, encontrados na Serra das Galés, a 23 km da cidade; as formações da Serra da Portaria; as cachoeiras e a Ponte de Pedra, a 60 quilômetros, monumento esculpido pela força das águas.

O povoado que deu origem a Paraúna teve seu início por volta de 1900, às margens do Córrego São José. Na Fazenda São José, os habitantes construíram um rancho de palha que servia de templo, onde todos os primeiros domingos do mês rezavam um terço oferecido ao Menino Jesus.

Influenciados com o desenvolvimento do povoado, os proprietários da fazenda resolveram doar uma parte de terras ao menino Jesus, constituindo, assim, o seu patrimônio. Conhecido como Bota Fumaça, o povoado foi elevado a distrito, com o nome de São José do Turvo e, em 1930, foi emancipado como Paraúna, do tupi para (rio) e úna (preto), que significa rio preto, denominação dada pela Lei nº 903, de 7 de julho de 1930.

Raízes paternas



foto: acervo do autor

Roberto Alves Pereira, em sua formatura no Curso de Teologia, no Seminário Evangélico Jovens Livres, em 1991, entre os pais, Antônia e João Alves Pereira

Meu pai, João Alves Pereira, nasceu em 06 de março de 1922. Era o caçula dos três filhos de Sebastião Alves Pereira e de Doraldina Alves de Carvalho. Seus irmãos eram Iracema e Cirilo Alves de Carvalho.

Segundo o meu irmão Hamilton, minha avó paterna ficou viúva quando meu pai ainda era muito pequeno. Com isso, uma parte de sua educação foi compartilhada por minha avó Delardina, como era chamada em família, e seu novo companheiro, João Chaves. Mas, a convivência conflituosa com o padrasto levou meu pai a ter outros lares.

Ele viveu em diversas casas, de tios, da avó, em fazendas diferentes. Desde muito pequeno, trabalhava e morava onde houvesse oportunidade de trabalho. Hamilton relata que meu pai teve parte de sua educação desenvolvida pelo senhor Domingos, um fazendeiro, que também atuava como comerciante e político, tendo sido prefeito de Paraúna. Enquanto os filhos do Sr. Domingos eram levados para a escola, meu pai trabalhava nas lavouras de arroz e café. Trabalhou também na Fazenda Gameleira, de Dona Francisca, a Sá Chica.

Quando meu pai nasceu, não havia condições para que o registro de nascimento fosse feito imediatamente. Naquela época, em determinados lugares, como cidades pequenas ou na zona rural, não havia cartório no local, e muito menos maternidade. O parto era feito em casa por uma

parteira. Mais tarde, quando se precisava do registro para frequentar a escola ou se casar, ele era feito pela autoridade competente, um padre ou um juiz de paz.

O registro de nascimento de meu pai aconteceu por ocasião de seu casamento, em 20 de dezembro de 1945, quando então, substituiu o Carvalho de seu nome, por Pereira, passando de João Alves de Carvalho a João Alves Pereira. Ele retirou o Carvalho, porque amigos, em sua adolescência e juventude, brincavam com ele chamando-o de João de Cavallo, daí a decisão de mudar o nome. Isso acontecia com alguma facilidade, pois tanto meu pai, como sua sogra, a minha avó materna, tiveram seus nomes modificados.

Meu pai faleceu aos 88 anos, no dia 18 de dezembro de 2010.

Raízes materna



foto: acervo do autor

Luzia Alves de Souza, avó materna de Roberto Alves, que faleceu aos 102 anos.

Minha mãe, Antônia Alves Pereira, nasceu em 12 de outubro de 1924, ra filha de Luzia Sebastiana de Jesus, que era neta de escravos, e de Quirino Alves da Silva, de origem indígena, dos Kayapós, que dominaram o sul da Capitania de Goiás e habitavam em aldeias na região de Rio Claro, na Serra dos Caiapós, em Caiapônia.

Luzia Sebastiana de Jesus teve seu nome modificado para Luzia Alves de Souza, mas não encontrei registros ou relatos do motivo e como aconteceu essa mudança.

Além de minha mãe, o casal Luzia e Quirino teve mais três filhos, Geraldo, Benedita e João, que faleceu aos 14 anos em decorrência de

sarampo. Um dos grandes sonhos de João era ter um par de sapatos, mas isso só aconteceu por ocasião de sua morte. Para o seu velório e sepultamento, foi providenciado um par de botinas.

Minha mãe, Geraldo e Benedita se casaram com primos entre si, João Alves Pereira, Izabel Alves da Silva, e João José de Carvalho, o Nego padeiro, respectivamente.

Os filhos de Izabel Alves da Silva e Geraldo Alves da Silva, por ordem de nascimento: Antônio Percival da Silva, Ana Edna da Silva, Edvaldo Geraldo da Silva, Anivaldo Divino da Silva, Osmar Francisco da Silva, Adna Luzia da Silva, Ademar Antônio da Silva, Maria Isabel da Silva, Marco Paulo da Silva e Cristiane da Silva.

Os filhos de João José de Carvalho (Nego padeiro) e Benedita Alves de Carvalho são, por ordem de nascimento, Maria Cristina Alves de Carvalho, Márcia Alves de Carvalho, Joel Alves de Carvalho, Ismael Alves de Carvalho, Sirley Alves de Carvalho, Sirlene Alves de Carvalho, Seila Alves de Carvalho e Marta Alves de Carvalho.

Minha Avó, Luzia Alves de Souza, nasceu em 20 de março de 1886 e faleceu aos 102 anos, em 11 de abril de 1988.



foto: acervo do autor

Dona Antônia fazendo algo que tanto gostava - Goiânia 1986

Minha mãe, Antônia Alves Pereira, nasceu em 12 de outubro de 1924, e faleceu aos 73 anos, em 31 de outubro de 1997.

O tio Nego, João José de Carvalho, nasceu em 17 de setembro de 1933 e faleceu aos 73 anos, em 13 de outubro de 2008; sua esposa, a tia Dita, Benedita Alves de Carvalho, nasceu em 17 de outubro de 1935 e faleceu aos

63 anos, em 08 de julho de 1998.

Tio Geraldo, Geraldo Alves da Silva, nasceu em 30 de junho de 1930 e faleceu aos 54 anos, em 11 de abril de 1984; sua esposa, a tia Izabel, Izabel Alves da Silva, nasceu em 25 de março de 1939 e faleceu aos 63 anos, em 11 de abril de 2002.

Os dados de meus tios foram fornecidos por Márcia Alves de Carvalho da Cruz e Sirlene Alves de Carvalho, filhas de tio Nego e tia Dita e por Ademar Antônio e Ana Edna (Edinha), filhos do tio Geraldo e tia Izabel.

É interessante que o tio Geraldo, minha avó Luzia e a tia Izabel faleceram no dia 11 de abril de 1984, 1988 e 2002, respectivamente.

A Família Alves acrescida dos Carvalho e Silva, praticamente se resume em três casais, que geraram 25 filhos, sendo 10 de Izabel e Geraldo, 08 de Benedita e João José e 07 de Antônia e João Alves. Essa segunda geração, por sua vez, se casou e gerou mais uma geração e assim, sucessivamente, outras famílias vão se formando com o passar do tempo.

Lembro-me das histórias que minha mãe contava do meu avô como sendo um homem muito bravo e muito dependente da cachaça, pois bebia praticamente todos os dias. Ele possuía uma arma de fogo, uma espingarda, e com ela ameaçava matar a esposa e os filhos; sempre reclamava da vida difícil na roça e do casamento, mas era carinhoso com os netos, que ainda se lembram das histórias interessantes contadas pelo avô Quirino.

Meus pais viviam uma vida muito simples em Paraúna, trabalhando em lavouras de arroz, café e com gado leiteiro, porém minha mãe, nos anos que viveu em Goiânia, e até sua morte, sempre se referia a esse tempo na roça, como uma vida cheia de fartura quanto à alimentação.

Foi durante essa vida simples na roça que nasceram os 4 primeiros filhos do total de 7: Hamilton, Maria Lúcia, Sebastião, nome dado em homenagem ao meu avô paterno e Maria de Fátima. Nessa época, nas cidades do interior predominava a medicina caseira, com uso de chás e raízes; não havia programas de assistência à gestante.

Quem prestava alguma assistência eram as parteiras que possuíam conhecimentos passados, às vezes, de mães para as filhas e os chamados, popularmente, de farmacêuticos, que não possuíam formação acadêmica, mas sim, conhecimentos práticos, normalmente mais amplos que os das parteiras.



foto: acervo do autor

Roberto e os irmãos em 1978. Da esquerda para a direita, Hamilton, Maria Lúcia, Roberto, Fátima, Hailton, Domingos (Zezinho).

Fátima, em entrevista, narra o nascimento de nossos irmãos. Na primeira gravidez de minha mãe, nasceu o Hamilton, o parto foi marcado por muitas dificuldades, pois Hamilton demorou a nascer. Minha mãe sentiu muitas dores e ele “nasceu atravessado”, como ela se expressava para indicar que não foi na posição normal de um bebê nascer. Houve necessidade da presença de um farmacêutico. Um homem auxiliar num parto, não era comum e nem uma coisa bem vista naqueles dias.

Depois de Hamilton, nasceu a Maria Lúcia, a Lúcia ou Maria como é chamada em família e pelos amigos. Não há registros de complicações pré-natais nem de parto. A partir da gestação do Sebastião, as crises convulsivas de minha mãe tiveram início, e ocorriam sempre durante a gravidez, até o final do período de amamentação.

Os filhos, nos primeiros anos de vida, também desenvolveram a mesma enfermidade. Eu fui o que mais sofreu com essa doença. A quarta foi a de minha irmã Maria de Fátima, que, além de Fátima, é também a Loreni e a Nenê, para os irmãos. Daí para frente, todos os partos foram realizados em Goiânia, onde nasceram o Hailton, o Domingos (Zezinho), e por último eu, Roberto.

Os anos 50 do século XX foram marcados pelas transformações socioeconômicas vividas no Brasil e em Goiás, por isto eles são considerados um divisor de águas para compreensão da história da sociedade brasileira e goiana.

Governaram o Brasil na década de 50, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira. O primeiro executou uma política de interiorização e o segundo, um Plano de Governo para desenvolver o país cinquenta anos em cinco, incluindo nele a construção de Brasília para ser a nova capital do Brasil.

As dificuldades da roça, aliadas às poucas oportunidades de trabalho na cidade de Paraúna na década de 1950, contrapunham-se às promessas que a nova capital goiana oferecia, de progresso e de vida melhor, com trabalho para os adultos, escola para as crianças e acesso aos serviços de saúde. Meu pai não titubeou, convenceu minha mãe que resistia à ideia, e se mudaram para Goiânia, juntamente com meus avós maternos.



foto: acervo do autor

Roberto e os irmãos em 2014. Da esquerda para a direita: Fatima, Hailton, Roberto, Domingos (Zezinho), Hamilton, Sebastião (Tãozinho),

Segundo Tãozinho, o Senhor Domingos, morador de Paraúna, ex-patrão de meu pai, possuía um caminhão onde transportava mudanças para Goiânia, e incentivou meu pai a mudar-se para a capital, dizendo-lhe que, com certeza, encontraria emprego, tratamento de saúde, escola para crianças e não demoraria em conseguir uma casa própria.

Tãozinho acrescenta que a mudança de minha família para Goiânia teve também o incentivo do primo João José, o Nego Padeiro, que também se mudou com a família para Goiânia, mas retornou a residir em Paraúna.

A nova capital de Goiás também atraiu o casal Geraldo e Izabel, ele irmão de minha mãe e ela prima de meu pai.

O avô Quirino também se mudou para Goiânia, mas não viveu por muito tempo depois da mudança. Ele adoeceu devido a complicações pelo uso da bebida alcoólica, tendo contraído cirrose, segundo dizem. Ele faleceu em 1961, dois anos antes de meu nascimento.

O trabalho das mulheres:

Com a vida difícil e tantos filhos, a maioria crianças, as mulheres também saíam a campo, trabalhando para completar o orçamento doméstico. As mulheres da família sempre trabalharam até a velhice, contribuindo com o sustento da casa. Minha mãe foi lavadeira; tia Dita (Benedita), além de costureira, também auxiliava na padaria do marido e tia Isabel foi costureira e cozinheira em restaurantes e residências.

Minha mãe sempre reclamava da mudança da roça para a cidade, mas hoje, refletindo sobre o passado, eu me pergunto: como seria toda essa realidade de doenças e extrema pobreza se a família tivesse ficado na roça?

Capítulo II

OVO DE PÉLIA

Reescrevendo minha história

*Crianças são abusadas fisicamente, emocionalmente,
espiritualmente, socialmente, materialmente em seus sonhos,
em suas fantasias e no prazer de brincar.*

Minha infância.

Capítulo II

OVO DE PÉLIA

Reescrevendo minha história



Foto: cedida por Ana Martins

Roberto, aos 9 anos de idade, e sua irmã de leite, Rosimeire.

Eu nasci no dia 17 de outubro de 1963, preto, pobre e doente. Fui o sétimo e último filho de um casal não alfabetizado, que deixou o trabalho das lavouras na roça para tentar uma vida melhor na nova capital de Goiás. Nasci de parto natural, realizado em casa por uma parteira.

Durante o parto, minha mãe sofreu uma crise convulsiva. Esse problema, segundo Fátima, teve início a partir da terceira gravidez de minha mãe, da qual nasceu o Tãozinho (Sebastião).

Minha mãe nos contou que quando estava gestante de Tãozinho, ela realizou uma viagem de Paraúna a Jandaia, cidades no Estado de Goiás, para conhecer a madrinha e familiares de meu pai. A viagem aconteceu na carroceria de um caminhão, pois naquela época este era o transporte utilizado por lavradores no interior de Goiás. Foi nessa viagem que minha mãe se lembra de ter tido sua primeira crise convulsiva.

Para Fátima, a minha gestação foi mais uma gravidez de minha mãe, marcada por muitos sofrimentos, como: pobreza, falta de alimentação adequada e várias crises convulsivas. Provavelmente, o problema de

minha mãe fosse pressão alta e pré-eclâmpsia. *“Essas crises só aconteciam em períodos de gestação e de amamentação. Em momento de emoção” - disse Fátima em entrevista:*

“Lembro-me, com muita dor, de ver minha mãe caída e rolando no chão, com aquela barriga grande de sua gestação. O piso de nossa casa era de chão batido e cheio de pequenos tocos, aqueles pedaços de árvores que foram cortadas para que nossa casa pudesse ser construída. Várias vezes, ao final do desmaio, minha mãe levantava machucada, com rosto e outras partes do corpo sujas de sangue, envergonhada e até com sentimento de culpa por passar mal”.

Por diversas vezes, Fátima mencionou na entrevista que, após o meu nascimento, principalmente na fase inicial quando eu ainda era bebê, minha mãe passava mal com essas crises. Lembra-se, inclusive, de uma vez em que ela teve uma dessas crises, se contorceu e rolou na cama, comigo ao lado dela, e por pouco, não rolou por cima de mim. Fátima teve que intervir e tirar-me correndo, senão eu teria morrido.

Mesmo com um histórico com tantos sofrimentos, Fátima, também consegue acrescentar outra leitura à minha chegada à família:

“Roberto, com sua chegada e ainda no período de sua gestação, iniciaram algumas melhorias em nossa história familiar; você, como todos os membros de nossa família, sofreu muito, mas sua gestação e nascimento, para mim, associam-se aos sinais de graça que chegaram à nossa família”.

Fátima relata que foi a partir desse período, que meu pai passou a ter emprego fixo como servente de pedreiro, e depois de guarda noturno. Esses e outros relatos me levam a uma certeza: minha gestação, nascimento e existência são atos da graça de Deus!

Para minha amamentação, minha mãe teve a importante contribuição de uma vizinha de nossa casa, a enfermeira Ana Martins, que foi minha mãe de leite, Ana do Sr. Efraim, como era conhecida em referência ao seu pai.

Segundo Ana, em entrevista a mim concedida, quando a visitei em Goiânia, no dia 14 de setembro de 2014, ela conheceu minha mãe quando frequentava os cultos no ponto de pregação que existia em minha casa. Sua filha Rosemeire e eu, nascemos no mesmo mês e, como era agraciada com muito leite, se deslocava de sua casa até a minha para me amamentar, pois minha mãe era muito doente e teve dificuldades de produzir leite suficiente para a minha amamentação.

Outros dados importantes sobre minha gestação e meus primeiros anos de vida me foram repassados pessoalmente pela técnica em en-

fermagem, Ione Carneiro Guedes César, em 10 de setembro de 2013, em Goiânia. Ela era filha do Senhor Geminiano Pereira Guedes e Dona Maria Carneiro Guedes, nossos vizinhos de cerca de arame, no Setor Sul, e irmã da Pastora Ivone Guedes da Silva, da Sônia Mateus Bernardes e do Pastor José Pereira Guedes.

Em seu relato, Ione disse:

“Lembro-me de sua avó Luzia, como o braço direito de sua mãe, contribuindo com o sustento financeiro da família, e participando nos serviços domésticos, lavando roupas, ajudando fazer sabão, tirando água da cisterna e enchendo as latas, porque bacia era utensílio de luxo para o nosso nível.

D. Luzia era uma mulher de muita fé, carismática e de muita oração; devido às constantes crises convulsivas que D. Antônia sofria, D. Luzia ficou muito preocupada com sua gestação e falava à minha mãe: “essa gestação é um pesadelo”. Já seu pai, o Sr. João, dizia que mais um filho seria mais um fardo.

Nossas casas ficavam numa área de moradias irregulares, a invasão do Setor Sul ou do Botafogo, devido ao rio existente na região, numa área nobre do bairro, o que tornava mais explícitas as diferenças socioeconômicas. Eram casas pobres, o “sanitário” era uma construção rústica, nos fundos de nossos quintais; em minha casa ficamos sem cisterna por um bom tempo e o suprimento de água era através de latas d’água, retiradas da cisterna da casa de vocês”.

Ione Carneiro destacou também, o humor de meu pai com os filhos. Como a casa dela era separada da minha por cerca de arame com tela, de lá, ela observava o quanto meu pai era nervoso, sempre gritando com os filhos, chamando-os por apelidos que ele inventava.

Realmente, as lembranças com os detalhes que ela me passou do comportamento de meu pai para conosco, me impressionaram bastante e vieram ao encontro de minhas memórias: uma infância marcada pela carência afetiva em relação ao amor paterno.

O meu apelido, dado por meu pai, é o nome desse capítulo: Ovo de “Pélia”, o molenga, o mole da turma.

Dos meus irmãos, eram mais ou menos assim: Gasmurrão, boi ou um bezerro grande; Vara Pau, alto, grande; Cabelo de “Graia” (Gralha), volumoso; Cacunda Larga, costas; Sem Arreio, cavalo não domado; Mal criado, rebelde ou mal educado e Ovo de “Pélia”, ovo ainda não formado, ainda sem a casca dura. Quando meu pai não estava irritado, o que era raro, ele nos chamava pelos nomes.

O meu apelido tinha toda a sua razão de ser, devido à saúde frágil, com constantes inflamações na garganta, febres acima de 40 graus e crises

convulsivas; enfim, eu era uma criança muito mole mesmo.

A doença, além de limitar bastante a minha vida infantil em relação às brincadeiras, desenvolvimento de amizades, estudo e do desprezo por parte de meu pai, promovia constantes idas ao médico, muitas injeções de Benzetacil 1,2000 UI e o uso de Gardenal, que é um barbitúrico anticonvulsivante e o Colubiazol spray.

Apesar de ser criança, os nomes desses medicamentos e as dores das injeções jamais me saíram da memória.

Mas, a motivação maior do meu pai em me chamar de Ovo de “pélia” era provocar minha mãe, que me protegia de forma exacerbada; concedia-me atenção diferenciada em relação aos meus irmãos e, ainda, os obrigava a ajudá-la a me vigiarem.

As discussões de meus pais por minha causa eram constantes, pois ele queria me corrigir em situações de desobediência, e minha mãe, em nome de minha doença, sempre que podia, o impedia.

Nos momentos dos ataques de raiva, que eram diários, meu pai pegava qualquer objeto que encontrasse como pedaços de pau, adobe e painéis, e jogava no primeiro filho que passasse em sua frente, embora preferisse usar fio de eletricidade para nos surrar. A gente corria e nem sempre o punido era o responsável pela provocação. Eu me lembro de uma dessas surras, afinal, sempre tem uma que a gente nunca esquece.

Às vezes a punição era coletiva, assim o responsável seria realmente punido. Quando um de nós era punido no lugar de outro e o questionávamos, a resposta era sempre essa: *“problema seu, quem mandou ser xereta (participar, se envolver, estar por perto)”*.

Mas, o vocabulário usado no momento da “taca”, ou mesmo antes, como ameaça, era o que mais me assustava, pois, afinal, eu apanhei muito pouco, porque Ovo de “Pélia” não apanhava facilmente.

Meu pai desconsiderava o trabalho e a contribuição de minha mãe, minha avó e dos filhos maiores, que já trabalhavam. Ele caprichava nas palavras:

“Olha gente, é muita boca para um só sustentar! Esse Ovo de “Pélia” é o pior deles, só sabe ficar na barra da saia da mãe. Doente, não pode nada, mas responder sabe; olha que uma hora eu te pego, te faço pedacinho e piso em cada um deles. Esse Ovo de “Pélia”, pra cumê (comer) e responder é bão. Gente, olha, olha! Eu tô para dar esse tal de derrame, com essa filharada que num quer saber de trabalhar, só quer cumê e vagabundar o dia todo”.

Meu pai começava pelos apelidos e narrava os pontos negativos de um por um dos filhos. Nós, em casa, não conseguíamos entender, na prática, a quem especificamente era direcionada a fala de meu pai; o mais lógico seria

à minha mãe, a quem ele acusava de ser a culpada de tudo que ele considerava errado, especialmente no comportamento dos filhos, mas ele falava sozinho, palavras direcionadas ao vento; era uma dose diária de xingação e desabafo neurótico do meu pai.

Ninguém ousava interrompê-lo ou dialogar, a não ser minha mãe que, às vezes, ousava falar-lhe para ter cuidado com a saúde, alertando-o de que falar assim, fazia mal a ele mesmo. Era como tentar apagar o fogo com gasolina. Sua raiva se voltava totalmente contra minha mãe, para quem ele destinava vários apelidos:

“Cuviteira (protetora dos filhos), excomungada, boca aberta (falta de repreensão dos filhos), só sabe ficar do lado desses gasmurrões. Eu num queria casar, mas não, tem que casar, tem que casar! Taí deu no que deu, muito socó para um socó sozinho coçar. Olha a gente! Eu fico cortando os dedos para dar conta dessa filharada. Ceis tudo num vale de nada e, ocê Antônia, só puxa para o lado desses meninos”.

Eu não entendia como havia essa divisão na cabeça de meu pai, filhos de um lado e ele de outro, e se queixava por minha mãe, por não estar do seu lado. Afinal, não éramos uma família? Uma coisa era bem clara em casa: a ira e os ataques de raiva de meu pai eram maiores e mais acentuados comigo, comparado aos que tinha com os meus irmãos. Antes do meu nascimento quem ocupou essa posição foi meu outro irmão, o Tãonzinho.

Existem alguns fatos relacionados a mim, que não justificam, mas talvez expliquem a dificuldade de relacionamento entre meu pai e eu.

Nas três últimas gestações, meus pais foram alertados pelo médico assistente sobre os riscos de vida que a mãe e os bebês corriam, e recomendava que ela não engravidasse mais. A solução encontrada por meu pai, um homem não alfabetizado e recém-chegado da roça para um centro urbano como Goiânia, foi interromper o relacionamento sexual com minha mãe, para que ela não mais engravidasse e, portanto, não corresse o risco de morrer.

Meu pai não falou com ninguém sobre essa decisão; minha mãe viveu 34 anos após o meu nascimento e morreu sem saber o real motivo dele ter cessado a intimidade sexual com ela.

Lembro-me da preocupação dela, inclusive de procurar medicamentos para meu pai superar essa questão, chegando a desconfiar dele ter relacionamento extraconjugal.

Esse segredo meu pai só revelou para Daniella, sua neta e filha da Lúcia, com quem tinha confiança de conversar sobre si, treze anos após a morte de minha mãe, quando já era membro ativo da Igreja Evangélica Deus é Amor, o que contribuiu, talvez, para a abertura desse segredo. Com

isso, concluí que eu era o marco do tempo em que ele encerrou seu prazer sexual.

Possivelmente, o que também tenha contribuído para essa dificuldade de relacionamento, seja o fato de meu nascimento ter coincidido com o início de seu trabalho como guarda noturno, com apenas uma folga semanal, às sextas-feiras. Com o ambiente carregado de casa, e eu ainda dormindo com minha mãe, realmente não havia ambiente para desenvolver uma intimidade entre o casal.

Segundo Fátima, foi por ocasião de minha gestação que minha família fixou residência na invasão do Setor Sul, onde moramos por cerca de 17 anos. A casa, por um longo período, era composta por apenas dois cômodos, sendo uma cozinha e um quarto, onde toda a família dormia: meus pais, os filhos e, ainda, nossos avós maternos, Luzia e Quirino.

Antes desse período, quando meus pais mudaram de Paraúna, minha família morou em um barracão de aluguel no Setor Fama. Depois passou uma noite em uma casa com a mudança na carroça, porque a proprietária da casa não quis alugá-la para uma família com tantos filhos. Em seguida, ainda pagando aluguel, minha família morou no Setor Universitário, próximo à Vila Caixote.

Depois disso, mudarmos definitivamente para o Setor Jardim Bela Vista, próximo ao Parque das Laranjeiras, para a residência de nossa propriedade. Ela era simples, mas parecia uma mansão, comparada com a casa do Setor Sul.

Em sua entrevista, Fátima lembrou que um pouco antes do meu nascimento, a Igreja Presbiteriana do Brasil em Goiânia, por meio da Congregação do Setor Universitário, realizava cultos em nossa casa, que se tornou como um ponto de pregação dessa congregação.

No início, os cultos aconteciam no quintal, debaixo de um pé de maracujá e os bancos eram improvisados em tábuas sustentadas em latas cheias de terra ou areia; depois, a igreja construiu um salão de tábuas e as pessoas se assentavam em tamboretas e em bancos de madeira.

Minha mãe era católica e minha avó Luzia, além de católica também era benzedeira, mas ambas se tornaram evangélicas, juntamente com várias senhoras, alguns senhores e jovens moradores da invasão do Setor Sul.

A igreja ajudou com o trabalho social que desenvolvia, distribuindo roupas, leite em pó e, às vezes, cestas de alimentos. Muitas dessas ajudas, como roupas e o leite em pó, vinham dos Estados Unidos.

Dona Antonieta, Abisalão, Senhor Antônio Jorge, da Igreja Presbiteriana e Dona Maria Pinto de Souza, que pertencia à Igreja Cristã Evangélica da Avenida Paranaíba, no Centro de Goiânia, foram algumas das pessoas

que trabalharam na evangelização dos moradores da invasão do Setor Sul.

De acordo com Fátima, quando eu nasci, minha mãe já havia se convertido ao evangelho, por isso, fui batizado na igreja Presbiteriana e não tinha padrinho nem madrinha, diferente de meus irmãos, o que me deixava em desvantagem em questão de ganhar presentes.

Com a igreja funcionando em nossa casa, nós, com exceção de meu pai, nos aproximamos da igreja nas atividades desenvolvidas por ela, como os cultos, a escola bíblica dominical, as peças de teatro, os jograis e ainda decorávamos e recitávamos versículos bíblicos. Fátima, Zezinho, Hamilton, Lucia e eu, apesar de muito pequeno, éramos os mais envolvidos nessas atividades.

Posteriormente, foram construídas duas salas pequenas para o funcionamento da escola bíblica dominical para crianças. Com o crescimento do número de frequentadores, o salão de tábuas foi aumentado, e assim foi reformado; as paredes de tábuas foram substituídas por paredes de adobe. Essa reforma teve a importante participação do Tãozinho e dos outros irmãos.



foto: acervo do autor

Fachada de uma das casas vizinhas e idêntica à casa onde Roberto nasceu e viveu até aos 15 anos com sua família, tanto em sua arquitetura, quanto no material usado na construção: adobe. Essa casa se encontra preservada há mais de 50 anos.

Fátima continua seu relato:

“Não sei a causa, mas os trabalhos da igreja foram paralisados e o salão se transformou na sala da nossa casa, sendo o único que não era de chão batido, mas de cimento de cor vermelha; as salinhas da escola bíblica para crianças foram utilizadas como quartos, um era da Lúcia, o outro era da minha mãe. Como meu pai trabalhava como guarda noturno, você dormia

com minha mãe. Foi construído mais um quarto, onde dormiam o Hamilton e o Tãozinho. O restante da família continuava no quarto antigo: eu, minha avó, Zezinho e o Hailton. Quando Lúcia se casou, em 1974, o quarto dela ficou para mim. Toda a casa era de adobe construído artesanalmente pelo meu pai e demais homens da casa.

No quintal, havia um cômodo de tábuas utilizado para o banho. Essa foi a estrutura da casa. No dia em que mudamos, ela foi derrubada por nós mesmos, como um ato de desabafo ou vingança; não queríamos deixar nada para ninguém. Fomos indenizados e retirados pela Prefeitura de Goiânia que pretendia revitalizar o espaço por meio de um Projeto denominado Cura. Passados mais de 35 anos, nada aconteceu na área, mas só a morte pode apagar as lembranças que formam a memória de quem viveu na casa da invasão Setor Sul”.

O lugar mais aconchegante da casa era a rabeira do fogão a lenha, cercado por paredes cheias de picumãs, as teias de aranha enegrecidas pela fuligem e engrossadas pela poeira aderente, provenientes da fumaça do fogão.

Era sempre à beira do fogão que minha mãe e minha avó contavam histórias da vida na roça, os casos de assombração que, na nossa curiosidade, adorávamos ouvi-los e depois morríamos de medo da Mula Sem Cabeça, do Pai do Mato, Nego d'água, Curupira e tantas outras histórias de pessoas que morreram e voltavam para acertos de contas. Era ali o lugar de reunião da família que acontecia todas as noites.

O quintal era grande. Tínhamos plantações de mandioca, milho, legumes e um pomar com pés de goiaba, abacate, manga e amora. Ainda tinha o chiqueiro que, pelo menos uma vez por ano, nos provia de carne de porco, conservada em latas, na própria banha do capado; galinhas que, aos domingos, minha mãe sempre fazia com macarrão Madremassas nº 05 e feijão grosso. Só de lembrar, dá água na boca, mas ainda tinha limonada de limão china, e doce de mamão ralado, tudo do quintal. Era uma vida rural na cidade.

Minha brincadeira e diversão principal era assistir televisão pela janela da casa de Dona Rita. Assistia as novelas, como: Irmãos Coragem, Selva de Pedra e O Bem Amado, os seriados Viagem ao Fundo do Mar, Perdidos no Espaço, Terra de Gigantes, Noviças Voadoras, Vila Sésamo e outros.

Após assistir esses programas, deitava na cama, desenhava esses personagens com caneta, recortava-os e fazia meus próprios programas, em meu mundo fantástico, onde era o personagem principal. Já fui Tarciso Meira, Francisco Cuoco, Claudio Cavalcante, Almirante Nelson e tantos

outros famosos.

Algumas vezes, Zezinho e alguns de seus amigos se juntavam a mim em superprodução, com elenco vasto e fazíamos os nossos filmes e novelas.



Foto: Alaia Tennisoclis

Coberta confeccionada pela mãe de Roberto, e outros objetos usados por sua família.

Dona Rita, na cabeça de minha família, era rica, pois, não era invasora. O piso de sua casa era todo cimentado na cor vermelha, tinha televisão, fogão a gás, enceradeira; promovia comemoração tradicional de natal em família, enquanto nós, em casa, fantasiávamos, ouvindo os sons das músicas natalinas de sua casa.

Minha baixa autoestima não se referia só ao meu pai. Eu morria de inveja do meu irmão Zezinho, três anos mais velho que eu. Ele engraxava e, aos poucos ia comprando peças para montar a sua própria bicicleta. Ele pintou-a, colocando tinta em bombinha spray de matar insetos. Além disso, Zezinho também jogava bola e finca muito bem, fazia e soltava pipa, tinha seu próprio jogo de botão, e ainda se saía muito bem na escola, principalmente em matemática.

Um tempo de paz e de muito prazer, quando o clima pesado sumia de casa, acontecia quando éramos visitados pelos nossos tios e primos Joel, Ismael, Márcia, Sirley e Sirlene, filhos da tia Dita e tio Nego; e, Vadinho, Osmar e Nivaldo, filhos do tio Geraldo com Tia Isabel, esses eram mais ou menos de nossa idade; era muito bom, não me sentia inferior em relação aos meus irmãos e nem aos meus primos. Eu era incluído nas brincadeiras. Quando eles iam embora a rotina triste voltava. Zezinho, além de não me ensinar a brincar, ainda me chamava por outro apelido: nariz de fornalha.

Outro ponto divergente entre meus pais, se referia à orientação em

relação ao meu trabalho. Assim que comecei a entender que o trabalho nos emancipava, isso aplacava a ira de meu pai em relação aos filhos. Mesmo com condições debilitadas, parti para a luta aos seis anos.

Dona Rita, a nossa vizinha, que sempre nos incentivava a estudar e a trabalhar, me deu meu primeiro trabalho: buscar fraldas sujas e, após lavadas e passadas, devolvê-las na casa de uma senhora que a contratara para esse serviço. Depois disso, tentei vender laranjinhas (geladinhos), porém minha timidez me impediu de ter êxito nessa atividade.

O trabalho em que realmente alcancei sucesso foi o de serviços domésticos em casas luxuosas, na época, conhecidas como mansões. Além de um bom salário mensal para um menor na década de 1960, cerca de NCr\$ 15,00 a NCr\$ 20,00 (cruzeiros novos era a moeda nacional da época), ainda “ganhava” roupas usadas, sobras de comida que levava para casa e saía do trabalho às 15h, horário em que meu pai já estava quase saindo para o seu trabalho de guarda-noturno.

Mas o meu sucesso no trabalho não foi suficiente para diminuir a implicância de meu pai para comigo, ele falava: *“filho meu não faz serviço de mulher”*.

Meus irmãos já trabalhavam. Tãozinho, como pintor e serviços gerais, Hailton e Hamilton no Posto de Gasolina, distante de casa uns dois quilômetros, Zezinho engraxava, fazia frete, carregando sacolas com compras das mulheres que frequentavam as feiras livres; Lúcia trabalhava de doméstica, posteriormente como vendedora em boutique, e residia em seus locais de trabalho; quase não aparecia em casa.

Fátima fazia faxinas, passava roupas e auxiliava minha mãe em casa. Ao contrário de meu pai, minha mãe entendia que meus trabalhos domésticos eram bons e me protegiam do risco de passar mal nas ruas, além de contar com boa alimentação. Ele se preocupava mais com o fato de eu estar fazendo trabalho de mulher.

Enfim, deixei o trabalho doméstico e arrumei emprego no posto de gasolina, onde o Hailton e Hamilton já trabalhavam. Hamilton como borracheiro, eu e o Hailton no setor de lavagem de carros, como enxugadores dos carros lavados. Com carteira assinada, trabalho de homem, parecia tudo perfeito. Apesar de já usar drogas, conseguia desenvolver bem o meu serviço.

Tudo ia bem até o dia em que o lavador de carros esqueceu o banco de uma Kombi bem na traseira do veículo. Terminada a lavagem, o filho do proprietário do posto deu ré na Kombi e atingiu o banco; por coincidência eu estava próximo ao local, e isso foi o suficiente para o filho do patrão descer da Kombi e me atingir com um murro no rosto.

O que mais doeu não foi o soco, mas a humilhação e também o desejo de que, naquele momento, meus dois irmãos adultos reagissem me defendendo. Mas, meu pai nos havia ensinado que o mais importante era o trabalho e que deveríamos suportar tudo para mantê-lo, principalmente se fosse de carteira assinada. Não culpo meus irmãos.

Diante disso, o único caminho que vi à minha frente, foi pedir demissão, embora houvesse fortes apelos para não fazê-lo, por parte de meu pai, do dono do posto e de meus irmãos.

Três meses depois, com ajuda do meu cunhado Celso, consegui um novo emprego na Livraria Planalto, na Avenida Goiás. Iniciei como auxiliar geral; fazia reposição de livros e os transportava de bicicleta cargueira até à Rua 72, ambos os endereços ficavam no Centro de Goiânia. Após dois meses, fui promovido a vendedor, me destaquei nas vendas, mas já estava avançando no uso de drogas.

Fazia pequenos furtos na loja, porque só o salário não era suficiente para comprar drogas e, após um ano, fui demitido. Daí para frente, o uso de drogas, que já era uma dependência forte, me impediu de trabalhar. Eu fazia pequenos bicos até que parti para os furtos e mendicância para sustentar o vício.

Meu maior período de miséria nas ruas e nos vícios estava começando, mas não somente isso, nesse mesmo período, comecei a conhecer um pai que ainda não conhecia. Não me lembro de confrontos, mas sim de silêncio. Sempre que precisei de apoio, inclusive financeiro, houve momentos em que eu simulava estar em situação financeira complicada, meu pai me dava dinheiro.

Quando recebia meus salários, meu pai deixava claro que o dinheiro pertencia a mim. Eu, mesmo com o uso de drogas, passava uma parte do salário para minha mãe, e meu pai nunca interferiu. Quando eu estava no período de reabilitação, no Movimento Jovens Livres, meu pai nunca faltou em uma visita e, todas às vezes, levava sabonete Palmolive e um creme dental Kolynos.

Sem aderir formalmente à religião evangélica, mas pelo fato de eu e meus irmãos estarmos em uma comunidade terapêutica evangélica, meu pai começou a frequentar a Igreja Deus é Amor, em Goiânia. Após a morte de minha mãe, ele se batizou nessa igreja.

Quando terminei meu período de reabilitação, me tornei conselheiro de meu pai. Quase tudo que fazia em relação a sua saúde, pequenas reformas na casa, conversas que precisava ter com meus irmãos, ele só o fazia após ouvir minha opinião.

Meu pai foi um avô muito querido. Fazia-nos poucas visitas dev-

RAÇA E GRAÇA

ido ao seu caráter sistemático. Ele sempre dava algum dinheiro para meus filhos, coisa de R\$ 2,00 e de, no máximo, R\$ 5,00. Eles, além do dinheiro, gostavam das histórias e da forma carinhosa como eram tratados pelo vô João.

Certa vez, tive a oportunidade de conversar com meu pai sobre nosso relacionamento em meu período de criança. Nessa ocasião, nos abraçamos, nos perdoamos, e ele disse que sua única preocupação era ensinar os filhos a serem honestos e a trabalhar.

A partir daí, meu pai se aproximou mais de mim. Quando eu ministrava estudo bíblico aos domingos pela manhã, ele chegava à porta da igreja, me olhava e ia embora. Algumas pessoas o convidavam a entrar, mas ele respondia: *“não, obrigado; só vim ver o Roberto, já o vi, e já vou embora”*.

Nos três anos anteriores à morte de meu pai, consegui, em quase todas as sextas-feiras, tomar café com ele na panificadora próxima a sua casa, onde ele tomava seu café todos os dias.

Outro momento de graça na restauração do relacionamento com meu pai, foi quando ele me visitou na UniEVANGÉLICA. Levei-o para conhecer as dependências da instituição, inclusive a Reitoria, onde foi recebido pelo Reitor.



foto: acervo do autor

Professor Roberto com o seu pai, Sr. João - Anápolis 2004

A seguir, fomos participar de um evento no Auditório Richard Senn. Lá, o Reitor apresentou meu pai, solicitando-lhe que se colocasse de pé e,

espontaneamente, as pessoas que participavam do evento o aplaudiram.

Quando levei meu pai de volta à sua casa, ele disse-me: *“Roberto, de todos os meus filhos, você é o que mais se destacou trabalhando num comércio. O filho que mais me deu orgulho”*.

Com minha mãe nunca tive problema de afetividade, pelo contrário, ela sempre demonstrou carinho até demais.

Louvo a Deus pelos pais que me deu, pois eles lutaram por sua prole o tempo todo, e meu pai nunca saiu de casa. Deram amor e carinho que não tiveram. Sua rigidez foi fruto do desespero de tentar controlar uma família em meio a tanta pobreza, doenças e vícios.

O Senhor João e a Dona Antônia conseguiram criar seus filhos pela graça de Deus! Minha mãe teve seu pedido de oração, de tantos anos de joelhos dobrados diante de Deus, atendido. Ela viu todos os filhos libertos dos vícios, e fez de sua morte uma celebração: escolheu a roupa com a qual ela queria ser sepultada (um conjunto de linho que lhe dei de presente); escolheu também as músicas (hinos) e distribuiu suas plantas entre os filhos.

Ela faleceu após participar da comemoração de suas bodas de ouro, com a presença de todos os filhos, netos e bisnetos.

Meu pai faleceu aos 88 anos, 14 anos após a morte de minha mãe. Avisou aos filhos que havia chegado a hora de sua partida. Organizou tudo sem deixar despesas para ninguém. Faleceu em Caldas Novas, onde passou seus últimos dias, em visita aos filhos Zezinho, Hamilton e Fátima.

Honro aos meus pais com a seguinte declaração: se pudesse voltar no tempo, antes de meu nascimento e tivesse a oportunidade de escolher meus pais, escolheria o Senhor João e a Dona Antônia. Ser filho desse casal foi uma honra e um ato da graça de Deus para comigo!

Capítulo III

VIAJANTE NEGRO

*Sair de casa: uma realidade, uma necessidade,
às vezes uma imposição emocional. Às vezes, sem ter como decidir,
quando e para onde. Só partir e nunca mais voltar.*

Minha saída de casa.

Capítulo III

VIAJANTE NEGRO

Drogas, rua e ilusão



foto: Fernando Marcos Nogueira

Roberto Alves, 1981, Goiânia/GO.

Meu avô materno morreu de cirrose, devido ao alcoolismo. Meu pai teve problema com a bebida alcoólica, embora conseguisse manter sua vida social, principalmente seu trabalho, e parou de beber antes do meu nascimento.

Dos sete filhos, cinco tiveram problemas com bebida. Minha mãe, com seu linguajar religioso, diante desse quadro de filhos viciados, assim se expressava: *“essa panela do Egito me persegue desde que me entendo por gente, primeiro foi meu pai, depois meu marido e agora cinco dos meus sete filhos”*.

Hailton e Fátima, embora vivenciassem as mesmas circunstâncias e o mesmo ambiente que os demais, a vida os empurrou para um caminho diferente, pois ajudavam meus pais na tentativa de libertar os filhos dos vícios. O que para nós foi risco, para eles foi fator de proteção em relação à dependência química.

Quando, ainda na adolescência, iniciei o uso de drogas, eu me encontrava em estado de autoestima muito baixa. Incomodava-me ser preto, pobre, trabalhador de serviços domésticos e em posto de gasolina, pertencer a uma família complicada, com a maioria dos irmãos bebedores de cachaça.

Minha participação na igreja estava muita tímida. As críticas ao sistema religioso vigente e às diferenças sociais eram explícitas, apesar de ser incluso, aceito com amor pela maioria dos participantes da comunidade cristã.

Meus sentimentos de inferioridade não se satisfaziam apenas pela inclusão solidária do amor cristão, aceitando-me como um diferente, carente. Eu necessitava me sentir como um deles, pois, frequentavam a igreja na companhia de suas famílias, estudavam em boas escolas, tinham bons empregos, se vestiam bem, iam à igreja de carro e tinham dinheiro para participar das programações não gratuitas da igreja.

Além de não ser igual a eles, ainda enfrentava todos os problemas da pré-adolescência e início da adolescência com os desafios da puberdade, a necessidade de sentimento de pertencimento e relevância. Aconteciam as mudanças físicas por todo o corpo, inclusive na voz. Afloravam muitas fantasias, sonhos, paixões, necessidade urgente de fazer sucesso com as mulheres, principalmente com os quatro irmãos, exibindo-se nessa questão.

No início e, por um bom período, o uso de drogas significou para mim a grande solução para superar tudo aquilo que me afligia, ou me fazia esquecer, sentir, não sentir, entorpecer. E foi o que aconteceu: ora me sentia o máximo dos sucessos, mesmo que no reino da fantasia, ora me sentia embriagado, entorpecido e os meus problemas esquecidos. Mas, os problemas continuavam lá onde se localizavam e iam aumentando de proporção, como eu não os sentia, era como se não existissem.

Iniciei, quase que simultaneamente, o uso de drogas e de bebidas alcoólicas. Além de cigarro e maconha, sempre acrescentava mais uma nova droga ou forma de usar. Comprei maconha e a usei pela primeira vez logo após participar de uma atividade na igreja, na escola bíblica dominical, devido ao meu estado de apatia e de crítica à igreja e à religião. Interrompi minha frequência à igreja e só retornei quando conheci Alan (nome fictício para preservar a identidade).

Alan era um jovem que frequentava uma igreja evangélica no centro de Goiânia, tocava violão e cantava em colégios para evangelizar. Foi numa dessas visitas que fez ao Colégio José de Alencar, no Setor Sul, que eu o conheci. Lembro-me que a letra de uma das canções que ele cantava se referia a Jesus como realidade: *“Ele é realidade, ele é realidade, ele não é*

sonho, ele é real". O trabalho religioso de Alan me reencaminhou à igreja.

Alan também era um ex-usuário de drogas a quem, numa recaída ao uso, eu pedi, implorei e insisti para que me fornecesse maconha. Depois de muita insistência, Alan me vendeu uma porção de maconha (uma perna) e fomos até a Feira Hippie, na Praça Cívica, em Goiânia, onde me ensinou a usar. Queria experimentar a grande droga da moda na década de 1970, "a maconha".

A partir desse momento, nos tornamos grandes amigos e por meio dele me sentia incluso no grupo dos usuários de drogas do Setor Sul, além de me sentir afetivamente melhor; socialmente me sentia importante, pois estava envolvido com moradores de bairro nobre de Goiânia.

A partir desse momento, nos tornamos grandes amigos e por meio dele me sentia incluso no grupo dos usuários de drogas do Setor Sul, além de me sentir afetivamente melhor; socialmente me sentia importante, pois estava envolvido com moradores de bairro nobre de Goiânia.

Eu me perguntava: porque pessoas com condições financeiras confortáveis e com pais aparentemente equilibrados e carinhosos, também usavam drogas e conviviam com pessoas como eu? Sentia-me como um deles, pois as diferenças sociais, apesar de existirem, não eram tão perceptíveis, pelo menos para mim, que estava iniciando.

Entre os usuários de drogas, uns detinham mais privilégios e respeito, devido às drogas que usavam e como usavam. Por exemplo, os que preferiam as injetáveis, eram tidos como superiores aos usuários de maconha e bebidas alcoólicas, os "bebuns".

O fator econômico também contava ponto, pois, os que eram sustentados pelos pais, não necessitavam se envolver em atividades de tráfico, roubos ou furtos para a manutenção do vício.

Quem praticava furtos, principalmente de pequeno porte, tinha status diferenciado, dos que assaltavam ou praticavam delitos de maior gravidade. As personalidades também eram fatores que agregavam ou diminuíam o capital social: os mais aventureiros, corajosos e radicais, principalmente no confronto com a polícia e familiares, sobressaíam em relação aos mais tímidos e medrosos.

Enfim, era uma doce ilusão e grande fantasia a tão decantada "Sociedade Alternativa"; o mundo dos usuários de drogas não constituía e não constitui uma sociedade à parte do mundo dos não usuários de drogas; pelo contrário, é uma reprodução dele com leis, códigos, inclusão, rejeição, repressão e liberdade, com alto controle social, onde o fator econômico é determinante.

Essas diferenças não eram tão explícitas como estão aqui nessa nar-

rativa. Na roda de maconha, por exemplo, numa paulista (onde o baseado era compartilhado de mão em mão e de boca em boca), todos nós sentíamos iguais, curtíamos as mesmas coisas e estávamos juntos diante das paradas que surgiam. Com isso, me sentia motivado a consumir mais drogas e gastar todo o meu tempo e dinheiro nessa atividade. Demorei em descobrir que saí do espeto e caí na brasa.

Além das drogas fazerem parte da realidade de minha família, minha timidez e sentimento de inferioridade, contato com bebidas alcoólicas em minha própria casa, acesso à maconha e outras drogas por meio do Alan, meu uso de drogas também foi influenciado pelas propagandas de televisão, rádio, jornal e cartazes da década de 1970. Elas anunciavam produtos e serviços que minha condição financeira não podia me proporcionar, o que aumentava minha frustração e gerava uma necessidade enorme de encontrar algo que aplacasse esses sentimentos de frustração por não ter e por não ser.

As mensagens desses comerciais, que na época mexiam muito com minha realidade interior, hoje me fazem sorrir: “*Não se esqueça da minha Caloi*” comercial da bicicleta Caloi; “*Lux de luxo*”, quando tinha sabonete em casa era Palmolive; meus irmãos que eram chiques, usavam Phebo, eu tomava banho com sabão de bola, feito pela minha mãe e minha avó. “*Quanto mais Arno, melhor*”, a marca mais famosa que tínhamos em casa era panela de pressão da Cloc. Além de inúmeras propagandas de cigarros, que foram proibidas em 2001 e, ainda, as propagandas de bebidas alcoólicas.

As outras drogas contavam com mídia natural promovida pelo boca a boca dos próprios usuários e pela sociedade não usuária, que sempre ressaltava os malefícios, e a demonização dos traficantes; pelos profissionais da repressão que responsabilizavam usuários e traficantes de drogas pela maioria dos crimes existentes.

Tudo isso, em uma época que ainda não existia o Estatuto da Criança e Adolescente- ECA e nem Conselhos Tutelares, e que portanto, o uso de drogas era um crime com pena de privação de liberdade.

Dispersão, rua, roubo e polícia:

Havia muita vigilância da polícia, o que provocou uma dispersão de forma natural do grupo, e os poucos que ficaram, tinham condições financeiras. Eu já não trabalhava mais e, para manter meus vícios, fazia pequenos furtos.

Afastado de Alan e do grupo de usuários de drogas do Setor Sul,

a cachaça, o cigarro e a maconha tornaram-se as minhas drogas principais. A minha dependência química já era forte. Fumava duas carteiras de cigarros, consumia duas garrafas de cachaça, maconha e outras substâncias, diariamente.

Com esse alto consumo de drogas, sempre me encontrava desempregado, e não conseguia nem sequer pequenos bicos, como por exemplo, enxugador de carros em lava-jatos. Minha alternativa foi partir para a prática de pequenos furtos, uma vez que não tinha preparo, e conseqüente coragem para realizar furtos maiores ou roubos.

Furtava, principalmente, camelos (bicicletas) e fazia varal. Fazer varal significava furtar roupas e tênis que ficavam estendidos em varais nos quintais das casas de mais fácil acesso, protegidas por muros baixos ou grades. Os furtos e roubos aconteciam para manutenção financeira e também para obtenção de maior prestígio. Quanto mais violento, vândalo, vagal (vagabundo), mais era respeitado pelos usuários de drogas. Nesse sentido, meu prestígio era baixo, porque praticava pequenos furtos que envolviam poucos riscos.

Depois de um tempo com esse estilo de vida, fiquei muito manjado, observado, por moradores no meu bairro e até de outros bairros. Já era marginalizado por morar na área de invasão de bairro nobre. A polícia também já estava de olho em mim, e eu também tentava esconder a real situação de minha família, para evitar que minha mãe sofresse mais do que já sofria.

Diante dessa realidade, meu próximo estágio foi a rua entre os mendigos. Minha companhia já não era interessante para os demais companheiros e “amigos” e eles começaram a me evitar.

A rua passou a ser o lugar mais seguro e acolhedor para mim, bem mais democrática, se comparada com outros ambientes. A liberdade era real, o espaço geográfico era grande, sem exigência de dinheiro. O passado das pessoas não era importante, o presente e o futuro eram um só para todos que viviam ali, ou seja, a subsistência do dia a dia.

A conversa que rolava entre a gente era: *“quem conseguiu comida hoje, quem tem cigarro, um gole de pinga? Hoje eu tenho que conseguir um baseado, hoje eu como alguém (fazer sexo), não importa quem. “Pô, tá pintando sujeira, o povo lá de casa tá falando em me buscar e me internar”. Outro colega respondia: “quem está atrás de mim é os homes (polícia)”*. Essa era a conversa que dominava e promovia o ambiente.

Era grande a sensação de liberdade, por conta dos vários grupos diversificados que conviviam no mesmo espaço: bêbados, maconheiros, mendigos, prostitutas, travestis, desabrigados, pessoas que aparentemente

tinham tudo e estavam bem, mas não suportavam a convivência em casa, doentes mentais, endividados e fugitivos da polícia.

A solidariedade era grande, todos saíam em busca do que o grupo precisava e tudo era dividido: roupas, comida, drogas, revistas, livros, objetos de maiores valores como panelas, talheres e aparelhos de som.

O odor pela falta de higiene parecia não incomodar ninguém. Lembro-me de que nesse período eu não tomava banho, não escovava os dentes, não cortava as unhas e nem cortava o cabelo, embora o mantivesse arrumado no estilo Black Power.

Não cheguei a morar na rua, pois retornava à noite para dormir em casa. Durante o dia magueava, ou seja, mendigava, pedindo moedinhas nos semáforos e prato de comida nas casas. Uns doavam por medo, outros por dó, mas dificilmente éramos maltratados ou agredidos fisicamente ou verbalmente. Recebíamos doações de grupos de instituições sociais e os religiosos, pastorais católicas, espíritas e evangélicos.

Apesar de formarmos um grupo em situação de rua, éramos respeitados e não havia servidores de governos, como conselheiros tutelares, assistentes sociais, agentes do ministério público, policiais que interviam, querendo nos tirar do nosso espaço ou nos organizar.

Alguns de nossos companheiros aceitaram convite de instituições para saírem da condição de rua, mas voltaram depois de um tempo reclamando que não suportaram a disciplina, as normas e a rigidez de horários.

Sentíamos-nos superiores e desprezávamos as pessoas não pertencentes à nossa sociedade alternativa; nós as considerávamos pessoas presas às regras morais de uma sociedade hipócrita. Entretanto, chegou o momento em que o ciclo do meu tempo nas ruas de Goiânia estava ficando insustentável.

Estávamos manjados e visados, tanto por algumas famílias que queriam proteger seus filhos e a paisagem (lugares públicos, praças, ruas que se tornavam poluídos pela presença de usuários de drogas e pessoas em situação de rua), quanto pela polícia que iniciou as rondas constantes por onde vivíamos, fazendo perguntas e prendendo alguns.

Prender-me não era uma coisa difícil de acontecer, pois estávamos em pleno regime militar e a Lei nº. 6.368/76-Lei Antitóxicos, previa prisão para usuários de drogas não legais. Esta situação só foi modificada em 2006, com a Lei 11.343/06.

Com a família também, a situação começou a ficar difícil. De vez em quando meu pai quebrava meu galho e ajudava-me a pagar as dívidas com os fornecedores de drogas. Minha mãe estava cada vez mais triste e doente, devido à situação dos cinco filhos. Eu não conseguia mais nem pequenos

bicos para ter algum trocado, como lavagem de carros.

Diante disso, a saída foi me mudar para Barra do Garças, em Mato Grosso, e morar com a minha irmã Lúcia, que era alcoólatra. Passei a depender do meu cunhado que, agora além da esposa, tinha um menor, adolescente, em casa. Foi um projeto que logo percebi que não daria certo. A expectativa era que meu cunhado me arrumasse um emprego e eu parasse de usar drogas, mudando de vida. Mas, isso não aconteceu.

A vida de mendicância se intensificou em Barra do Garças, e tudo acontecia escondido da minha irmã e de meu cunhado. Eu pensava comigo: “se eu voltar para Goiânia, encontrarei uma situação mais difícil do que a que deixei”.

Minha vida, se é que podia ser chamada de vida, se resumia em mendigar às margens do Rio Araguaia, em Aragarças- GO, para ter alguma comida e drogas. Meu consumo diário geralmente incluía 2 garrafas de cachaça, de uma das marcas 29, 51, Chora Rita, Tatuzinho, Velho Barreiro ou Chapinha, 2 carteiras de cigarros, maconha e o mais que rolasse.

Com a presença de turistas, por ocasião de alta temporada, minha situação ficava menos apertada, pois os comerciantes às vezes me ofereciam alguns pequenos serviços. Além disso, eu me transformava em uma figura folclórica, contador de piadas e histórias que eu mesmo inventava. Porém, quando terminava a alta temporada, tudo ficava muito deprimente com a chuva e o frio do lugar, o deserto de barracas e os exploradores do comércio turístico que sumiam devido à falta de movimento.

Não demorou muito tempo e me tornei figurinha carimbada: preto, sujo, menor, quase completando 18 anos e usuário de drogas. Enfim, seria melhor que eu não estivesse por perto.

O processo do fim:

Primeiro, a consciência inequívoca de que minha situação não podia continuar; segundo, todos os meus recursos se esgotaram, precisava de algo novo, diferente de tudo que já havia experimentado; terceiro, sabia que a solução para minha situação passaria pela fé cristã, que um dia havia experimentado. Seria um retorno, como na Parábola do Filho Pródigo.

Consciente da necessidade de mudança, eu fui à igreja mais próxima, mas ela estava fechada e, mesmo pelo lado de fora, fiz essa oração: “*Deus, se tu existes, me tira dessa latada em que entrei*”. Minha oração se resumiu nessa simples frase.

A carta:

Não me lembro de quanto tempo se passou após essa oração, mas sei que em questão de dias, recebi uma carta de minha irmã. É bom lembrar que naquela época não havia internet, a gente se comunicava por meio de cartas manuscritas.

Nessa carta, Fátima me informava que o Hamilton, nosso irmão mais velho se encontrava na Casa de Recuperação Movimento Jovens Livres – MJL, em Goiânia, se recuperando da dependência alcoólica, há dois meses. E me convidou para dar o mesmo passo, deixar do uso de drogas, reabilitando-me no MJL.

O retorno:

Não tive dúvidas de que era Deus respondendo minha oração feita na porta da igreja. Aceitei o convite, porém não tinha forças e nem dinheiro para dar os passos necessários, além disso estava com muita vergonha de chegar a Goiânia pior de que havia saído. Eu não sabia, mas acontecia uma grande articulação em Goiânia para o meu retorno. Graça de Deus!

Fátima foi aconselhada pelo Pastor José Guedes, um velho amigo que sempre a incentivava em relação à igreja e a cursar teologia no Centro Teológico Jovens Livres, e, foi nessa condição que conseguiu a internação do Hamilton no MJL.

O regulamento do Movimento Jovens Livres não permitia que duas ou mais pessoas da mesma família participassem do seu programa de reabilitação, nem amigos ou companheiros de uso de drogas, porém Fátima insistiu muito com a fundadora e diretora do MJL à época, a missionária Ana Maria Avelar de Carvalho Brasil, para que abrisse uma exceção e me recebesse também.

No entanto, havia outro empecilho: eu ainda era menor. Contudo, Fátima não se abateu com as dificuldades e insistiu, argumentando que dentro de dois meses eu completaria 18 anos. Diante dessa insistência toda, a irmã Ana Maria concordou em me receber.

A viagem de volta:

Alguém precisaria me buscar, pois sozinho não conseguiria vir. Estava emocionalmente arrebatado e não tinha forças nem para chorar. Foi aí que entrou em cena mais uma pessoa usada por Deus para me ajudar: minha prima Márcia. Mesmo não sendo usuária de drogas, ela conhecia o

Alan e o procurou para que lhe vendesse certa quantidade de maconha.

De posse dessa mercadoria, ela foi até Barra do Garças para me buscar. Passou-me a substância, pagou-me umas pingas e cervejas, e depois de um curto período eu apaguei. Não sei se dormi ou se desmaiei, pois, só fui acordar na Estação Rodoviária do Bairro Campinas, em Goiânia, após uma viagem de ônibus que durou cerca de 8 horas.

A entrada no Movimento Jovens Livres:

Ingressei-me no programa de triagem que durava em média trinta dias, concorrendo a uma das poucas vagas disponibilizadas para um grande número de pessoas que queriam se recuperar.

As reuniões aconteciam no Centro de Evangelismo, no Setor Vila Nova, três vezes por semana, no período vespertino, quando participávamos de cultos, aconselhamentos e orientações sobre o programa interno de reabilitação, com duração de doze meses.

No programa de triagem, conheci os outros candidatos que, semelhantes a mim, aguardavam uma vaga para se recuperarem no MJL. Fui apelidado por eles de o irmão do Holly, porque sempre levava cigarro Hollywood e distribuía entre eles.

Iniciei um relacionamento com aqueles que se tornaram meus contemporâneos de recuperação, grandes amigos e “irmãos em Cristo”, expressão que usávamos entre nós: Fernando Marcos, Luiz Carlos Paranhos, Iron Alves, Carlos de Uruana, Antônio Arcelino, Natanael Carneiro, Aluizio Tolentino, Roberto Barbosa, Paulinho, Celso de Cuiabá, Odilon, Hamilton meu irmão, e vários outros.

Fui o último a aceitar as regras e entrar no programa interno. Eu queria, mas algo que não sei explicar me fazia resistir. Minha mãe e minha irmã Fátima só faltavam ajoelharem-se aos meus pés para que eu entrasse no MJL, porque diante de Deus, era o que elas e várias outras pessoas estavam fazendo.

Meus companheiros do programa de triagem entraram e só restava eu. Se resolvesse entrar depois, seria com outro grupo diferente. Este fato me causou certo impacto e me ajudou na decisão de entrar.

A maioria de nossos contatos era com os responsáveis por aquele programa, a Heloísa Helena e seu esposo, o Rubsom. Porém, devido à minha resistência, depois do atendimento convencional, fui encaminhado para um atendimento especial com outro integrante do Movimento Jovens Livres, o João Batista, que descreveu de forma bem dramática meu estado de miséria, com a técnica de humilhar-me para ver se eu reagiria.

Não posso negar que mexeu um pouco comigo. No mesmo dia, passei por um terceiro atendimento, bem diferente do segundo. Fui recebido pela Missionária Ana Maria, a “*Irmã Ana*”, numa casa na Rua 52, no Bairro Popular, hoje denominado Setor Central.

Depois de tentar resistir às palavras calmas e de amor da irmã Ana, aceitei entrar. Jamais esquecerei as palavras dela naquele dia: “*Filho, o seu momento de mudar de vida chegou, Jesus te ama e tem um plano em sua vida. Uma nova vida iniciará para você hoje, diga sim. É hoje! Diga sim para Jesus*”.

Ela não me falou sobre drogas, sobre o meu passado e nem sobre presente, mas só do futuro novo que me esperava: “*queremos recebê-lo em nossa casa, na casa do líder Jesus*”. Tentei convencê-la de que iria à minha casa para buscar roupas e outros objetos, mas nada foi mais forte que aquelas palavras de amor: “*filho, você irá hoje e agora*”.

Disse-lhe, sem muitas forças para resistir, virei amanhã bem cedo, mas hoje não. Mais uma vez, com voz doce, mas com muita firmeza, Irmã Ana me falou: “*filho, você não está entendendo, você irá hoje*”.

Sem forças para resistir, concordei em ir e já era noite quando entrei na carroceria da Caminhonete C10, azul marinho, conduzida pelo tio Deoclides - mais conhecido como tio Dió, e cheguei à Rua 7 nº 290, Vila Coronel Cosme, hoje Setor Parque Industrial.

O último cigarro e o copo de leite:

Fui recebido pelo Luiz, um voluntário responsável pela recepção dos novos integrantes no MJL, que me deixou fumar um cigarro e disse: “*esse será o último cigarro que fumará em sua vida*”. Depois me deu um copo de leite gelado.

Ambos os gestos tiveram um significado extraordinário de graça para mim: o primeiro, porque já fazem mais de 30 anos que fumei meu último cigarro; o segundo, o copo de leite, significou um brinde à minha chegada ao lugar de acolhimento de miseráveis e pessoas sem valor, como eu me sentia.



Foto: Eduardo Coelho (UnifOros do site UNIVANGÉLICA)

Ao completar 30 anos de sua reabilitação no MJL, Roberto realiza um culto em ação de graças, tendo o Pastor Paulo Brasil como dirigente.

Outro fato que mexeu muito com minhas emoções em minha entrada e primeiros momentos no MJL, foi o de me dispensarem da revista, o famoso “baculejo”, a que todo ingressante era submetido para evitar a entrada de drogas e outras coisas incompatíveis com o ambiente de uma comunidade terapêutica como aquela. Já havia muito tempo que ninguém demonstrava confiança em mim.

Entrei pelos fundos, pela cozinha, e depois fui ao salão principal, que funcionava como capela e refeitório. Lá percebi a presença dos amigos que conheci no período de triagem, e do meu irmão Hamilton, que participavam de um momento de oração.

Os quatros primeiros meses na reabilitação foram muitos difíceis, especialmente os três primeiros dias, quando quase desisti por causa do cigarro. As dificuldades acabaram sendo vencidas pela intensa programação com atividades religiosas, que tinham duração diária de quase dezesseis horas: leitura bíblica, oração, oração e mais oração, exposição bíblica, cânticos (e como eram terapêuticos os cânticos!), aconselhamento, um pouco de trabalho (este, denominado laborterapia). As visitas ocorriam apenas uma vez por mês, e vinham meus pais e minha irmã Fátima.

Éramos vigiados vinte e quatro horas por dia, até quando usávamos o banheiro, pois os mesmos não possuíam portas. O período de trabalho e todas as outras atividades, eram acompanhados por um monitor, logo, não dispúnhamos de privacidade sequer para tomar banho. Diante de minha grande timidez, da pouca experiência com o uso de drogas comparado aos outros internos, e da idade dos mesmos que tinham entre 25 e 50 anos, ao contrário do Paulinho e de mim que tínhamos 18 anos, meu refúgio foi desenvolver uma intensa vida espiritual.

Nessa época, cheguei a ler a bíblia toda, quase três vezes, em quatro meses. E assim me mantive longe de quase todos, com um muro de

proteção em relação aos demais companheiros, pois os considerava mais experientes e eu, portanto, o patinho feio da turma.

Essa imagem de espiritual me rendeu um pouco de respeito. Embora fosse considerado chato por parte dos meus companheiros, conquistei meu espaço e tornei-me respeitado pela turma. Exatamente por essa imagem, associada ao fato de já ter sido evangélico antes e conhecer um pouco mais da bíblia, passei a ser frequentemente procurado para dar alguma orientação ou atender pedidos de oração.

Do quinto ao décimo terceiro mês – considerando que minha reabilitação aconteceu em treze meses - minha reação foi totalmente diferente. A imagem que eu tinha de espiritual foi se desaparecendo e aproximei-me mais dos colegas de recuperação, especialmente daqueles cujos nomes foram citados, com destaque para o Fernando, com quem mantenho contato até os dias atuais.

Outro fato que me deu forças para vencer as lutas no programa de reabilitação, foi ter meus irmãos também libertos no MJL. A Lúcia, o Hamilton e o Tãozinho, foram meus contemporâneos. O Zezinho participou do MJL quando eu já atuava como voluntário.

O trabalho do MJL em nossas vidas significou mais que reabilitação, pois, além de nos reconciliarmos com Cristo, Lúcia, Zezinho e eu nos tornamos pastores.

Identifiquei-me de tal forma com o trabalho desenvolvido no MJL que, após minha reabilitação, permaneci ali, integrando seu corpo de colaboradores, o que me fez muito bem, já que além da realização pessoal, foi lá que conheci Marlene.

Capítulo IV

JOVENS LIVRES

*Oportunidade gera oportunidades. Ninguém vive uma
vida sem que a oportunidade o encontre.
Discerni-la, entendê-la, aceitá-la e adequá-la é preciso.
Minha oportunidade de vida em vida.*

Capítulo IV

JOVENS LIVRES

O início da escalada



foto: cedida por Renildo Azevedo

Roberto Alves, em seu período de reabilitação no MJL – 1981. O do meio entre os três de costas. Em pé, no primeiro plano Pastor Renildo Azevedo, voluntário no MJL.

Terminei meu programa de reabilitação no Movimento Jovens Livres/ MJL aos 18 anos, em 08 de julho de 1982, e já no dia seguinte, me envolvi em trabalho social, voluntário e missionário, onde permaneci por cerca de 14 anos.

Coloquei em prática o desejo que se tornou um sonho e mais tarde, entendi que se tratava de um chamado, de vocação, sacerdócio, profissão e minha causa de vida.

O MJL, era mais que um programa de reabilitação e centro de formação, era uma escola de vida, principalmente no aspecto prático. Aprendi a cozinhar com o Gilvan, um residente que colaborei em sua reabilitação; cheguei a ser coordenador da cozinha, que diariamente, fornecia refeições para quarenta pessoas.

Com o Hamilton, meu irmão e também meu contemporâneo de recuperação, aprendi a capinar e matar cobras, pois a chácara do MJL ficava numa região de brejo, onde havia muitas cobras jararacas. Aprendi

RAÇA E GRAÇA

também a fazer canteiro e plantar verduras, desde o processo da escolha da semente, até a colheita.

Atuei na fábrica de rodos, e ia duas vezes por semana ao CEASA/ Centrais de Abastecimento de Goiás, de box em box, onde recolhia doações de verduras e frutas para ajudar na alimentação. Iniciei como estagiário, acompanhava os residentes mais novos em suas tarefas diárias, ministrava cultos, dirigia reuniões de oração e encorajava os que se encontravam em crises com desejo de desistir.

Outros contemporâneos do meu programa de reabilitação iniciaram comigo a carreira de “obreiro”, expressão usada à época para os voluntários no programa interno do MJL, e por quatorze anos exerci quase todas as funções e cargos existentes na instituição.

Trabalhei na construção e reforma das instalações. O material usado era placas pré-moldadas, muito pesadas e eu as carregava nos ombros e nas costas, o que pode ter dado origem aos meus problemas na coluna.

Aprendi e fazia, diariamente, massa de cimento na betoneira, trabalho que me deixava feliz sempre que a massa ficava bem feita. O pedreiro era o Toninho, gente muito boa e com muita paciência, demonstrava uma grande admiração por mim, por ver meu esforço e dedicação. Ele dizia:

“é incrível como você trabalha, você é líder, obreiro, responsável pelo trabalho espiritual e ainda pega no pesado”. Eu respondia que era assim que havia aprendido. Fui disciplinado pelos meus mentores, Pastor Paulo Brasil e Irmã Ana Maria, que diziam: “o líder espiritual deve dar exemplo em tudo, não só nas questões religiosas, mas também no caráter, na simplicidade de vida e no trabalho material”.



foto: acervo do autor

Reforma e construção das novas instalações do MJL em 1988 - Goiânia-GO

Cuidei de porcos e construímos uma pocilga moderna. Em cada local que trabalhei aprendi uma lição, e na pocilga não foi diferente. Quando fomos transferir os porcos do chiqueiro para a pocilga, alguém me disse que poderíamos tirar as tábuas e os porcos continuariam confinados no mesmo espaço e realmente isto aconteceu.

Refleti e concluí que algumas pessoas são assim: os obstáculos são removidos, mas elas continuam presas, não reconhecem a liberdade, as possibilidades de alcançarem novos horizontes. Via-me assim em alguns momentos e situações, às vezes ainda me sinto assim, então me lembro dessa lição.

Junto com todo esse trabalho, atuava no programa de reabilitação dirigindo cultos, aconselhando, ministrando aulas, acompanhando residentes em suas atividades diárias, semanais e mensais, como: alimentação, trabalho, repouso, despertar, contatos com seus familiares, momentos de crises, relacionamento e convivência com o grupo, vida devocional e tantas outras atividades que envolviam o dia-a-dia de um dependente em reabilitação em uma comunidade terapêutica.

Todas essas atividades foram executadas nas várias funções que exerci no MJL: estagiário, de 2 de junho de 1982 a 08 de abril de 1983; vencido o período de estágio, iniciei uma jornada de vários cursos de capacitação e atualização: Curso de Instrução e Formação/CIF, para atuar no Corpo de Trabalho do MJL, concluído em 1990; Curso de Formação de Obreiro, concluído em 1999; Curso de Teologia Nível Médio, com conteúdo, também, relacionado às questões das drogas, concluído em fevereiro de 1991; cursos técnicos e específicos da dependência química.

O trabalho no MJL:

Trabalhar no MJL não significava apenas servir a Deus ou ao próximo, mas ter oportunidade de ascensão social, sentir-se importante.

No meu caso, que nem o ensino básico possuía, vivia nas ruas, significava também, mesmo que em caráter voluntário, inserção no mercado de trabalho e ainda, melhoria da autoestima.

Para um jovem de 18 anos, com toda essa realidade social, trabalhar no MJL era algo almejado e até disputado, mas muito desafiante, pois para alguns que não conseguiam sucesso era causa de recaída ao uso de drogas.

Minha escalada no MJL, incluindo o Ministério Jovens Livres, foi de muitos desafios, acertos, desacertos, vitórias e graça ao longo dos quase 15 anos de dedicação que Deus me permitiu participar e ser participante.

O que considero mais importante foi a oportunidade de participar

da transformação de vida de pessoas e famílias inteiras, como a minha e a do próprio Alan. Em 1987, ele ingressou no MJL com a saúde debilitada e, dois meses depois, livre das drogas e reconciliado com Deus, partiu para a eternidade.

Os olhos da graça sempre estiveram presentes comigo e com o Alan, usando-o, em determinado momento, para me reconduzir à igreja e, usando-me, em outro momento, para reconduzi-lo à verdadeira vida.

O mais importante:

Nas seções de aconselhamento onde o choro era constante, nas aulas que ministrávamos sobre o amor incondicional de Deus pela vida deles, as expressões eram de admiração, quase que não acreditando em algo maravilhoso demais para eles.

Em todos esses anos, pude auxiliar milhares de vidas. Isso não tinha e não tem preço, e foi, sem dúvida, o mais importante em todo o tempo de dedicação nos Jovens Livres.

Quando alcancei a condição de obreiro, desempenhei as funções de Entrevistador do Programa de Triagem, por quase três anos; Coordenador Geral de Fases/CGF (responsável geral pelo programa de reabilitação), por outros três anos; Coordenador do Trabalho de Formação/CTF e, por fim, Diretor de Recuperação, por dois anos, até maio de 1995, ocasião em que acumulei os cargos de Presidente da Assembleia Geral e do Conselho Deliberativo, órgão responsável pela escolha dos dirigentes e planejamento das ações gerais da comunidade terapêutica, seminário e a igreja comunidade de apoio do Ministério Jovens Livres em Goiás.

O MJL deu origem ao Ministério Jovens Livres, também com a mesma sigla, MJL, que chegou a ter filiais em Goiás, nas cidades de Goiânia, Rio Verde e Aparecida de Goiânia; no Maranhão, na cidade de Imperatriz; em São Paulo, na cidade de São José do Rio Preto; no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e Canoas; em Mato Grosso, nas cidades de Chapada dos Guimarães (Água Fria) e Rondonópolis; no Espírito Santo, em Vitória e Cariacica, e em Minas Gerais, na cidade de Uberlândia. Em Rondonópolis-MT o egresso do MJL, Luís Carlos Sobral, iniciou um trabalho de prevenção, o Centro de Prevenção Gente Livre.

O Ministério Jovens Livres atuava como uma denominação eclesialística em nível nacional de apoio à comunidades terapêuticas, onde tive a oportunidade de ministrar cursos, proferir palestras, pregar nos Encontros Nacionais e fazer parte da Diretoria Executiva Nacional.

Além de todo esse trabalho e de forma concomitante, me envolvi com

atividades na Comunidade Jovens Livres, que era a igreja de apoio ao MJL. Fui professor na escola bíblica dominical de crianças, pré-adolescentes e adolescentes, jovens; coordenador da Força de Apoio Jovem (presidente da mocidade) e, nessa função com um grupo de jovens, desenvolvemos vários trabalhos sociais, especialmente voltados para reabilitação de dependentes químicos e prevenção ao uso de drogas.



foto: acervo do autor

Acampamento da FAJ em 1989, em Senador Canedo-GO.

A partir de 1989, vários jovens se integraram à FAJ, como: Vladimir e Priscila Sazonov, Mackill Vasconcelos, Cristina Sayonara, Dilamar Carvalho, Ana Maria Pacheco, Elizete Oliveira, Vânia, Sandro e Sérgio Sintra, Abimael Pereira, Zuleika Santana, Mauro Nascimento, Vilma Fernandes, Adalberto Gonçalves, Dionizo Breseghello, Rosania Bárbara, Luiz Pereira, Guiomar Santana, Solange Vilella, Luciana Nogueira, Júlio Rezio, Luciana Pena, Nilza Botelho, Jonne Eterno, Junior Florindo, Helena (Leninha), Marlene Moura, Eliana Gonçalves, Paulo Yoshua, Geysa, Carmem Lima, Izael Bragança, Dorinha Crispim, Moisés Valadão, Marlene Stach, Júnior e Vera Fraga, Eleuza e outros.

Jovens apaixonados por Cristo:

O trabalho da FAJ impactou a vida dos jovens que dele participaram. Éramos muito intensos e apaixonados em tudo que fazíamos: evangelismo de rua, teatro, música, acampamentos, gincanas e passeio ciclístico, que deu origem à Caminhada Antidrogas. Este evento se solidificou como uma grande mobilização em torno de políticas sobre drogas, expandido, depois, para várias cidades de Goiás, como Goiânia, Anápolis, Ceres, Nerópolis, Aparecida de Goiânia e alcançou outros Estados do Brasil, como Bahia, Maranhão e Mato Grosso.

As pessoas mais atuantes no teatro e música eram: Ivone Rosa, José Roberto Bastos, Eudésia (Desita), Cirene Botelho, Fabiano Abreu, Júnior Carvalho, os gêmeos. Wender e Wellington, Cleusa Gloslar, Débora, Antônio Pereira (Toninho), Adalberto, Moisés Valadão, Bethe e outros.

Os convites para realizar atividades de prevenção em instituições passaram a ser constantes, e quase não conseguimos atender a todas as solicitações. Eu, juntamente com um grupo de egressos do MJL, dávamos depoimentos em colégios, faculdades, igrejas e nas mais variadas instituições.

A prevenção ao uso indevido de drogas se tornou minha maior paixão e passei a entender que seria minha vocação principal. Logo percebemos que poderíamos ir além dos depoimentos, e acrescentamos apresentações musicais e peças de teatro.

Fernando Marcos Nogueira era um dos participantes mais atuantes. Ele falava muito bem, sua história de vida era muito impactante com muitos anos de uso de drogas injetáveis e outras. Além de dar seu depoimento, cantava, tocava violão e tinha um grande conhecimento sobre os efeitos químicos das drogas, por ser ex-balconista de farmácia.



foto: acervo do autor

Manifestação de mobilização para a prevenção do uso indevido de drogas no Estádio Olímpico de Goiânia – 2001

O trabalho de prevenção:

Com o passar dos anos, o grupo foi se consolidando e seus integrantes, entendendo que essas atividades configuravam um ministério, também relacionado ao uso de drogas, mas voltadas à prevenção e não à reabilitação, o que exigia preparo e estrutura diferentes do que possuíamos no MJL.

Um dos indicadores que mais nos convenceram disso, foram os con-

vites para debates com acadêmicos e professores em instituições de ensino superior (IES), com setores e veículos da imprensa, políticos e instituições governamentais e de outros segmentos.

Nossos argumentos eram restritos à experiência religiosa, à abstinência e ao uso de drogas. Não possuímos formação técnica e nem experiência na área da prevenção e outras que envolviam o problema do uso de drogas.

Nós nos encontrávamos num campo de batalha com ferramentas muito rudimentares para enfrentarmos exércitos bem treinados e armados. Não se tratava apenas do trabalho realizado em nossas igrejas e comunidades terapêuticas, mas de ampliar o foco, o campo de ação para além de nossas igrejas e comunidades terapêuticas e, sobretudo, de nos prepararmos para tal.

Gente Livre e Presbiteriana Livre em Cristo:

No final do ano de 1995, eu e minha esposa, mais dois líderes e suas famílias: Pastor Fernando Marcos Nogueira e esposa, Missionária Relda Lee Holmquist Nogueira, e o Pastor Mackill Lima Vasconcelos e esposa, Rosânia Bárbara Vasconcelos, nos desligamentos do MJL, em nível local, ou seja, da igreja, a Comunidade Jovens Livres e da Comunidade Terapêutica Movimento Jovens Livre, em Goiânia.

Posteriormente, acompanharam-nos os líderes: José Roberto Bastos e Selma Bastos, Pastor Rubens Escobar e esposa, a Pastora Maria de Fátima Alves, Pastor Moisés Valadão e esposa Dorinha Crispim, o Presbítero Usley Sardinha e Carla de Mello. Esse grupo constituía a linha de frente. Vieram, ainda, Carmem Vasconcelos, Nivaldo, Aguinaldo, Ezilda, Presbítero Fernandes e esposa Sandra Porto, Irmã Eurípedes, presbítero Luiz Otávio e esposa Cleanir, Carlito e Abadia Santabárbara, Júlio Francisco e Maria Lopes, que apoiaram o GL e vários outros irmãos e irmãs se juntaram a nós.

Apesar do desligamento local, da igreja e da Comunidade Terapêutica, nos mantivemos filiados e atuantes no Ministério Jovens Livres, inclusive em nível nacional. Ministrávamos aulas no Seminário Evangélico Jovens Livres em Água Fria, município de Chapada dos Guimarães-MT, desempenhávamos várias ações, como: ministração de cursos, visitas técnicas e apoio a líderes nas cidades onde o MJL possuía filiações.

Em nível local, Goiânia, o Ministério Jovens Livres, passou a contar com duas representações, dois trabalhos além da frente de atuação da reabilitação de dependentes de substâncias psicoativas: o Centro de Pre-

venção ao uso indevido de Drogas Gente Livre (GL), voltado exclusivamente para a prevenção e mais uma igreja, a Comunidade Presbiteriana



foto: acervo do autor

Inauguração do Gente de Livre e da Comunidade Presbiteriana Livre em Cristo, em Goiânia. Agachados: Irmã Mary e Pastor Gerald Holquist. Em pé: Roberto, Marlene e Mellina, Rosânia Bárbara com Nathalia e Pastor Mackill, Missionária Relda Lee e Pastor Fernando e as filhas Keyt, Joye e Julee.

O Gente Livre desenvolvia vários programas com famílias, com crianças, adolescentes e jovens por meio da arte e cultura, como: teatro, dança e banda musical. Estes programas alcançavam resultados positivos nos campos social e emocional, que eram fundamentais para os beneficiários exercerem suas cidadanias.

A seguir, transcrevo o depoimento que recebi de uma voluntária, que atuou no Gente Livre, a professora Sônia Galvão:

“Tomei conhecimento da ONG Gente Livre depois que me aposentei na UFG – Universidade Federal de Goiás. Fui conhecer a instituição, e lá encontrei quatro jovens pastores que faziam um trabalho de prevenção ao uso indevido de drogas. Eles eram oriundos do Movimento Jovens Livres, que trabalha com a recuperação de dependentes químicos, convictos de que era preciso também fazer um trabalho de prevenção para evitar a dependência, pois esta era muito difícil de ser vencida.

Conheci-os e observei que trabalhavam demais, e os procedimentos adotados e praticados não eram sistematizados nem registrados. Fiquei sensibilizada com o que vi. Estava aposentada, tinha tempo disponível e senti que talvez pudesse contribuir com aquele trabalho muito importante. Ofereci minha ajuda, esclarecendo que eu era católica, como toda a minha família, no entanto, tinha experiência como professora e na elaboração de documentos. Minha oferta foi aceita e comecei o trabalho.

Com o slogan “Gente Livre não usa drogas” a instituição desenvolvia várias atividades, buscando atingir o seu objetivo institucional, como a Caminhada Antidrogas, o Grupo de Auto ajuda, seminários abertos à comunidade em geral, hemeroteca, palestras nas escolas, nas igrejas, atividades recreativas para crianças, grupos de teatro infantil e juvenil, cursos de informática básica e apoio às famílias.

As ações eram muitas, e o público era grande, não havia tempo para o trabalho burocrático, e foi aí que eu entrei, colaborando no planejamento, no registro das atas do Conselho Técnico Consultivo, organizando o atendimento e sistematizando os instrumentos e as ações dos diferentes programas. Além de participar das atividades de secretaria da instituição, comecei também a comparecer às reuniões do Grupo de Auto ajuda, formado por dependentes, seus familiares e principalmente por mães de drogaditos, independente da religião professada.

Eram reuniões semanais, iniciadas e encerradas com uma oração especial, voltada para as necessidades do grupo. Havia uma reflexão bíblica e, às vezes, também leitura e discussão de texto de outra natureza sobre assunto de interesse do grupo, bem como um breve relato dos participantes sobre a sua semana. Eram narrativas muito emocionantes, onde as pessoas tinham a oportunidade de exteriorizar as angústias sofridas, e contavam suas experiências sem nenhum medo de censura ou preconceito.

Nestas reuniões, socializava-se e aprendia-se com a narração dos demais que viveram situações semelhantes, suas reações, sucessos ou insucessos, além de obter conhecimento técnico sobre o assunto com a leitura de textos de autores de diversas áreas, como teólogos, psicólogos, médicos, juristas, assistentes sociais, professores, etc. O objetivo era fortalecer a pessoa que atuava como apoio do drogadito, ensinando-a a lidar com os problemas nos seus vários ângulos.

Este é um ponto de suma importância, pois normalmente, a família vive a codependência da drogadição, ou seja, não usa drogas e sofre todas as consequências pelo uso que o familiar faz, por isto fica fragilizada, dividida quanto à maneira mais correta de agir, chegando até aos desentendimentos sérios com quebra dos laços familiares.

Nas reuniões do Grupo de Autoajuda, havia muito choro e emoção, mas havia também muita solidariedade, aumento da autoconfiança, do encorajamento para prosseguir na luta e fortalecimento da fé, sentimento transmitido pelos pastores e demais participantes que não se sentiam sós diante dos problemas, eram todos por um, e Deus por todos.

Presenciando muitos choros de alívio e sorrisos de alegria, entendi a grandeza que é participar de um trabalho voluntário. Agradeço ao

Senhor pela oportunidade que me deu, e à equipe do Gente Livre, em especial, ao presidente na época, Pastor Roberto Alves, pela paciência e acolhida. Ele deixou o trabalho no Gente Livre, mas continua na UniEVANGÉLICA, onde é professor, ao desempenhar a missão que lhe fora confiada por Deus, e assumida por ele com entusiasmo. Bênçãos e sucesso em sua caminhada!”

Iniciamos um programa de cinco minutos na antiga Rádio Aliança, hoje Fonte da Vida, com o nome Gente Livre, que ia ao ar de segunda a sábado. No início, éramos eu e o Fernando Marcos, depois contamos com a participação do Mackill Vasconcelos.

Nesse mesmo período, eu dividia com o Pastor João Justino de Avelar de Carvalho, irmão da Missionária Ana Maria, o Programa Ser ou não Ser Livre na TV Brasil Central, aos domingos pela manhã, onde atuei por oito meses.

Já na Rádio, permaneci por dois anos e meio. Esse trabalho de comunicação de massas teve uma grande repercussão, pois eram os únicos programas com a temática exclusiva sobre as questões das drogas transmitidos nas rádios de Goiânia.

Como Goiás contava com outros trabalhos filiados e oriundos do MJL, como a congregação da CJL, no Bairro Ilda e no Aeroporto Sul, em Aparecida de Goiânia, MJL e CJL em Rio Verde, nosso entendimento era sempre o mais sincero e puro, e falo não só por mim, mas por todos os outros que partilhavam comigo daquele momento era de que, à medida que Deus, o tempo e o trabalho com suas especificidades permitissem, nós e o Ministério Jovens Livres cresceríamos em quantidade e qualidade, e foi o que aconteceu, mas não na proporção que queríamos e sonhávamos.

Novos irmãos e irmãs foram se achegando por meio do evangelismo da CPLC, pelo trabalho do GL, principal atividade de atração de novos participantes que, em sua maioria, se tornaram membros da CPLC, alguns de origem de outras denominações evangélicas, da Igreja Católica e vários outros que não partilhavam da fé cristã. Esses dois novos trabalhos ajudaram também na divulgação do MJL local e em nível nacional.

Em 1998, o Ministério Jovens Livres decidiu que se dedicaria de forma exclusiva ao trabalho de reabilitação de dependentes químicos, portanto, as instituições que desejassem continuar filiadas deveriam adequar-se ao seu perfil. Por isso, o GL, a CPLC e seus líderes foram desligados do MJL.

Jovens Livres foi o início e, por muitos anos, significou em nossas vidas, na minha e na de minha família em particular, a manutenção do sonho de servir, ser relevante e contribuir na melhoria de outras vidas, além de mim.

A escalada ainda não chegou ao seu topo. Ao olhar no retrovisor, só vejo graça, amor e motivo de gratidão.

Capítulo V

Marlene: a fortaleza serena

*Mulher, um bem necessário. Forma de amor verdadeiro,
reconstrução e construção de vida em família, onde o amor,
com amor nos confronta e em nossas falhas, não falha.
É necessário sermos abertos, libertos e novamente aceitos.*

Minha escolha familiar.

Capítulo V

Marlene: a fortaleza serena

O início da escalada



foto: acervo do autor

Parque Bosque dos Buritis em Goiânia, por ocasião da elaboração do convite de casamento de Roberto e Marlene - 1992.

O encontro com Marlene:

Em entrevista que me concedeu em 13 de setembro de 2013, Marlene destaca que a igreja Comunidade Jovens Livres (CJL) atuava como suporte ao trabalho de reabilitação de usuários e dependentes de substâncias psicoativas, desenvolvido pelo Movimento Jovens Livres - MJL, seguindo a linha do Evangelho Integral, um movimento social evangélico.

Assim que chegou à igreja, a jovem universitária, Marlene Fátima Stach, logo se integrou ativamente em suas ações e programas, especialmente às do MJL, por causa, inclusive, de sua formação, pois, era acadêmica de Serviço Social.

Eu já exercia uma liderança destacada, tanto no Movimento Jovens Livres - MJL, como na Comunidade Jovens Livres - CJL. O programa de reabilitação, que acontecia na chácara do MJL, esteve paralisado, devido a uma reforma, a qual deixou a chácara cheia de entulhos. Para sua limpeza e pintura de telhas velhas a serem usadas na cobertura das novas instalações, coordenei mutirões com os jovens da CPL, e Marlene fazia parte desse gru-

po de jovens.

Foi nesse período, segundo Marlene, que ela se sentiu despertada e passou a me observar. Além de coordenador da chácara do MJL, eu também respondia pela liderança dos jovens da CPLC, portanto, tínhamos muita convivência.

Enquanto o tempo passava, seu envolvimento com a CJL e MJL era cada vez maior, principalmente na unidade feminina, onde acompanhava as reabilitandas nas atividades de artesanato, participava das escalas aos finais de semana, prestava apoio nas atividades gerais, e tudo isso sem perder o foco dos seus estudos.

Ela estudava pela manhã, à tarde trabalhava na biblioteca e na secretaria do Seminário Jovens Livres (SJL), e à noite estudava teologia, no mesmo seminário. Antes atuou como estagiária na Caixa Econômica Federal.

Já estava no último ano da graduação, e sua única fonte de renda para sustentar a faculdade era o que recebia do MJL. A situação financeira ficou bastante apertada, mas com a ajuda de seus pais conseguiu terminar o curso e, em março de 1991, colou grau como Assistente Social.

Após a conclusão do curso de teologia, atuou como docente no seminário, onde ministrou a disciplina - Tabernáculo - o templo do Deus dos judeus em seu período de peregrinação rumo a Israel.

O início de nosso namoro foi um pouco conturbado. Em sua entrevista, destacou que eu era cortejado por outras moças da igreja e, apesar de ser líder, de ter terminado o curso de teologia e ser candidato ao pastorado, eu era meio paquerador (expressão da época para quem namorava sem compromisso e com mais de uma pessoa).

A cultura da igreja quanto a essas questões sentimentais era muito espiritualizada. Os fieis tinham que orar bastante para Deus enviar, colocar no caminho deles “o unguido ou a unguida” que Ele teria escolhido. Além de orar, recebiam o acompanhamento de um conselheiro. Marlene desejava um casamento com uma pessoa firme com Deus, que trabalhasse para Ele, trabalhasse na obra e, ainda, desejava que fosse um negro.

Quando estávamos participando de um encontro nacional do MJL, na cidade de São José de Rio Preto/SP, Marlene me viu pregando e, após a pregação, apesar de ser tímida e discreta, pediu à sua amiga Eleuza para me entregar um cartão e uma caneta. Considerava uma declaração muito explícita, lembrando que naquela época ainda não contávamos com redes sociais virtuais para nos comunicar. Usávamos o “orelhão”, telefone público alimentado com fichas telefônicas e o meio de transporte mais usado para os encontros dos namorados era o coletivo, o ônibus urbano.

Marlene aguardou, mas a resposta não veio e, por isto, ela diz que

não lhe dei moral. Depois disso, demonstrou claramente suas intenções para comigo, conversou com sua discipuladora na igreja, a irmã Açucena, procurou o Pastor Paulo e relatou sobre essa minha posição ambígua, de dar esperança para mais de uma moça ao mesmo tempo. O pastor nos chamou para uma conversa, e eu falei que não tinha intenção de namorar naquele momento. Não fui sincero.

Com isto o relacionamento de amizade e companheirismo no trabalho jovem da igreja quase se transformou em inimizade, nos falávamos muito pouco. Ela me evitava sempre que podia e quase não me cumprimentava.

Após a conversa com o pastor e o meu posicionamento, ela entendeu que a possibilidade de um relacionamento entre nós, se existiu um dia, havia se encerrado. No entanto, aconteceu exatamente o contrário, me senti despertado, e aí foi a minha vez de correr atrás do prejuízo. Segundo ela, minhas habilidades não a emocionavam mais, então passei a mobilizar meus amigos e as amigas dela, a fim de convencê-la a me dar uma nova chance.

Marlene me deu a nova chance, mas tive que voltar a conversar com o pastor, cumprir todo o protocolo de namoro da igreja e, por último, conversar com os seus pais, o que não foi fácil.

Ela era a caçula de seis filhos de Henrique Otavio Stach e Elizabeth Conrad, ambos filhos de alemães, cujas famílias vieram para o Brasil por causa da 1ª Guerra Mundial, e esta era a primeira vez que alguém os procurava para esse tipo de assunto.

Seu pai, com seu estilo bem alemão, de estatura alta, de poucas palavras e muito sério, me recebeu, e eu tremi nas bases, mas enfrentei com coragem e elegância. Na visão dela, saí-me bem e, em abril de 1990, iniciamos o namoro.

O trabalho jovem na igreja e as questões sociais:

O envolvimento no trabalho jovem da igreja, tanto no aspecto religioso como social, fortaleceu a nossa intimidade, bem como o desejo de constituir uma família. Marlene estava concluindo o curso de Serviço Social e estagiava numa região de moradia urbana irregular, no Setor Universitário, em Goiânia.

Com minha história de vida, aos 26 anos, eu só pensava em dedicar-me a ajudar pessoas a transformarem suas vidas, tanto socialmente, quanto espiritualmente. Sempre que via alguém com falta de oportunidade queria suprir essa carência, seja em relação aos estudos e profissionalização, seja para constituir família, conquistar moradia digna, ter acesso a

bens culturais e de lazer.

Marlene achava incrível como eu tinha isso bem elaborado em minha cabeça, pois havia paralisado os estudos há vários anos, na 7ª série (8º ano) do Ensino Fundamental.

O trabalho da equipe de jovens era muito intenso. Num grupo de 50 a 60 jovens era muito difícil encontrar alguém sem potencial para liderança e com paixão e decisão interior de dedicar sua vida à Deus e ao trabalho social, de transformar o mundo, pois todos estavam embalados nessa proposta de vida.

Eram alimentados pelo trabalho desenvolvido no MJL e pela história pessoal de dedicação de seus dirigentes, em especial do casal fundador e líderes principais, o Pastor Paulo de Oliveira Brasil e a Missionária Ana Maria Avelar de Carvalho Brasil.

A liderança do trabalho com os jovens era dividida em coordenações por área de atuação. Na época de nosso namoro, eu era o coordenador executivo, que respondia pelo trabalho da presidência; Marlene, coordenadora social; Mackill Vasconcelos, coordenador de missões; Zuleika de Paula, coordenadora de ética cristã, que também respondia pela parte cultural; Vilma Fernandes, coordenadora do louvor e adoração; e Eliane Gonçalves era a secretária. Atuaram na liderança, também, Vasni Gonçalves, Dionísio Breseghello, Adalberto Gonçalves, Jorcelino Soares, Mauro Nascimento, Júlio Rezio, Dilamar Carvalho e outros que também atuavam como coordenadores.

As reuniões aconteciam aos sábados à noite, com cerca de 60 a 80 jovens. O grupo era muito ativo, promovia retiros em acampamentos, muitas festas, como a Noite da Koinonia, criada na coordenação social para comemorar o Dia dos Namorados. O evento máximo era a Gincana da Amizade, que envolvia várias atividades, entre elas o passeio ciclístico, por iniciativa da jovem Cirene Botelho.

Esse tempo marcou muito a vida de todos os participantes. Vários líderes, pastores e missionários foram formados a partir desse período, e hoje atuam no Brasil e em vários outros países.

Outros atuam em áreas não religiosas, mas se tornaram profissionais com uma ética de vida diferenciada, compromissada com a vida do próximo. Além disso, a FAJ proporcionou vários namoros, e muitas famílias foram constituídas a partir daquele grupo de jovens, que hoje, assim como Marlene e eu, devem contar essas histórias a seus filhos e netos.

Casamento e os desafios de constituir e manter a família:

Constituir e manter uma família são desafios muito grandes. Com nossas limitações somadas às dificuldades daqueles dias, o desafio era ainda maior, principalmente em questão financeira.

Marlene e eu nos casamos em 5 de setembro de 1992, ela era recém-formada em Serviço Social e logo foi contratada pela Organização das Voluntárias de Goiás - OVG, onde atuou como Assistente Social até outubro de 2015. Atualmente, é funcionária concursada da Prefeitura Municipal de Goiânia.

No início de nosso casamento, fomos sustentados pelo MJL, por meio da ajuda de custo oferecida aos que ali trabalhavam, ajuda essa que incluía cesta básica de alimentos e pagamento de aluguel de casa popular. Ainda recebíamos frutas e verduras doadas e recolhidas nos boxes da Central de Abastecimento de Goiás – CEASA.



foto: acervo do autor

Casamento de Roberto e Marlene, no dia 05 de setembro de 1992.

Moramos nessa condição por um ano, no Conjunto Aruanã II, próximo à chácara do MJL, onde exercia o cargo de diretor.

Nossos móveis eram bem simples e básicos: a geladeira que adquiri

em várias prestações, inclusive com ajuda de ofertas; o fogão foi presente de um amigo; comprei a madeira para o guarda roupas e a cama, e nosso padrinho, o irmão Adalberto, que era marceneiro, nos doou a mão de obra; ganhamos um tanquinho de uma amiga, a D. Lurdes; mandamos fabricar uma mesa de fórmica, com base de canos, e quatro cadeiras também de canos. Durante oito anos, nosso assento na sala de visita era uma namoradeira de madeira, só depois desse tempo é que compramos o nosso primeiro jogo de sofá. Essa namoradeira é o único móvel que possuímos até hoje, como lembrança do início do nosso casamento.

Marlene foi um apoio para me manter firme na abstinência, no trabalho pastoral e social, na conquista patrimonial da família. Falava para não nos acomodarmos enquanto não tivéssemos a nossa casa própria.

Cadastramo-nos no Movimento para Aquisição da Casa Própria e participávamos das reuniões no Centro Popular de Abastecimento e Lazer - CEPAL no Setor Sul, em Goiânia.

Como participávamos também do Programa Mutirão da Moradia do Governo Estadual, fomos contemplados com uma casa no Conjunto Morada do Morro, em Senador Canedo. Fui recebido em audiência pela Primeira Dama, Dona Iris de Araújo, quando lhe solicitei mais seis casas, além da nossa, para outras seis famílias que também trabalhavam no MJL. O pedido foi atendido na íntegra, então, nós e as outras seis famílias nos mudamos para o Conjunto Morada do Morro, em Senador Canedo-GO.

Foi nesse período que nasceram nossos filhos, Mellina em outubro, no dia do meu aniversário, e três anos depois, o Lucas, no dia da promulgação da Lei Áurea, 13 de maio. Uma alegria indescritível e um amor sem medida invadiu os nossos corações nos dois nascimentos.

Com a alegria vieram também os desafios, pois ambos nasceram com forte icterícia. A Mellina em estado mais grave, ficou 8 dias na UTI. Saímos da maternidade deixando nossa filha para traz. Passados os primeiros meses e os primeiros anos, com as complicações próprias da idade, nossos filhos cresceram com saúde, nos enchendo de alegria e orgulho.



Filhos: Mellina Stach e Lucas Stach - Anápolis 2004.

Mellina e Lucas eram bastante envolvidos nas atividades da Igreja Comunidade Presbiteriana Livre em Cristo - CPLC e do Centro de Prevenção Gente Livre - GL. Participavam do grupo de teatro, de dança e da escola bíblica dominical para crianças. Tinham muitos amigos, pois na igreja havia muitas crianças da mesma faixa etária deles.

Sentindo a necessidade de nossos filhos e de outras crianças e pré-adolescentes, Marlene organizou e assumiu o Ministério Infantil, com a coordenação da escola bíblica dominical para crianças, e do culto dominical noturno infantil da CPLC.

É muito gratificante hoje, depois desses anos, ver os frutos em jovens e adultos com famílias constituídas, se referindo àquele tempo como básico em suas vidas cristãs, como um tempo inesquecível, de muita alegria e amizades.

Anualmente, fazíamos excursões por vários estados brasileiros, por meio da Aliança de Comunidades Terapêuticas do Brasil - ACEB, uma parceria missionária que oferecia apoio e cobertura espiritual a igrejas e ONGS, que desenvolviam programas relacionados ao uso de drogas, na prevenção e reabilitação de dependentes de substâncias psicoativas.

Além da igreja, Marlene sempre atuou me auxiliando no Centro de Prevenção ao Uso de Drogas Gente Livre, conforme a demanda e sua disponibilidade. Trabalhou na elaboração e acompanhamento de projetos, em especial o que estabelecia parceria com o Conselho da Infância e Adolescência, que disponibilizou recursos para comprar instrumentos musicais, TV, vídeo, retroprojektor, cadeiras e outros recursos materiais para melhorar a qualidade dos trabalhos de prevenção, desenvolvidos em escolas, igrejas, empresas e outras instituições.

Essas foram as ações desenvolvidas por meio de palestras ministradas por mim, Pastor Mackill e Pastor Fernando, com apresentações do Grupo de Teatro e dança Gente Livre do qual eram integrantes: Viviam Pinheiro, Eva e Amanda Félix, José Roberto, Selma e Sara Bastos, Patrícia e Pedro Sardinha, Pedro Eugênio e Mariana Valadão, Luciana Stach, Débora Ferreira, João Marcos e Pâmela Santos, Kelvin Vitor e Nathalia Vasconcelos, Juliana Lopes, Ricardo e Renata Lara, Keyt e Joye Holquist.

Enquanto o trabalho religioso e social progredia, a nossa vida pessoal continuava com muitos desafios. Morar em Senador Canedo ficou inviável pela distância com o trabalho da Marlene, na OVG, e também do meu, em Anápolis. Ela pegava 3 ônibus para ir ao trabalho: Morada do Morro, Eixo Anhanguera e depois outro que a levava até o Setor Bueno, onde ficava a sede da OVG.

Eu comecei a trabalhar na Associação Educativa Evangélica, em

Anápolis, porém, continuava atuando em Goiânia, na igreja, aos finais de semana e no Gente Livre, uma tarde por semana.

Nesse período, adquirimos o nosso primeiro veículo, um Fusca. Compramos de um irmão da igreja que, praticamente, nos ofertou, pelo preço e as condições propostas. Pagamos R\$ 1.000 (um mil reais) dividido em três parcelas.

Posteriormente, quando trocamos o Fusca por um Gol, contamos com a importante contribuição do casal de amigos e irmãos de fé, Usley Batista Sardinha e sua esposa, Carla Mello, que sempre nos apoiaram em nossos desafios pessoais e ministeriais.

Marlene me sugeriu que mudássemos para Vila Morais, em Goiânia. O bairro ficava estratégico para a saída de Anápolis, para seu trabalho e também para a igreja. Uma vez decidido, alugamos nossa casa no Setor Morada do Morro e, com o dinheiro, pagávamos parte do aluguel em Goiânia.

Depois de um ano trabalhando na UniEVANGÉLICA, fazendo o trajeto Goiânia-Anápolis-Goiânia, conclui o Ensino Médio e iniciei, aos 36 anos, meu curso superior de graduação em Ciências Sociais e, por esse motivo, mudamos para Anápolis, onde moramos por 4 anos, enquanto durou o meu curso. Depois retornamos a Goiânia e mudamos para nossa casa própria, no Conjunto Aruanã Parque, adquirida por meio de financiamento na Caixa Econômica Federal, para pagamento em 17 anos, e a cada 2 anos abatíamos o financiamento com o Fundo de Garantia pelo Tempo de Serviço - FGTS; e assim, em 7 anos, quitamos a casa.

Eu voltei a fazer a viagem para Anápolis todos os dias, pois ministrava aulas na Faculdade Raízes e, ainda, na Faculdade Evangélica de Goianésia e no Campus Ceres da UniEVANGÉLICA. Foram cinco anos viajando a essas cidades, chegando de madrugada e retornando cedo para trabalhar em Anápolis. Em 2013, a Mellina iniciou seu curso superior na UniEVANGÉLICA, em Anápolis, e o Lucas começou o Ensino Médio, razão porque fixamos residência em Anápolis e iniciamos o financiamento de outra casa pela mesma financiadora, agora em 30 anos.

Marlene costuma dizer que desde sua decisão de priorizar o lado espiritual, abertura para mudanças passaram a ser uma constância em sua vida. Ao conhecer os Jovens Livres e, posteriormente, a mim, mudar e experimentar o novo passou a ser, e ainda é para nós e nossos filhos, um fator de sobrevivência e vivência com mais qualidade de vida.

Minha família, formada por Marlene, Mellina, Lucas e eu, é marcada por desafios, alegrias, conquistas e muitos problemas; desafios não programados, jamais imaginados, se apresentaram, e tivemos que encará-los,

nos adaptarmos e, literalmente, mudamos situações. Lutamos e sempre vencemos!

Diante de grandes desafios, perdas, doenças, apertos, preocupações, entramos em nosso quarto, oramos, tentamos entender a situação, a partir de nossa própria interpretação, baseados em exemplos, especialmente os bíblicos e, confiando nossa fragilidade totalmente à Deus, adaptamos ou buscamos uma nova mudança. Dessa forma, já rompemos mais de duas décadas de uma família normal, com nada de extraordinário, a não ser a presença de Deus e o amor mútuo entre nós.

Somos uma família feliz!

Capítulo VI

ENTRE DOUTORES

*O meio exige, é preciso estar entre. Entre os que detêm o poder,
entre os que oferecem oportunidades, os que nos avaliam,
entre os preparados e resolvidos.
É preciso entrar, fazer parte do processo, se qualificar.
Só é, quem está entre os que são.
Minha caminhada na educação.*

Capítulo VI

ENTRE DOUTORES

Educação com “E” de Emancipação



Colação de Grau de Roberto Alves. Destaque da foto: Geraldo Henrique Espíndola - Chanceler, Carlos Mendes - Reitor e Eide Brasil - Diretora do Instituto de Educação - Anápolis - 2004

Fui conduzido à escola por minha irmã Fátima aos 9 anos de idade, para cursar o pré-primário no Grupo Escolar Bernardo Sayão. Era 1972, e nessa época as crianças em condições iguais às minhas, iniciavam o pré-primário aos 7 anos de idade; com raras exceções, aos 06 anos.

Meu atraso em iniciar os estudos foi devido à epilepsia e ao zelo de minha mãe que, para me proteger, não permitiu minha matrícula na idade correta, temendo que eu tivesse uma crise longe de seu olhar protetor.

Minha inserção tardia na escola causou-me muitos constrangimentos por ser o mais velho entre os estudantes da turma, e ter baixo desempenho escolar. Enquanto os outros já sabiam ler alguma coisa ou, pelo menos, já haviam decorado o alfabeto, eu só sabia que tinha muita timidez, vergonha e medo de passar mal no pátio ou em sala de aula.

Como não tive bom desempenho, Fátima me transferiu para o grupo escolar Vasco dos Reis. Havia uma rivalidade entre as duas escolas, simbolizada por uma brincadeira, uma expressão estereotípica que era assim: Bernardo Sayão: entra burro e sai ladrão; Vasco dos Reis: entra burro e sai “pedreis”.

A brincadeira refletia certo sentido da superioridade, talvez não pelo ensino oferecido, mas pelo nível socioeconômico de seus alunos. Eu sentia vergonha por não ter lancheira e nem dinheiro para comprar lanches.

Fui alfabetizado na cartilha “Caminho Suave” e as gravuras me deprimiam, refletiam algo muito longe de minha realidade: piqueniques em gramas verdes com toalhas xadrez vermelho, famílias felizes, pessoas com aparência de serem ricas.

Eu era acompanhado pela minha irmã Fátima nas tarefas da cartilha que eu tinha que fazer. Ela, com ansiedade para eu aprender a ler, usava o método de punição, com puxões de orelhas, cascudos e palavras muito depreciadoras, mas apesar do método, muito utilizado à época, aprendi a ler.

Por outro lado, no Vasco dos Reis me deslanchei nos estudos e só tirava notas boas. Consegui romper um pouco a timidez e fiz alguns amigos, e a escola oferecia lanche! Até arrumei um trabalho de limpeza nas casas de algumas professoras, chegando a morar na casa da Dona Lourdes, minha professora da 4ª série primária.

O fato de morar com minha professora me rendeu status, pois chegava e saía de carro da porta da escola, no fusquinha alaranjado da Professora Lourdes. Minha empolgação era tanta, que pouco me importava se eu era um empregado doméstico.

Iniciei o uso de drogas aos 11 anos de idade, na 2ª série primária. Consegui terminar até com boas notas, embora sempre caindo de O para R, conforme conceitos de avaliação usados à época: O (ótimo), B (bom), R (regular) e F (fraco).

Ao concluir o primário (1ª fase do Ensino Fundamental), já estava com 13 anos e bem avançado na dependência do uso de drogas, o que me impediu de manter o mesmo sucesso no ginásio. Nunca repeti uma série, porque sempre paralisava antes do ano letivo terminar. Passei a estudar à noite, na companhia de meu irmão Hailton, mas mesmo com esse incentivo, não consegui romper. Trabalhava o dia todo, mas devido ao uso de drogas, às vezes, ia para o colégio até sem tomar banho (imagine trabalhar num posto de gasolina e ir para o colégio sem tomar banho?) e sem jantar.

No Ginásio Emanuel, no Setor Sul, meu uso de drogas se intensificou até que parei de vez de ir ao colégio. Não acreditava que teria sucesso nos estudos. Faculdade? Nem passava pela minha cabeça.

Quando terminei minha reabilitação da dependência de substâncias psicoativas, em 1982, me propus a continuar os estudos. No ano seguinte, em 1983, fiz a primeira tentativa de retorno aos estudos, submetendo-me ao exame supletivo (provão), que acontecia a cada semestre, promovido pela Secretaria Estadual de Educação.

O programa permitia ao maior de 18 anos, o ingresso no Ensino Médio (segundo grau), sem conclusão do Ensino Fundamental (primeiro

grau). Além das tentativas por meio dos exames supletivos, estudei também pelo sistema convencional nos colégios Carlos Chagas, Santa Paula e Estadual Costa e Silva - COLU.

No COLU tive um incentivo importante, pois o Diretor, Professor Jair Bastos, ao saber que não consegui efetuar minha matrícula devido a pendências financeiras no colégio anterior, além de viabilizar uma vaga para mim, pagou as dívidas com o antigo colégio. Jamais esquecerei esse ato de graça, solidário e cristão do Professor Jair, que também cedia as instalações do colégio aos finais de semana à Comunidade Terapêutica Movimento Jovens Livres (MJL), para a realização de cultos e outras atividades de sua comunidade de apoio, a Comunidade Evangélica Jovens Livres - CJL.

Em 1983, primeira tentativa no provão do supletivo, das dez disciplinas eliminei apenas História; em 1986, Língua Estrangeira (Inglês) e Geografia; em 1987, Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB); em 1995, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (LPLB); em 1999, bati meu próprio recorde, eliminei três disciplinas: Química, Física e Biologia. Finalmente, faltava Matemática, a mais difícil para mim.

O meu maior desempenho foi em 1999, e teve uma explicação: minha esposa Marlene Stach me orientou a frequentar um cursinho preparatório e eu acatei. Conte também com a importante contribuição dos irmãos gêmeos, membros da Comunidade Jovens Livres: Wender e Wellington Vieira Mendonça, que me deram aulas de forma voluntária.

Em outro período, contei com o importante apoio voluntário do Professor Nilson Gomes Jaime, Doutor em Agronomia. Quando trabalhava no MJL à tarde e à noite, estudava pela manhã e, antes de entrar no trabalho no período vespertino, passava, cerca de 2 a 3 vezes por semana, na casa do Nilson para pegar aulas, que eram acompanhadas de palavras, como: “você conseguirá, você é inteligente, só precisa de disciplina, você já é um bom professor de assuntos bíblicos, se continuar estudando, poderá ser um bom professor de outros assuntos também”. Nilson, além das aulas e das palavras de incentivo, sempre oferecia um delicioso almoço, preparado por ele mesmo. Como esquecer esses atos de graça?

Minha esposa, Marlene Fátima Stach, também desempenhou papel importante em meus estudos. Hoje, pós-graduada em políticas e assistência social, ela nunca me cobrou escolaridade, mas sempre me incentivou a estudar. Ela às vezes me dizia: “*Você precisa fazer um cursinho, frequentar aulas, enfrentar a sala de aula, se deseja terminar o Ensino Médio; você é muito bom no que faz, em termos de políticas públicas é até melhor do*

que eu, mas eu posso assinar um projeto e você que conhece bem o assunto não pode, pois não tem certificação”.

Além de Marlene, minha irmã Fátima, outros amigos e apoiadores foram fundamentais para que eu chegasse onde estou hoje. Entre eles: a professora aposentada da UFG e voluntária no Gente Livre, Sônia Maria Barros Galvão, que pegava no meu pé, em relação aos estudos, e, de forma muito respeitosa, dizia: “o senhor precisa estudar, pois dirige um trabalho social de grande relevância que exige uma escolaridade mínima”, (mínima, que ela queria dizer, seria pelo menos uma graduação). Mas eu pensava comigo: se concluir o Ensino Médio, já está bom demais. A Professora Sônia Galvão contribuiu com minha entrada na UniEVANGÉLICA, me auxiliou a elaborar o projeto Antidrogas, hoje, Programa UniVIDA.

Meus estudos em escolas particulares foram custeados por pessoas que contribuíram financeiramente, outras me ajudaram com reforço escolar e apoio emocional e, por mais que eu me esforce, não conseguirei mencionar os nomes de todos que contribuíram: Professor Gabriel da Silva, Silvana e Eliana Rodrigues, Marisa e Doutor Geraldo Espíndola, Professora Hélia Pietrobon, Professora Sebastiana Lago, Leonardo Ferreira e Eva Felix.

Entretanto, há ainda alguém que não posso deixar de destacar, o Professor Carlos Hassel Mendes da Silva, na época, Diretor Geral das Faculdades Integradas da Associação Educativa Evangélica - FAEE. Foi ele quem deu o empurrão final para a minha conclusão do Ensino Médio, e inserção no ensino superior.

Carlos Mendes teve a iniciativa de indicar o meu nome, em 1999, ao Conselho de Administração da Associação Educativa Evangélica - AEE, para criar e coordenar o projeto de atenção à dependência química e prevenção ao uso indevido de drogas para as unidades de ensino fundamental, médio e superior, nas cidades de Anápolis e Ceres-Goiás. E, ao fazê-lo disse-me: “Você será contratado, mas terá que estudar. Como alguém coordenará um programa social, em uma instituição de ensino, sem escolaridade mínima? Você terá que estudar, caso contrário, não poderá continuar conosco”. Foi uma palavra dura, desafiadora, mas cheia de graça. Em outras palavras, ele disse: “eu acredito em você, você é capaz e irei apoiá-lo”. E foi o que fez e ainda faz.

O tempo foi passando, já fazia um ano que eu atuava na UniEVANGÉLICA, quando o Professor Carlos exigiu que eu prestasse vestibular. Como? Faltava-me eliminar matemática, para concluir o Ensino Médio e, naquele semestre, não havia disponibilidade de provão do supletivo em Goiás.

Soube que a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

disponibilizava programas que ofereciam de forma permanente essas provas, em casos especiais. E o meu caso era muito especial.

Então, viajei a Belo Horizonte, numa sexta-feira. Eu teria que acertar 15 do total de 30 questões da prova e, no caso de insucesso, ofereciam mais duas chances para fazer outra prova. Na primeira tentativa acertei nove, na segunda acertei 13 questões e a terceira, não poderia ser realizada no mesmo dia.

Na segunda-feira seria feriado em Belo Horizonte, ou seja, teria que ficar para terça-feira, o dinheiro estava curto e estava sozinho naquele hotel. Chorei e falei somente com Deus em oração e depois, troquei poucas palavras com a Marlene, pois tinha que economizar o telefone.

Como não tinha mais dinheiro para pagar o hotel, localizei a casa de uns amigos, Euler Pereira e sua mãe, Dona Terezinha, viúva do saudoso e querido Senhor Leo, que me receberam com muito carinho e alegria.

Na terça-feira eu estava muito ansioso, trêmulo e sob muita pressão; era minha última chance e teria que acertar 15 questões, 50% da prova. O resultado era comunicado no guichê; os candidatos ficavam em fila, indicavam o nome e uma senhora muito séria informava: “Desempenho insuficiente” ou “Aprovado. Procure a sala ao lado e pegue sua declaração provisória de aprovação”.

Estrategicamente me posicionei no último lugar da fila. Confiança? Nenhuma. Ansiedade? Total. Chegou minha vez e eu disse: Roberto Alves Pereira. Ela respondeu: “*Só matemática, né, Sr. Roberto?*”. A ninguém ela dispensou o tratamento que dispensou a mim, nem proferiu as palavras que disse a mim. Foi um momento de graça. “*Parabéns, o senhor foi aprovado, pode se dirigir à sala ao lado e pegar sua declaração de conclusão de Ensino Médio, em regime de supletivo*”.

Por um momento, aquela mulher resolveu ser mais humana, me olhou, sorriu e me parabenizou. Pura graça de Deus. Não fui o único a utilizar as três oportunidades.

Imediatamente, procurei um canto mais reservado para orar, chorar e dar graças. Não havia lugar reservado naquele colégio, nem mesmo os banheiros, o melhor que achei foi um canto, numa quina entre duas paredes. Para quem se encontrava sob o olhar da graça, que importância tinha os olhares públicos? Liguei de imediato para a Marlene e para o Professor Carlos, e ouvi de ambos: “*parabéns, sabia que conseguiria*”.

Em 15 de setembro do ano 2000, faltando um mês, para completar 37 anos, recebi o meu certificado do Ensino Médio, depois de 17 anos de tentativas por meio do supletivo (provão), já casado e pai de meu casal de filhos.

2ª VIA SUPLETIVOS - EDUCAÇÃO GERAL - ENSINO MÉDIO

CERTIFICAMOS que, nos termos da LEI nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e Resoluções do Conselho Estadual de Educação nº 993 de 20 de fevereiro de 1973, Nº 1578 de 14 de setembro de 1976, Nº 101 de 21 de maio de 1987, e nº 204, de 07 de maio de 1998, o (a) aluno(a) **ROBERTO ALVES PEREIRA** filho(a) de **JOÃO ALVES PEREIRA** e de **ANTÔNIA ALVES PEREIRA** natural de **GOIÂNIA** Estado **GOIÁS** nascido(a) **17/10/63** foi considerado(a) **APROVADO(A)** na(s) disciplina(s) abaixo, em Exame(s) SUPLETIVOS DE EDUCAÇÃO GERAL EM NÍVEL DE ENSINO MÉDIO.

Foto: acervo do autor

DISCIPLINA(S)	NOTA	CIDADE / ESTADO	MÊS / ANO
LÍNGUA PORT. E LIT. BRASILEIRA	5,03	GOIÂNIA/GO	11/95
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA (INGLÊS)	5,00	GOIÂNIA/GO	11/86
HISTÓRIA	5,33	GOIÂNIA/GO	12/83
GEOGRAFIA	6,00	GOIÂNIA/GO	11/86
OSPB	5,67	GOIÂNIA/GO	12/87
EMC	5,33	GOIÂNIA/GO	12/87
FÍSICA	5,10	GOIÂNIA/GO	05/99
QUÍMICA	5,40	GOIÂNIA/GO	05/99
BIOLOGIA	5,90	GOIÂNIA/GO	05/99

Número de Disciplina(s) eliminada(s) **09 (NOVE)**
 Goiânia(GO), **31** de **JANEIRO** de **20** **00**


 Responsável pelo Expediente
Janilda Camilo de Oliveira
 Divisão de Org. Func. - 3ª e
 Identificação da Criação
 Diretoria Part. nº 2.04.14


 Responsável pelo Órgão Expedidor
Lydia Polech
 SUPERINTENDENTE
 DECRETO 21.19/1989

Verso do Certificado de Conclusão do Ensino Médio, por meio de exames supletivos (Provão) de Roberto, realizado no período de dezembro de 1983, a setembro de 2000.

Para não se ter dúvidas de que fosse graça, acertei 16 perguntas, na terceira tentativa em minha prova de matemática. Repito, foram necessários os 17 anos para concluir o Ensino Médio.

No mesmo ano, prestei o vestibular e passei para Ciências Sociais na UniEVANGÉLICA, curso o qual me identificava muito.

As disciplinas estudadas no curso e os professores, que se tornaram colegas de trabalho e amigos, me proporcionaram uma autoestima muito grande, despertando fascínio pelas áreas de Antropologia, Filosofia, Sociologia (principalmente), Política, História, Estatística e Economia ministradas por Augusto César de Almeida, Dina Maria Miotto, Francisco Itami Campos, Genilda D'Arc Bernardes, Gracy Tadeu Ferreira Ribeiro, José Paulo Pietrafesa, José Roberto Bonome, Júlia Bueno de Moraes Silva, Marcelo Mello Barbosa, Marisa Moreira Barros, Sandro Dutra e Silva, Virginia Maria Pereira de Melo, Hanad Bittar Borges e outros.

O desafio se apresentava grande, mas não tinha dúvidas de que Deus me conduzia a um novo caminho. Tudo foi possível devido ao visionário Carlos Mendes, que viu em mim a possibilidade de superação nos estudos.

No dia 17 de dezembro de 2004, às vinte e uma horas e trinta minutos, no Ginásio Poliesportivo do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA em Anápolis - GO, recebi, das mãos do magnífico Reitor Carlos Mendes, o canudo, apenas um objeto simbólico, pois era só um canudo de papelão coberto de camurça. Um ato, parte da cerimônia de minha colação de grau de Bacharel em Ciências Sociais, aos 41 anos de idade.

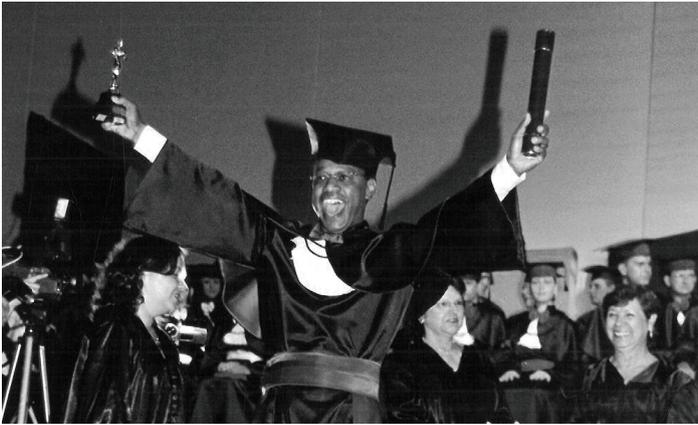


foto: acervo do autor

Colação de Grau de Roberto Alves em Ciências Sociais - Anápolis – 2004

Foi uma noite memorável, jamais me esquecerei daquele momento de glória e de vitória. Ali estava minha família: Marlene Stach, minha esposa; meus filhos Mellina e Lucas, meu pai, minhas irmãs e alguns de meus irmãos; amigos, colegas de trabalho, professores e integrantes de minha comunidade de fé, a Comunidade Presbiteriana Livre em Cristo de Goiânia.

Fui o orador da turma. A felicidade era tanta que dancei, balancei os braços para o público, levantando o canudo de papelão coberto de camurça e a escultura, em forma de estatueta do Oscar, que foram entregues aos formandos naquela noite. Eu só queria curtir aquele momento.

Não era apenas um estudante de Ciências Sociais colando grau, mas o menino preto, pobre, morador da invasão da Rua 115, no Setor Sul, em Goiânia, sendo alçado, alcançado pelo grande desafio da educação, com “E” maiúsculo de Emancipação, libertação e inclusão.

De forma simbólica, mas profundamente significativa e real, deixei de ser usuário e ex-usuário de drogas, de necessitado de ajuda, para ser simplesmente Roberto Alves.

Como meu grande sonho em termos escolares era apenas concluir o Ensino Médio, ao concluir a graduação, já havia ido longe demais, porém, num jantar comemorativo pela formatura oferecido pela madrinha da turma, a Professora Genilda D’Arc Bernardes, fui estimulado por seu esposo, Professor Pedro Celio, que respondia pela vice coordenação do Curso de Mestrado da Universidade Federal de Goiás (UFG), a participar do processo seletivo para aluno especial, cursando até duas disciplinas.

No momento, pareceu-me algo muito grande e distante, na verdade, achava que não tinha capacidade, porém, aceitei o desafio.

Passei no processo seletivo e me matriculei em 2 disciplinas do Me-

strado da UFG. Depois que as concluí como aluno especial, a UniEVANGÉLICA abriu sua primeira turma de Mestrado em Sociedade Tecnologia e Meio Ambiente e, por incentivo de amigos, familiares e meus ex-professores, especialmente, José Paulo Pietrafesa, Sandro Dutra e Silva, Genilda D'Arc Bernardes e Francisco Itami Campos, participei do processo seletivo e fui aprovado.

Próximo ao final do mestrado, e já trabalhando em minha dissertação com o título: “Drogas: Caso de Política” ajudei a elaborar um curso de pós-graduação com o tema: Especialização em Políticas Públicas sobre Álcool e outras Drogas, chancelado pela Secretaria Nacional sobre Drogas (SENAD) e me tornei aluno desse curso, concluindo-o em 11 de dezembro de 2009.

Já em 20 de julho de 2009 recebi o título de Mestre em Ciências Ambientais, com concentração em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente.

A partir dessa data, atuei como professor adjunto no Centro Universitário de Anápolis nos cursos de Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Agrônoma, Ciências Contábeis, Ciências Biológicas, Fisioterapia, Arquitetura e Urbanismo, Direito/Campus Ceres, e também na Faculdade Raízes e na Faculdade Evangélica de Goianésia, ministrando as disciplinas de Sociologia Geral, Sociologia Jurídica, Cultura Religiosa e Direitos Humanos. O menino que não podia ir à escola por ser doente, insistiu em estudar e as drogas o impediram de continuar, mas os olhos da graça de Deus permaneceram na história, e o menino se tornou mestre.

Algumas vezes, o Reitor, Professor Carlos Mendes, ainda me diz: “*só paro de pegar no seu pé quando você fizer doutorado*”.

Capítulo VII

*Sociólogo das Drogas, Sociólogo
da Vida*

*Criatividade, competência e inovação são dons divinos
e se expressam pelo esforço e disciplina.
Minha carreira profissional!*

Capítulo VII

Sociólogo das Drogas, Sociólogo da Vida

Sacerdócio, profissão e missão de vida



Foto Eduardo Coelho - site da UNIEVANGÉLICA

Instalação do Conselho Municipal de políticas públicas sobre Drogas de Anápolis / COMAD - setembro 2008, no Salão Nobre da UniEVANGÉLICA

Quando me perguntam o que faz um sociólogo, e que profissional é esse, respondo que é um profissional que milita para discutir, explicar e atuar em projetos, programas e políticas para o coletivo, com o objetivo de uma vida com mais qualidade em sociedade.

A ideia da Sociologia chegou em minha vida antes que eu planejasse fazer um curso superior. A primeira vez, ainda era solteiro, com meus 22 ou 23 anos, quando o meu amigo, José Florindo Júnior (o Júnior) me disse: “rapaz, se você fizesse faculdade um dia, um curso que seria muito bom para você, seria Sociologia, esse curso parece ter tudo a ver com você.”

Recebi com simpatia o comentário, mas pensei comigo: nunca farei uma faculdade mesmo.

Passado certo tempo que o Junior Florindo fizera esse comentário, dois amigos em comum, cursaram Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás - UFG, o Valdison Marques de Lima e o Eduardo Juliche. A escolha deles me chamou mais a atenção para o curso.

Ao me inscrever no vestibular, minha primeira e segunda opção,

foram Ciências Sociais, Bacharelado. Estava convicto: queria pesquisar, entender a sociedade, desenvolver políticas públicas, trabalhar com redes sociais e ONGs, voltadas para a problemática das drogas.

Todo esse novo conhecimento em que me via envolvido e conservava minhas primeiras convicções da vida e dos homens em sociedade, por meio dos meus conhecimentos teológicos e discipulado religioso, era agora, ampliado pelo conhecimento científico.

Minhas duas primeira experiências em políticas sociais estão registradas no capítulo quatro desse livre, que são: a primeira no Movimento Jovens Livres, e segunda no Gente Livre Centro Social de Promoção Humana e Prevenção ao uso Indevido de Drogas.

O UniVIDA é o Programa de atenção à dependência química e prevenção ao uso indevido de substâncias psicoativas do Centro Universitário de Anápolis/UniEVANGÉLICA e, de sua mantenedora, a Associação Educativa Evangélica - AEE.

Particpei da criação do UniVIDA e respondo por sua coordenação desde o início, em 1º de setembro de 1999, criado como Projeto Antidrogas, por iniciativa do Professor Carlos Hassel Mendes.

Esse projeto foi mais um degrau na escalada em minha vida social, pessoal e vocacional, e o de maior impacto em relação à reinserção social.

O Projeto teria ações permanentes e enfoque na prevenção em instituição de ensino, em interface com a extensão universitária, abrangendo os colégios de ensino fundamental e médio da AEE, além de desenvolver parcerias com instituições de ensino das redes pública e privada.

Esse projeto deveria iniciar em Anápolis e Ceres, alcançando a pesquisa e completando assim, o tripé da educação superior: ensino, pesquisa e extensão.

O professor Carlos Mendes colocou essa ideia em prática ao transformá-la em proposta para o Conselho de Administração da AEE e, posteriormente, à sua Assembleia Geral Ordinária. Com vários questionamentos por parte desses órgãos, a proposta foi aprovada e, em nome da Instituição, Professor Carlos me convidou para elaborar o Projeto Antidrogas.

Uma vez aprovado o projeto pela AEE, ele recebeu inclusive a chancela da Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD e fui convidado para exercer sua Coordenação.

Posteriormente, com o crescimento das atividades, o projeto se transformou no Programa UniVIDA.

Quem é Carlos Mendes?



foto: acervo do autor

Dr. Carlos Mendes em seu pronunciamento em comemoração aos 16 anos do Programa UniVIDA na Assembleia Legislativa em Goiânia Goiás.

Carlos Mendes é filho do médico Domingos Mendes da Silva e da enfermeira Eudméa Hassel Mandes da Silva. Doutor Domingos, como médico, trabalhou no Hospital da Colônia Agrícola Nacional de Goiás – CANG, hoje cidade de Ceres e, nessa condição, mantinha contato direto com o Presidente Getúlio Vargas, com o Governador Dr. Pedro Ludovico e com o Engenheiro Bernardo Sayão, coordenador da estrada Anápolis-Miracema, depois Belém–Brasília.

Fundou a Escola Técnica de Enfermagem em Ceres, onde sua esposa, a enfermeira Eudméa, atuou como diretora. Fundou, também, o Hospital das Clínicas Centro Goiano, onde atendia gratuitamente missionários e pessoas carentes e, quando os atendidos não tinham onde se hospedarem, os recebia em sua própria casa.

Foi membro fundador da Igreja Batista em Ceres e Membro Dirigente da Associação Educativa Evangélica.

Na política, foi o primeiro prefeito eleito de Ceres, antiga Colônia Agrícola Nacional de Goiás e deputado estadual na 5ª Legislatura - 1963 a 1967.

Dr. Domingos faleceu em 22 de novembro de 2006, em Ceres-GO, e sua esposa, a enfermeira Eudméa, faleceu em 08 de julho de 2009.

Seu filho, Carlos Mendes, é pai de Tiago Ferreira Hassel Mendes, Joab Ferreira Hassel Mendes e Daniel Ferreira Hassel Mendes, filhos que teve com Celina Ferreira Hassel Mendes da Silva, sua primeira esposa, que faleceu em 22 de agosto de 2002.

Carlos Mendes é avô de três netos: Gabriel e Teo, filhos de Joab e Ana Paula; e Mateus, filho de Daniel e Patrícia. Dr. Carlos é casado com Juliana Oliveira Hassel Mendes.

Carlos Mendes, em muito, seguiu a carreira do pai. É médico pela Universidade de Brasília - UNB, com Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia, Especialista em Administração Hospitalar pelo Centro Universitário São Camilo, Mestre em Ciência da Educação Superior pela Universidade de Havana/Universidade Estadual de Goiás, revalidado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO.

Professor Carlos Mendes frequenta a Igreja Batista desde criança e, foi Presidente da Juventude Batista do Estado de Goiás - JUBEG, de 1977 a 1981. Representando a denominação, Presidente da Associação Educativa Evangélica de 1986 a 1991, Vice-Presidente no período de 1991 a 1994 e Membro do Conselho de Administração até 1999. Foi Diretor Clínico do Hospital Memorial Batista do Centenário de Goiás, no período de 1992 a 1994 e Presidente da Convenção Batista Goiana de 1990 a 1991.

Carlos Mendes também atuou na política partidária pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB. Foi Prefeito Municipal de Ceres-GO, de 1982 a 1988, Deputado Estadual na Legislatura de 1991 a 1994, quando presidiu a Comissão de Saúde, Promoção Social e Meio Ambiente, no período de 1991 a 1992, e ocupou a 4ª Secretaria da Mesa Diretora, de 1991 a 1992. De 1995 a 1997, foi Titular da Secretaria de Estado da Saúde e Deputado Federal, de 1995 a 1998.

Professor Carlos Hassel Mendes, Reitor do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA, em 05 de março de 2013, no Gabinete da Reitoria, em entrevista ao jornalista Rafael Bastos Santos, do Departamento de Comunicação da UniEVANGÉLICA, revive suas memórias, e define Roberto Alves e o Programa UniVIDA. Veja:

R.B: “Dr. Carlos, quando e como o senhor conheceu o professor Roberto?”

C.M. “Conheci o Roberto em 1993, peregrinando nos corredores da Assembleia Legislativa a procura de um deputado evangélico para apresentar

um requerimento, propondo a realização de uma Seção Solene na Assembleia em comemoração aos 25 anos do Movimento Jovens Livres (MJL). Ele ficou sabendo de minha existência, por meio de Delcio Marrique, um amigo e irmão nosso membro da Igreja Cristã Evangélica de Goiânia e Diretor da Companhia de Telecomunicações de Goiás/TELE-GOÍAS, hoje Diretor Executivo de Os Gideões Internacionais do Brasil. Roberto mantinha contato com Delcio por meio das locações que fazia no Acampamento da igreja Cristã, cujo Delcio era o responsável.

Eu realizava, semanalmente, em meu gabinete uma reunião de oração com um grupo de assessores e amigos, em busca de orientação de Deus para os trabalhos da semana. Roberto participou em uma dessas reuniões, e logo após, marcou com minha assessoria uma audiência comigo.

No dia em que o recebi em meu gabinete, já tinha ouvido falar sobre o Movimento Jovens Livres, mas não conhecia o Roberto. E nesse nosso primeiro contato, sua presença me impactou com o seu testemunho de vida. Foi um momento que eu diria singular, eu não conhecia nada do Roberto, sabia que se tratava de um jovem negro, pobre, dependente de drogas, com escolaridade muito baixa e que tinha conseguido vencer alguns desses desafios, por meio do MJL, mas sua determinação despertou muito minha atenção. Sua vida era uma prova viva que existe possibilidade de recuperação e de superação, quando se tem Deus no controle da vida e determinação pessoal para vencer.

Após ouvir o Roberto sobre o MJL e seu testemunho pessoal, decidi conhecer a sede do Movimento Jovens Livres, antes da realização da seção solene, até para ter mais embasamento e fazer uma apresentação melhor da instituição.

No dia da visita, acompanhado de minha esposa Celina, conhecemos as instalações da Instituição, ouvimos cerca de 50 alunos cantarem algumas canções, alguns testemunharam suas histórias no uso de drogas e como foram livres ao conhecerem o Evangelho do Senhor Jesus. Celina e eu demos uma palavra de agradecimento e nos emocionamos bastante.

Fiz a proposta, e no dia da Sessão Solene a Primeira Dama do Estado, Iris de Araújo Machado, participou e anunciou a doação de maquinários para formação de uma marcenaria e um gabinete odontológico ao Movimento Jovens Livres.

Participaram, também, os dirigentes do MJL: o advogado e pastor João Justino Avelar de Carvalho, Presidente; Pastor Fernando Marcos Nogueira, Diretor de Recuperação; Pastor Cleócio Satlher, Presidente da Comunidade Jovens Livres (igreja de apoio ao MJL) que compuseram a mesa diretiva dos trabalhos. O Roberto tomou assento no plenário e foi convidado a dar uma

palavra explicativa sobre os programas realizados pelos Jovens Livres. A galeria estava lotada de pessoas que foram reabilitadas na instituição, seus familiares e admiradores do MJL.

Além dos representantes do MJL, participaram daquele momento, e tiveram assento à mesa, as autoridades: Deputado Federal Antônio de Jesus Dias, Doutor Geraldo Gonçalves da Costa, Procurador Geral do Estado de Goiás, Deputado Estadual Isaac Portilio, Secretário de Estado da Ação Social e Trabalho, Doutor Valter Pereira da Silva, Presidente da Companhia de Metais de Goiás/METAGO, Pastor Oídes José do Carmo, Presidente do Conselho de Pastores do Estado de Goiás. “Ainda participaram os Deputados Agenor Rezende, Presidente da Casa e os Deputados

Estaduais Mario Filho, Cleovam Siqueira e Odemar Amorim”.

R. B. “Na época em que o senhor o conheceu quem era ele? Em termos de estudo, do trabalho que ele desenvolvia. Como que foi, neste primeiro contato, ter expectativas que ele poderia trazer benefícios para sua atividade política?”

C.M. “Gradativamente, fui conhecendo-o, nossos contatos passaram a ser mais constantes, fui me inteirando do seu nível de vida, suas dificuldades financeiras, soube que ainda não havia concluído o ensino médio, era um jovem ainda, com muita experiência de vida, mas tinha pouco conhecimento científico.

Roberto tinha um exemplo de vida muito forte e isso chamou minha atenção. A partir daquele primeiro encontro, ele se tornou um amigo, um companheiro e algumas de suas ideias passaram a pautar algumas de minhas atividades políticas: nas discussões, nos seminários, nos fóruns de discussões sobre drogas, nas necessidades do governo dar suporte às comunidades terapêuticas. Envolvi-me, também, com outras comunidades terapêuticas, por meio do Roberto, a Águas de Meribá, que pertencia à minha denominação Batista, já era envolvido de alguma forma, mas intensifiquei minha participação, e minha atuação parlamentar passou, de alguma forma, a ser um suporte para essas comunidades. A prevenção ao uso indevido de drogas passou, de forma consistente, a fazer parte do meu projeto político.

Quando chegou o momento de uma nova disputa eleitoral e tive que escolher um slogan de campanha para minha atuação parlamentar, já estava bem definido: “POR UM GOIÁS SEM DROGAS”. Poderia até parecer utópico, um sonho para alguns, mas para mim era muito real, eu estava definido.

Para mim, configurou-se razão profissional de minha vida, decidi

que não só na política, mas em toda e qualquer atividade que viesse desenvolver, seja como cidadão, como evangélico da Igreja Batista e pai de família, a prevenção ao uso indevido de substâncias psicoativas passaria a permear as minhas ações.

Logo após essa decisão, assumi a cadeira de Deputado Federal e licenciei-me para ser o Secretário de Estado da Saúde de Goiás, então estas ações foram ainda mais incrementadas.

Na verdade, a preocupação com as questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas já fazia parte da minha vida e de minha família, desde o momento em que um dos meus filhos se envolveu com o uso abusivo dessas substâncias. Tanto eu, como minha família, sempre o apoiamos, e ele já tem alcançado vitórias, graças a Deus.

Ao término de meu mandato de Deputado Federal, não obtive sucesso no projeto de reeleição, com isso, achei que era o momento de parar com a política partidária, até mesmo, para me recompor mais em família e continuar com esta questão que assumi como a minha missão pessoal de vida.

Assim que saí da atividade política, recebi o convite do Conselho de Administração da Associação Educativa Evangélica, para ser o Diretor Geral das Faculdades Integradas da Evangélica-FAEE, Instituição em que já atuava por cerca de 20 anos, no Conselho de Administração, com mandatos consecutivos de membro dirigente, exercendo várias funções, inclusive de vice-presidente e, posteriormente, presidente.

Assumir a Direção das Faculdades Integradas foi um novo desafio na minha vida, uma nova guinada; vim da medicina, fui para a política e agora para a educação. Porém, em tudo isso, tenho plena convicção de que estava dentro do plano de Deus para a minha vida”.

R. B. “A ideia da criação de um projeto sobre drogas foi bem aceita na Associação Educativa Evangélica?”

C.M. “Eu havia assumido o compromisso de que onde eu estivesse desempenhando qualquer função ou cargo, a bandeira de combate ao uso indevido de drogas estaria comigo, e faria parte de minhas ações.

Assim, quando assumi esta direção, ainda no início de 1999, com muitos desafios, entre eles o de transformar as Faculdades Integradas em Centro Universitário, entendi também que era o momento que deveria encarar o desafio de levar ao Conselho de Administração da AEE, a proposta do Projeto antidrogas; a instituição contaria com um departamento que pudesse

trabalhar as questões relacionadas às drogas.

Como se tratava de uma Instituição de Ensino, de uma instituição evangélica, no primeiro momento, houve uma reação de surpresa, se realmente era necessário um projeto como este. Esta reação chamou a atenção de todos, e eu me coloco também nesta situação, porém, a decisão final foi que deveríamos sim, como Instituição, encarar mais esse desafio.

Abrangendo nossas Faculdades e Colégios, em Anápolis e Ceres, trabalharíamos a prevenção com nossos estudantes, desde a primeira fase do ensino fundamental, à pós-graduação, envolvendo não só o ensino, mas também a pesquisa e extensão.

A instituição despertou-se em relação a estes aspectos. Todos nós sentimos a necessidade da implementação de um programa que trabalhasse as questões relacionadas às drogas.

O Conselho de Administração da Evangélica, num momento muito feliz, de muito discernimento, de muita busca da direção de Deus, aprovou integralmente a inclusão deste programa. Um programa com a abrangência do UniVDA, sendo pioneiro em instituições de ensino, inclusive em nível superior”.

R. B. “E deu certo? Como está o programa hoje, após 13 anos de sua implantação?”

C.M. “Com certeza, e para a glória de Deus, é incontestável que deu certo. Hoje em 2013, já são 13 anos de funcionamento, atividades e alcance positivo interno e externo, à instituição, inclusive fora do Estado de Goiás.

O UniVIDA, que continuo sob a coordenação do Professor Roberto Alves, que faço questão de lembrar que chegou à instituição com escolaridade baixa, sem concluir o ensino médio e hoje, além da graduação em Ciências Sociais, fez especialização em políticas públicas, e ainda concluiu o mestrado.

A UniEVANGÉLICA, por meio desse programa, já ultrapassou a marca de 500 cursos em nível de extensão universitária, para formação de multiplicadores de prevenção ao uso indevido de substâncias psicoativas, ministrados para educadores das redes públicas e privada de educação, agentes comunitários de saúde, diretores e monitores de comunidades terapêuticas, líderes de igrejas em nosso Estado de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia e Espírito Santo.

Os cursos de extensão universitária ministrados nas comunidades terapêuticas da região de Anápolis e outros estados, como a Bahia, foram

decisivos para que as mesmas, estivessem qualificadas para receber repasses, de forma permanente, dos governos federal e estadual.

Em nível de especialização lato sensu, estamos partindo para a organização da segunda turma do Curso de Políticas Públicas sobre Álcool e outras Drogas; a primeira, inclusive, contou com a parceria e chancela da Secretaria Nacional sobre Drogas - SENAD.

Na área da pesquisa, são dezenas de trabalhos por meio de Trabalhos de Conclusão de Cursos - TCC, do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação Científica - PIBIC. Já fizemos levantamentos epidemiológicos com a comunidade interna e externa à UniEVANGÉLICA, envolvendo estudantes do ensino fundamental e médio; levantamento sobre a rede disponível de atendimento especializado sobre drogas em Anápolis e região; pesquisas, realizadas em parcerias com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG.



Foto: Eduardo Coelho (cedida pelo UnifPos do site UniEVANGÉLICA)

Caminhada Antidrogas - Anápolis GO- 2001

O trabalho de extensão, que por meio do UniVIDA, desenvolveu-se ao longo desses anos, foi um trabalho importante na mobilização da Comunidade Anapolina e nas cidades onde a Evangélica tem unidades de ensino, como é o caso do Campus em Ceres e da Faculdade Evangélica de Goianésia.

Nessas cidades, foram realizadas ações de mobilização da comunidade em torno das políticas sobre drogas, especialmente por meio da Caminhada Antidrogas, que hoje leva o nome de Caminhada pela vida sem Drogas. No total já foram mais de 40 caminhadas, só em Anápolis foram 15, mas aconteceu também em Ceres, Nerópolis, Aparecida de Goiânia,

Caldas Novas, Rio Verde e, por 12 vezes, em Goiânia e fora do Estado, em cidades dos Estados da Bahia, Maranhão, Mato Grosso e Santa Catarina.

Essa movimentação foi importante para despertar o poder público e a comunidade civil para ações efetivas de enfrentamento da realidade do uso de drogas e seus desdobramentos. Estudantes das diversas instituições participantes atuaram como agentes e objetos da prevenção.

Em Anápolis reorganizado e reativado, em Ceres e Goianésia foi criado o Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas/COMAD, importante órgão na elaboração, fomento e implementação de políticas públicas sobre drogas no âmbito dos municípios. Também nesses municípios, foram criados, articulado pelo UniVIDA, o Dia Municipal de Prevenção ao uso Indevido de Drogas, por Lei aprovada pelas Câmaras Municipais e sancionada pelos prefeitos. Em cada um desses municípios são realizadas várias ações alusivas a essa data.

Em Anápolis, quando as ações do UniVIDA iniciaram em 1999, não havia um Centro de Atenção Psico Social - CAPS, hoje, a cidade conta com três, sendo um deles especializado no atendimento sobre drogas - CAPS/AD; Programa de Combate ao Tabagismo, hoje conta com 3, em pleno funcionamento; a cidade hoje conta também com atendimento a usuários por meio do Consultório de Rua, ações de políticas públicas da Secretaria Municipal de Saúde que, não tenho dúvidas, contou com a importante contribuição dos trabalhos de mobilização do UniVIDA da UniEVANGÉLICA.

As caminhadas e eventos promovidos pelo UniVIDA já arrecadaram mais de 20 toneladas de alimentos, que foram repassados para comunidades terapêuticas de Anápolis e região.

No campo de ação comunitária e, especialmente, na atenção aos acadêmicos do Centro Universitário, são realizados eventos como fóruns, seminários, debates em salas de aula, nas diversas disciplinas e cursos. Essas ações visam discutir a atuação do futuro profissional, seja o médico, o advogado, professor ou odontólogo, e o convívio com pacientes e clientes usuários de drogas. Nessa abordagem, o acadêmico é confrontado em seu próprio uso de drogas, se for o caso.

Outras formas são os constantes contatos com instituições que prestam serviços a usuários ou ex-usuários de drogas, como comunidades terapêuticas e clínicas, por meio da pesquisa e extensão.

O UniVIDA, em sua estrutura própria, oferece atendimento individual e coletivo nos três turnos letivos da UniEVANGÉLICA. Dezenas de usuários já foram encaminhados para serviços especializados no caso de

dependência em nível maior, pois geralmente nesse estágio o estudante não consegue mais manter sua disciplina de estudos.

Por outro lado, tanto na comunidade universitária, quanto na externa à UniEVANGÉLICA, o UniVIDA já conseguiu levar vários casos a abstinência, por meio desse atendimento, que funciona de segunda à sexta, das 8h às 22h, sem intervalos.

Por exemplo, há um tempo, no Gabinete da Reitoria, um estudante de um dos cursos, me relatou que já fazia mais de um ano que deixara o uso de cocaína e outras drogas, por meio de atendimentos recebidos no UniVIDA, e temos outros depoimentos dessa natureza, inclusive em nossos colégios e pessoas da comunidade, porque o programa também é aberto à comunidade.

Sem dúvida, o UniVIDA deu certo porque é um programa que nasceu no coração de Deus e encontrou homens e mulheres sensíveis à necessidade humana, não só aquela visível pelo fato de ser uma realidade, mas também aquela que jamais será vista por ter havido ações de intervenção por meio da prevenção”.

Sacerdócio, profissão e missão de vida:

O que mais me sensibiliza são as realidades encontradas nos centros pequenos, médios, grandes e também nos rurais que sofrem forte influência da cultura urbana consumista, inclusive disponibilizada, por meio de acesso a tecnologias, como redes sociais virtuais, criando assim, urgente necessidade de profissionais de todas as áreas com atuação multi e interdisciplinar em instituições que oferecem serviços de educação, saúde, cultura, religião, segurança, entre outras.

A atuação desses profissionais se justifica devido ao uso de drogas que gera violência e, muitas vezes, morte no trânsito, em residências, nas instituições de ensino de todos os níveis, em regiões de disputas de traficantes por controle de favelas e cracolândias, e em eventos culturais que permitem o uso dessas substâncias. Principalmente, se associado às situações de vulnerabilidades socioeconômicas, como falta de emprego e renda, alimentação e moradia.

Chega-se então, a uma conclusão inevitável: impossível não ser tocado e não chorar diante dessa realidade, impossível não dizer: *“eis-me aqui, envia-me a mim”*.

Associação Educativa Evangélica:

A apresentação da Associação Educativa Evangélica foi transcrita do documento Balaço Social de 2015.

A Associação Educativa Evangélica - AEE - foi fundada em 31 de março 1947 por um grupo de missionários e líderes evangélicos, Antônio de Oliveira Brasil, Archibald Tipple, Arthur Wesley Archibald, Dayse Fanstone, James Fanstone, Newton Wiederhecker, Nicola Aversari, Severino Araújo e William Benister Forsyth, tendo como tarefa fundamental contribuir com a educação e a formação de crianças, jovens e adultos da região de Goiás.

Fundamentada em princípios cristãos, tem como missão, promover, com excelência, o conhecimento, por meio do ensino, nos diferentes níveis da pesquisa e da extensão, buscando a formação de cidadãos comprometidos com o desenvolvimento sustentável.

Imbuída de sua missão, a AEE tem como valores, a competência, o profissionalismo e o trabalho participativo, norteando suas ações por princípios éticos, morais e cristãos, utilizando conceitos inovadores de gestão e adotando políticas institucionais modernas e eficazes na condução de seu projeto educacional, tais como:

- Exercício de sua função social, evidenciando as áreas de atuação educacional, assistencial, política, social e cultural.
- Desenvolvimento de um projeto institucional de qualidade, que valorize as potencialidades e individualidades do ser humano.
- Valorização profissional, investindo em projetos de capacitação, que visem ao aprimoramento e ao crescimento intelectual.
- Desenvolvimento de programas institucionais que possibilitem a consolidação do Projeto Pedagógico do Centro Universitário, garantindo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão universitária.
- Estímulo a projetos de pesquisa, iniciação científica e programas de prestação de serviços.

Criada como mantenedora de escolas, em diversos níveis, a AEE é

uma Instituição confessional, de caráter interdenominacional e marca presença com a fundação de escolas em diversas cidades do Estado de Goiás.

No mesmo ano de sua fundação, assumiu a manutenção do Colégio Couto Magalhães, em Anápolis e do Colégio Álvaro de Melo, em Ceres; além do Educandário Nilza Risso, da Escola Luiz Fernandes Braga Júnior, do Normal Regional e do Sítio de Orientação Agrícola, em Cristianópolis, desativados ao longo do tempo. Durante a década de 1960, no contexto da interiorização do desenvolvimento, provocado pela transferência da capital federal para a Região Centro-Oeste, e a partir da abertura propiciada pelo governo federal para o credenciamento de novas Instituições de Ensino Superior, a AEE criou sua primeira faculdade.

Assim, em 1961, foi autorizada a Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão; em 1969, a Faculdade de Direito de Anápolis; em 1971, a Faculdade de Odontologia João Prudente; e em 1976, a Faculdade de Filosofia do Vale do São Patrício. Essas faculdades isoladas, foram transformadas em Faculdades Integradas, por força de seu Regimento Unificado, em 1993.

Convicta da relevância de sua proposta educacional, fundamentada em valores cristãos, éticos e democráticos, as Faculdades Integradas da Associação Educativa Evangélica foram credenciadas como Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA), em 2004.

A Associação Educativa Evangélica é uma instituição seriamente comprometida com a sua missão e, por isso, não para de crescer. Na educação superior, adquiriu a Faculdade Raízes, em 2006; a Faculdade Evangélica de Goianésia, em 2007; a Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, a Faculdade de Ceres e a Faculdade de Jaraguá, em 2015. Na educação básica, fundou o Colégio Couto Magalhães de Goianésia, em 2012.

Quando cheguei à AEE, fui contratado para criar, implantar e coordenar o Projeto Antidrogas, o qual fazia parte da Capelania, onde o meu cargo era Auxiliar de Capelania.

Com a transformação das Faculdades Integradas em Centro Universitário, o Projeto Antidrogas se tornou Programa de Atenção Permanente a Dependência e Prevenção ao uso Indevido de Substância Psicoativa, e passou a fazer parte de uma nova estrutura: o Núcleo de Apoio ao Discente/UniATENDER, ligado a Pró-Reitoria Acadêmica, que tinha como titular a Professora Ana Lucy Macêdo dos Santos.

O desafio do UniATENDER:

O UniVIDA passou a responder também pelas políticas institucionais de Igualdade Étnico-Racial, deficientes e inclusão social e continuava com as atividades relacionadas às Drogas. Além do Programa UniVIDA, o UniATENDER desenvolvia os seguintes programas institucionais: Ouvidoria Geral, Atendimento Psicopedagógico, Pastoral Universitária, Serviço Social/Programa de Bolsas, Programa de Concluintes e Egressos.

Cada Programa tinha sua própria coordenação. Ouvidoria: Dr. Olímpio Ferreira Sobrinho, Psicóloga: Jorleide de Lira Bernardes, Pastor: Valter Gomes Campos, Assistente Sociais: Sonimar Mendonça Dias, Maria de Fatima Alves Subtil, Concluintes e Egressos: Sandro Dutra e Silva. todos os cargos eram subordinados à coordenação geral do UniATENDER.

Em 2008, a instituição promoveu um ajuste econômico, redistribuindo recursos humanos em outras funções, e adaptando os serviços oferecidos dentro das exigências do Ministério da Educação (MEC), e com maior tecnologia. Em consequência disso, já como docente da UniEVANGÉLICA e concluinte do mestrado, assumi a Coordenação do UniATENDER com a missão de dar um novo impulso e novas características aos serviços oferecidos em seus programas. Foi um grande desafio.

A Pastoral e o Serviço Social ganharam estruturas próprias. O Serviço Social ganhou também, uma nova identificação: UniSOCIAL. O Atendimento Psicopedagógico passou a ser oferecido nas estruturas dos próprios cursos.

Eu, uma secretária e dois auxiliares de secretaria, assumimos todos os programas, antes desenvolvidos por uma grande equipe de profissionais.

Implantamos então, a Ouvidoria Geral online para um funcionamento de qualidade, e buscamos a parceria dos cursos em suas várias ações. Criamos uma agenda de participação em atividades externas à UniEVANGÉLICA, como: cursos, fóruns, conselhos e outros mecanismos de debates e formação específica nas temáticas trabalhadas no UniATENDER.

A escalada na UniEVANGÉLICA:

O Projeto Antidrogas passou a integrar os Objetivos Sociais, da Associação Educativa Evangélica (AEE), em 30 de junho de 2001, conforme seu Estatuto Geral, no Capítulo II - Dos Objetivos Sociais, art. 6º, inciso III, que diz: promover atividades de prevenção ao uso de drogas.



foto: Eduardo Coelho (cedida pelo site UniEVANGÉLICA)

Instituição das políticas Antitabagismo da UniEVANGÉLICA

Em maio de 2002, o UniVIDA foi reconhecido pelo Conselho Estadual de Políticas Públicas, sobre Drogas/CONEN/GO, registrado sob o nº 205333128/02.

Em 1º de setembro de 2003, por meio de Portaria da Presidência do Conselho de Administração da AEE, o UniVIDA torna-se em Programa Institucional de Políticas Permanentes sobre Drogas, com coordenadoria própria, ligado diretamente a Reitoria do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA) e interface com todas as mantidas da AEE.

Como a minha responsabilidade não se limitava às questões das drogas, mas também às políticas voltadas às comunidades indígenas, negra, aos deficientes e egressos, tive que estudar bastante e de forma constante, sobre essas temáticas e, ainda, sobre participação cidadã, satisfação e direitos do consumidor, para responder pela Ouvidoria Geral, políticas e liderança estudantil, dentro do programa de atendimento ao discente, especialmente por meio dos Diretórios Acadêmicos (D.As).



foto: Eduardo Coelho (cedida pelo site UniEVANGÉLICA)

Professor Roberto Alves fazendo um tour pelo campus da UniEVANGÉLICA, para o plano de melhoria da acessibilidade. 2001



Foto: Eduardo Coelho (cedida pelo site UniEVANGÉLICA)

2º Fórum sobre Povos Indígenas promovido pelo UniVIDA em parceria com Asas de Socorro e Missões Novas Tribos, com participação de 150 indígenas representando cerca de 70 nações.

Essas ações me proporcionaram algumas experiências em minha militância em políticas sobre drogas. Fui conselheiro titular no Conselho Municipal de Políticas Sobre Drogas de Goiânia, por dois mandatos, sendo um deles como vice-presidente, tendo participado, inclusive, da articulação para sua reativação.

No Conselho de Anápolis, estou no quarto mandato, sendo um deles como vice-presidente. Participei do grupo de liderança da articulação para implantação dos Conselhos de Ceres e de Goianésia.

Houve uma aproximação e o desenvolvimento de parcerias com a Secretaria Nacional sobre Drogas - SENAD. O UniVIDA foi visitado pelos titulares da SENAD, Doutor Walter Fanganiello Maierovitch, Gal. Paulo Roberto Yog de Miranda Uchoa, Professora Paulina Arruda Vieira.

Cursei pela SENAD: Diga Sim a Vida – Prevenção ao Uso Indevido de Dro-gas-1999, SUPERA, Prevenção do Uso de Drogas para Educadores de Escolas Públicas/2006, Fé na Prevenção – Prevenção do Uso de Drogas em Instituições Religiosas e Movimentos Afins/2010, nesse, além de estudar, contribuí na teleconferência em um dos módulos, Capacitação Para Líderes, Voluntários, Profissionais e Gestores de Comunidades Terapêuticas/2013.

Participei de importantes eventos como os Fóruns para Formulação da Política Nacional sobre Drogas do Brasil, realizados em 2000 e 2004; o Seminário Internacional de Políticas Públicas sobre Drogas, em 2005, com a presença de representantes do Canadá, da Itália, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Suécia e Suíça; e do primeiro Seminário de Rede de Pesquisa sobre Drogas, em 2007.

Políticas de Ações Sociais e Sobre Drogas:

Em estratégias de enfrentamento do uso de substâncias psicoativas, não é tão eficiente falar diretamente com estudantes universitários, a abordagem indireta, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão alcança melhor o alvo, tanto na prevenção, quanto no tratamento.

Nas políticas de ação comunitária da UniEVANGÉLICA, a temática sobre o uso de drogas é discutida por meio de várias ações voltadas aos acadêmicos, realizadas em parceria com os cursos, no trabalho investigativo da pesquisa científica por meio do Programa de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC, em Trabalhos de Conclusão de Curso, publicações de artigos, dissertações de mestrado e outros trabalhos de pesquisa.

Periodicamente são desenvolvidos cursos para professores, corpo docente e técnico-administrativo. Caminhada de bairro, Semana Antidro-

RAÇA E GRAÇA

gas, eventos culturais com apresentações musicais e teatrais, concursos de cartazes e outros eventos, principalmente voltados para a prevenção.



foto: acervo do autor/ cedida pelo site UNIEVANGELICA)

Abertura da Caminhada Antidrogas no Ginásio de Esportes de Anápolis/GO, Dia Municipal de Prevenção ao uso Indevido de Drogas, em maio de 2001.

O mais importante de tudo isso, é a oportunidade que experimento nesse momento de minha vida: desenvolvimento de meu ministério pastoral e evangelístico e, ainda, atuação como sociólogo, como profissional de políticas no ambiente de ensino, um universo bem abrangente em termos de grupos e suas realidades em nossa sociedade.

Tudo isso, me oportuniza a ajudar pessoas, tanto no campo espiritual, quanto no campo social, algo próximo do que é identificado com o evangelho integral.

Em 2010, me aproximei do Fórum Nacional de Ouvidores Universitários (FNOU), e participei do Curso para Certificação de Ouvidores pela Associação Brasileira de Ouvidores (ABO).

Fui eleito vice-presidente do FNOU para a Região Centro Oeste, para o mandato de outubro de 2015 à outubro de 2016.

Fui delegado no Movimento Para Política de Igualdade Racial em nível estadual, representando Anápolis.

Já na política para deficientes, além de contar com as valiosas contribuições do Acadêmico de Direito Marciley Angelino da Silva, que se tornou cadeirante após acidente automobilístico, interrompendo, assim, uma carreira de bombeiro militar, e do Professor Marcelo Mello Barbo-

sa, atual Pró-Reitor Acadêmico da UniEVANGÉLICA, que trabalhou a questão da acessibilidade em sua dissertação de mestrado, leio e consulto com frequência as orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e, por um período, participei de reuniões periódicas com alguns profissionais responsáveis pelos serviços de atenção ao deficiente em instituições de ensino superior (IES), UniEVANGÉLICA, Alves de Faria (ALFA), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO) e Universidade Federal de Goiás (UFG), eram as mais frequentes.

Aprendizagem e formação antes da UniEVANGÉLICA:

Todo esse treinamento e formação são continuidade do que aprendi no MJL, Gente Livre e nas igrejas, em atendimentos, aconselhamentos, ministrações de aulas cristãs e de cidadania, e no convívio direto com usuários de SPA e seus familiares.



Roberto Alves e Pastor Fernando Marcos Nogueira, em visita à Comunidade Terapêutica Phoenix Academy, nos Estados Unidos da América, em 1996.

Quando ainda atuava no Ministério Jovens Livres e no Gente Livre, fiz um curso de atualização em programa sobre drogas no Teen Challenge (Desafio Jovem), do Pastor David Wilkerson, e visitas técnicas a várias instituições especializadas em políticas sobre drogas, em 1996, na companhia e com o apoio do Pastor Fernando Marcos e da família de sua esposa Relda Lee. Em 1998, participei da 9ª Conferência Internacional sobre Redução de Danos em São Paulo - SP e do Fórum para Formulação da Política Nacional sobre Drogas do Brasil em Brasília - DF.

Fiz visitas técnicas a instituições de prevenção, como a centenária Hop Ulk, em Londres/Inglaterra, e o trabalho preventivo da Cruz Azul, em Lisboa/ Portugal. Dessa vez, acompanhado do pastor Mackill Vasconcelos. Fomos recebidos pelo Reverendo John Sttot, em vista ao Instituto para um



foto: acervo do autor

Professor Roberto e Pastor Mackill, recebidos pela Direção do National Drug Prevention Alliance em Londres Inglaterra 1999.

Sob a liderança do psiquiatra Eldo Elias de Lima, ajudei a organizar o Centro de Desintoxicação de Menores de Goiânia, e atuei como Capelão por um ano, de fevereiro de 1998 à fevereiro de 1999. Um projeto da Prefeitura Municipal de Goiânia em parceria com a Comunidade Terapêutica Feminina Águas de Meribá, graças à articulação do amigo Alair Ambrósio.



foto: acervo do autor

Pastor Roberto em audiência pública na Câmara dos Deputados em Brasília, em outubro de 1995.

A convite da Deputada Federal por Goiás, Maria Valadão, representei o Estado de Goiás em audiência pública na Câmara dos Deputados, que discutia o Projeto de Lei nº 4.591-A, de 1994, sobre a substituição da pena de prisão para usuários de drogas, por penas alternativas e a nova Lei Sobre Drogas nº 11.343, de 26 de agosto de 2006.

Representei o Brasil no Encontro Latino-Americano de Comunidades Terapêuticas, Encontro Técnico-Internacional, que teve como objetivo, avaliar os serviços oferecidos nessa área e estabelecer normas básicas de funcionamento, realizado de 08 à 11 de outubro de 1996, em Brasília - DF.

Destaques de participação como palestrante:

Seminário sobre o Papel da Família e da Comunidade na Prevenção e Recuperação na Câmara Municipal de Vereadores de Goiânia - GO, em 19 de setembro de 1998;

Curso para Formação dos primeiros palestrantes do Programa Educacional de Resistência às Drogas-PROERD, em 28 de outubro de 1998 - Goiânia - GO; Encontro Nacional da Federação do Amor-Exigente-FEAE, Centro de Convenção de Goiânia dia 12 de julho de 2001 - Goiânia - GO; Reunião de lançamento do Programa de Dependência Química da Pontifícia Universidade Católica - PUC/GO, 19 de abril de 2001; Treinamento Nacional de Coordenadores Regionais de Amor-Exigente, na Fazenda Esperança em Campinas-SP, em 30 de agosto de 2010; Sessão Solene sobre a Importância das Comunidades Terapêuticas, promovido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em Salvador, no dia 26 de junho de 2007;

ACEB:

A Aliança de Comunidades Terapêuticas Evangélica do Brasil (ACEB) foi criada no ano de 2000 em Goiânia, e cobria 5 Estados e 4 regiões do Brasil (Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste). Em Goiás o Centro de Prevenção Gente Livre (GL) e Comunidade Presbiteriana Livre em Cristo (CPLC), em Goiânia e Caldas Novas; em Mato Grosso a Comunidade Presbiteriana Livre em Cristo e o Grupo Boas Novas de Apoio a Menores em Cuiabá, e ainda o Gente Livre em Rondonópolis; no Espírito Santo, a Comunidade Livre em Cristo em Cariacica; na Bahia: as Comunidades Terapêuticas (CTs) Rosa de Saron e Ailton da Paixão (ANAP) em Salvador, Centro de Reabilitação Nova Vida em Feira de Santana, Gente Livre Maa-naim em Irecê; e no Maranhão a Comunidade Terapêutica Missão Jovem (COMIJO) em Imperatriz.

Durante 10 anos a ACEB, foi um porto seguro para CTs e igrejas sem uma cobertura ministerial e denominacional, porém com lideranças, pastores com e sem formação teológica, mas com experiências, pastoreio de igrejas, pessoas sérias e dedicadas à causa de Cristo, especialmente com o trabalho com a marca do Evangelho Integral em instituições religiosas variadas como centenas de igrejas e líderes sérios, que doam e se doam de forma sincera, honesta e missionária, instituições que desenvolvem projetos e programas sociais mais diversos no Brasil, e em vários outros países. Lideranças que às vezes são mal remuneradas, que tiram do bolso para a manutenção do trabalho religioso e social, movidos por amor. Foi com instituições e pessoas assim, a ACEB foi criada.



7ª Conferência Nacional da ACEB – Anápolis-GO – 2007.

A ACEB proporcionava cobertura espiritual, formação técnica continuada, por meio de seminários, fóruns, cursos e encontros nacionais, que aconteciam por ocasião do período do carnaval, cada ano em uma dessas cidades.

Em 2010, houve uma paralisação gradual e natural sem conflitos, porém algumas instituições continuam até hoje com algum tipo de parceria, como as Comunidades da Bahia, onde vou de uma a duas vezes ao ano, para ministrar cursos e pregar em igrejas em Salvador, Feira de Santana e Irecê, ainda, presto assessoria em Cuiabá/MT e à Comunidade Livre em Cristo de Caldas Novas/GO.

Além da comunhão, desenvolvimento da espiritualidade, formação técnico-profissional para atuação em comunidades terapêuticas e trabalhos de prevenção, desenvolvíamos atividades turísticas, culturais como a música, a dança e o teatro, como meio de divulgação das potencialidades de cada região participante.

São incontáveis os frutos, considerando as pessoas que foram al-

cançadas, e mantêm a ACEB como referência de suas vidas, até os dias de hoje.

Presidi a ACEB por sete anos, e por isso, sou grato a Deus, aos líderes e às instituições, que me apoiaram durante esse período, das quais, destaco: o pastor e assistente social Alberto dos Santos Bispo do Nova Vida em Feira de Santana-BA e Valdenor Militão do Gente Livre/Maanaim em Irecê-BA, o Pastor Carlos Bispo da Rosa de Saron de Salvador - BA e Pastor Ailton da Paixão do ANAPE de Salvador – BA. Igreja Metodista



Foto: Ana Carolina Fagundes Teixeira

Lucas, Roberto, Marlene, Mellina, Igreja Metodista Central em Goiânia, setembro 2012.

No ano 2007, eu e minha família iniciamos uma nova escalada, priorizando a necessidade de nossos filhos terem suas próprias experiências em uma comunidade de fé, e eles escolheram a igreja Metodista do Brasil em Goiânia-GO.

A Igreja Metodista Central em Goiânia (IMCG) tem como titular o Reverendo Edinei Berteli Reolon, além de um lugar saudável para os nossos filhos desenvolverem seus projetos quanto à religiosidade, se tornou um lugar de acolhimento e oportunidades para o desenvolvimento do meu ministério pastoral urbano, embora na Metodista o tenha desenvolvido na condição de leigo e, mais recentemente, como evangelista.

Minha relação com a IMCG iniciou na década de 1990, quando o atual bispo da 5ª Região Eclesiástica e presidente do Colégio Episcopal, Reverendo Adonias Pereira do Lago, era o titular da IMCG. Em 1999, já leitor da bibliografia de John Wesley, visitei sua residência em

Londres na Inglaterra. Foi uma experiência excepcional.

Na IMCG, atuei no ministério de Educação Cristã e, nessa condição, ministrei cursos, preguei em congregações e igrejas do Distrito de Goiânia.

Projeto Missionário Uma Semana Pra Jesus:

Participo do Projeto Missionário “Uma Semana Pra Jesus”, uma grande mobilização missionária e de ação social, que disponibiliza vários serviços nas áreas da saúde, jurídica, religiosa, cidadania e outros benefícios, há 21 anos, e com 21 projetos já realizados em várias cidades, especialmente no Estado de Mato Grosso do Sul.

Como integrante do Programa UniVIDA da UniEVANGÉLICA, que é parceira da Metodista, atuei na formação de agentes de saúde multiplicadores para a Prevenção ao uso indevido de drogas. São 350 agentes de saúde formados nesses cursos, que ministrei nas cidades de Bela Vista em 2000, Eldorado em 2011, Chapadão do Sul em 2012, Naviraí em 2013, Brasilândia em 2014 e Amambaí em 2015, Anaurilandia em 2016, todas no Mato Grosso do Sul.

Atualmente, congregamos na Igreja Metodista da Vila Santa Isabel em Anápolis, com a Reverenda Gabriela Albertin. São dezenas de irmãos e irmãs nessas duas comunidades, que se tornaram mais do que amigos e irmãos na fé, formando uma família.

Além do pastor e pastora citados, gostaria de registrar os nomes dos pastores Sérgio Campos, Eliéser de Oliveira, José Guimarães e André Noé, e ainda os casais: Josué e Carmelita, Reinaldo e Eliny Durante, Taniôr Motta e Lenir, Cecílio e Conceição, Adhemar e Onaide Santillo, e vários outros verdadeiros companheiros e amigos.

Reconhecimento e homenagens:

10 anos do UniVIDA:

Em 2009, foi realizada a Sessão Solene na UniEVANGÉLICA, comemorativa aos 10 anos de existência do UniVIDA. Na ocasião, foi-me concedido o Título Honorífico de Cidadão Anapolino, por meio de proposição do Vereador André Luiz Gomes de Almeida. A Associação Educativa Evangélica recebeu o Certificado de Reconhecimento dos Trabalhos Relevantes Prestados a Sociedade por meio do UniVIDA.

15 Anos do UniVIDA:

Os 15 anos de criação e de atividades do Programa UniVIDA da Associação Educativa Evangélica foram comemorados com uma Sessão Solene da Câmara de Vereadores de Anápolis, realizada na UniEVANGÉLICA.

O evento foi prestigiado por várias autoridades, entre elas: o Chanceler Doutor Geraldo Espindola e o Magnífico Reitor Carlos Mendes da UniEVANGÉLICA, o Prefeito Municipal de Anápolis, Doutor João Gomes, a Vereadora autora da propositura da Sessão, Geli Sanches, e outros vereadores componentes da Frente Parlamentar de Políticas sobre Drogas, entre eles, o Presidente Vereador Wederson Lopes.

Na sessão, várias pessoas foram homenageadas com diploma de honra ao mérito, por terem contribuído com o UniVIDA.

Os oradores ressaltaram a importância da Associação Educativa Evangélica, com 67 anos de serviços prestados e sua presença forte na região, sendo o UniVIDA um programa que contribuiu nesses últimos 15 anos para que a UniEVANGÉLICA seja cada vez mais relevante em sua missão.

16 anos do UniVIDA:

Agora, em 2015, ao completar 16 anos, mais uma sessão solene foi realizada em homenagem ao Programa UniVIDA. Dessa vez, na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, por propositura do Deputado Simeyzon Silveira.

Dirigentes da Associação Educativa Evangélica, da UniEVANGÉLICA, foram homenageadas com certificado de reconhecimento da relevância dos serviços do Programa UniVIDA para o Estado de Goiás.

Foi um momento muito importante para a instituição, mas principalmente para mim e o Doutor Carlos Mendes, que já havíamos vivenciado essa situação em 1993, quando ele era Deputado Estadual e realizou sessão solene em homenagem ao Movimento Jovens Livres, por seus 25 anos, ocasião em que nos conhecemos e iniciamos as discussões e articulações de políticas sobre drogas.

Outras homenagens:

Em março de 2010, por meio de propositura do Deputado Daniel Mesac, recebi a comenda Pedro Ludovico Teixeira pela Assembleia Legislativa de Goiás. Fiz questão que a solenidade de entrega acontecesse na Igreja Metodista Central, em Goiânia.



foto: Ana Carolina Fagundes Teixeira

Concessão da Comenda Pedro Ludovico Teixeira - Goiânia - março de 2010

Título de Cidadão Cuiabano, em abril de 2013, por propositura do vereador Oséias Machado.

Título de Cidadão Matogrossense, em junho de 2014, por propositura do deputado estadual Hermínio J. Barreto.

Além dessas homenagens, existem aquelas que são concedidas por meios de pessoas, grupos pequenos e instituições, em sua maioria, comunidades terapêuticas de reabilitação de dependentes de substâncias psicoativas (SPA), destaco algumas: Diploma de Honra ao Mérito concedido pela Federação de Comunidades Terapêuticas do Estado da Bahia/FECTE-BA e pela Associação de Comunidades Terapêuticas da Cidade de Feira de Santana – BA, em fevereiro de 2010.

Troféu Movimento Jovens Livres -1998, no Centro de Convenções de Goiânia–GO.

Em reconhecimento ao trabalho voluntário que realizo na Comunidade Terapêutica Esquadrão Resgate, por meio de ministração de cursos para a formação continuada do corpo de colaboradores, sua biblioteca foi registrada com o nome Roberto Alves Pereira, no ano de 2013, em Planalмира/GO.

Ver reconhecido e homenageado o meu trabalho e das instituições das quais faço parte, me deixa feliz. Entendo que essas homenagens cumprem três objetivos:

Primeiro, é muito importante para quem oferece, semelhante ao aplauso ao final de um espetáculo, é como dizer foi muito bom, me ajudou. Quem oferece, sente-se bem em agradecer.

Segundo, é importante para quem recebe, é uma avaliação positiva. Quem recebe sente uma grande responsabilidade pelo que representa, e fica mais consciente do dever de ser mais significativo e relevante.

Terceiro, dar visibilidade ao trabalho, maior credibilidade, abrindo novas portas e atraindo outras pessoas, que também precisam de ajuda.

Essa é minha missão de vida!

CONCLUSÃO

NASCIDO NA RAÇA, ALÇADO PELA GRAÇA

Chego às linhas finais com a sensação de que tudo que foi escrito até agora, é apenas o primeiro parágrafo de minha história.

Desde criança, trago o sonho em meu coração: ajudar o próximo em vulnerabilidade social.

Quando criança, o nome desse sonho era: “vontade de ajudar o pobre”.

Esse sonho se solidificou em quatro momentos da minha vida:

No primeiro, ainda quando criança e pré-adolescente, por meio de duas realidades: as mensagens sobre o amor de Deus que ouvia nas igrejas, onde minha mãe me levava, e a situação dramática de minha família em minha casa, com pobreza, e dependência do álcool e outras drogas, e a mesma situação vivenciada por algumas famílias de nossa vizinhança.

No segundo momento, que considero muito forte, quando o sonho já assumia caráter de chamado e vocação, foi no Movimento Jovens Livres, quando senti o amor de Deus e percebi, tanto em mim, quanto em meus companheiros de programa de reabilitação, a libertação dos vícios, o desenvolvimento da espiritualidade e a transformação social.

O terceiro momento foi quando tive oportunidade com outros companheiros de criarmos, em 1995, o Centro Social de Promoção Humana e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, o Gente Livre.

Finalmente, o quarto momento na realização do sonho em ajudar o próximo, é o que vivo atualmente na Associação Educativa Evangélica, relatado nesse livro nos capítulos seis e sete.

Dessa forma, concluo afirmando três verdades:

A primeira é que o depósito da graça em mim, é muito maior do que as minhas ações conseguem realizar.

A segunda conclusão é que sou fruto, resultado da vida e das ações de mulheres e homens, os quais procuro seguir os seus exemplos, entre elas e eles: meus pais, Dona Antônia e Senhor João, que criaram por meio da graça de Deus, sete filhos em condições de muita pobreza e doenças; o pastor Paulo Brasil e sua esposa, Missionária Ana Maria, que teve uma vida inteira dedicadas à reabilitação de dependentes químicos; Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce dos Pobres, Martin Luther King, Nelson Mandela,

RAÇA E GRAÇA

John Wesley, Desmond Tutu, Mahatma Gandhi. Além, é claro, dos personagens bíblicos do antigo e novo testamento: Eliseu, Ana, mãe de Samuel; Moisés, José, Esther, Davi, Estevão, Paulo, Dorcas, José e Maria, pais do Senhor Jesus, maior exemplo de dedicação ao próximo.

É a partir dessas mulheres e homens, que me confronto no propósito e na relevância de minha existência.

A terceira verdade que tenho como conclusão de minha vida, é que fiz muito pouco ou quase nada, porém o que fiz, faço e ainda farei, é e será, pela infinita graça e poder de Deus. Sem Deus, o nada é maior do que eu sou!

Obrigado amigo leitor, por me acompanhar até o final dessa leitura.

Deixe Jesus reescrever a sua história e te fazer vencer na raça, por meio de sua graça!

Entre em contato comigo Roberto Alves Pereira

Site: robertosociologo.com

Facebook: roberto.sociologo@hotmail.com

Siga-me no istragam:

E-mail: roberto.sociologo@gmail.com

Contato na UniEVANGÉLICA (62)33106638

REFERÊNCIAS

ALVES, Marlene Fátima Stach. Entrevista.

Anápolis/GO, 13/set/2013. CARVALHO, Sirlene Alves. Entrevista. Paraúna/GO, em 30/mar/2014.

CÉSAR, Ione Carneiro Guedes. Entrevista. Goiânia/GO, 10/set/2013.

CRUZ, Marcia Alves de Carvalho. Entrevista. em Vila Velha/ES, em 03/dez/2013. ESCOBAR, Maria de Fátima Alves Pereira. Entrevista. Anápolis/GO, 15/dez/2011. GALVÃO, Sonia Maria Barros. Depoimento. Goiânia/GO, 12/out/2015.

MARTINS, Ana. Entrevista. Goiânia/GO, 14/set/2014.

NETO, Sebastião Alves Pereira. Entrevista. Goiânia/GO, em 27/dez/2012. PEREIRA, Domingos José Alves. Entrevista. Caldas Novas/GO, 25/dez/2013. PEREIRA, Hailton Alves. Entrevista. Goiânia/GO, em 29/dez/2012.

PEREIRA, Hamilton Alves. Entrevista. Caldas Novas/GO, 27/dez/2013.

SILVA, Ademar Antônio. Entrevista. Cuiabá/MT, em 25/fev/2014.

SILVA, Ana Edna. Entrevista. Goiânia/GO, em 29/mar/2014.

SILVA. Carlos Hassel Mendes. Entrevista.

Anápolis/GO, 05/mar/2013. SILVA, Maria Lúcia Pereira. Entrevista. Anápolis/GO, em 28/mar/2014.

http://www.achetudoeregiao.com.br/go/parauna_historia.htm. Acessado em 14/ mar/2014.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%A2nia>, acessado em 13/mar/2014.

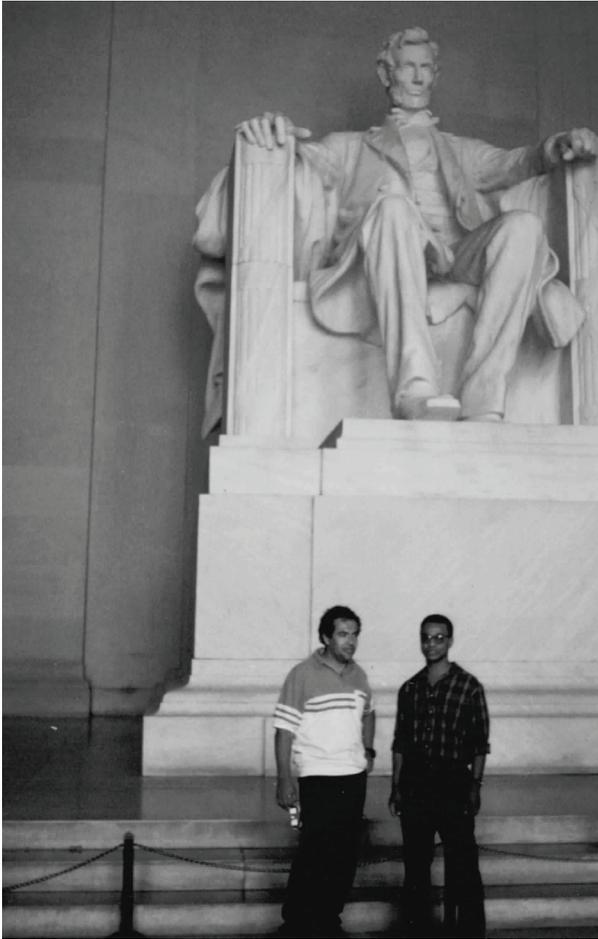
ANEXOS



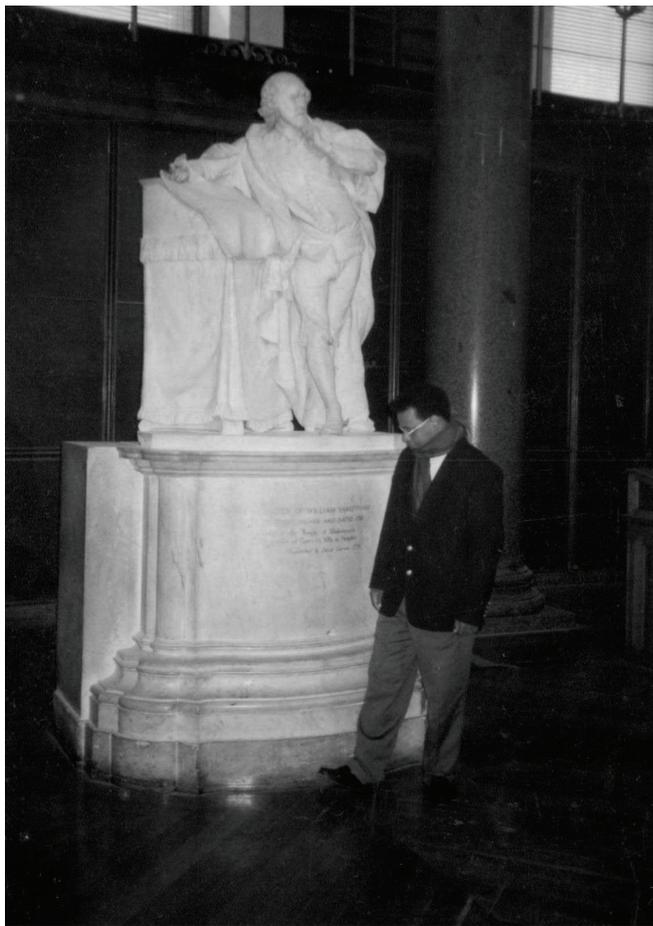
3 Gerações - Sr. João, Prof. Roberto e Lucas



Legenda:Capa da 1a edição.



Pr. Fernando Marcos e Prof. Roberto Alves em visita ao Lincoln Memorial , Washington - DC.



Visita a Estátua de William Shakespeare no Museu de Londres.



Visita a Casa Museu de John Wesley - Londres -
Inglaterra

Convite

Com alegria e gratidão à Deus, e as pessoas que contribuíram com minha vitória de 30 anos de abstinência ao uso indevido de drogas, convido-o(a) a participar do culto em ação de graças, no próximo dia 05 de setembro às 19h, na sede do Movimento Jovens Livres - Rua 7 nº 290 Qd. 10 Lt. 13 Parque Industrial, Goiânia - CEP. 74630-130, próximo ao Bairro Feliz, acesso pela Praça da Bíblia.

Sua presença será muito importante.

30 anos Livres





Trabalho Prevenção ao Uso Indevido de Drogas na Praça Bandeirantes em Goiânia - GO, 1976.



Case sobre Ouvidorias Universitárias em Gramado - RS - 2015.



Lançamento da 1ª edição do Livro Raça e Graça no Salão Nobre da Assembléia Legislativa do Estado de Goiás.



Mosteiro dos Jerônimos - Lisboa- Portugal.

Ato público celebra na rua dia de luta contra drogas

O Dia Internacional de Combate às Drogas foi comemorado ontem em Goiânia com um ato público realizado na Praça do Bandeirante pelo Centro de Prevenção Gente Livre, uma entidade ligada ao Movimento Jovens Livres, que há quase três décadas trabalha pela recuperação de dependentes de tóxicos e álcool. O ato público aconteceu no final da manhã. Cerca de 5 mil folhetos com orientações sobre os malefícios das drogas ilícitas, como maconha e cocaína, e lícitas, como cigarros e álcool, foram distribuídos entre as pessoas que passavam pelo local, enquanto atores dramatizavam os riscos que os tóxicos representam para o usuário e a sociedade e esclareciam dúvidas dos transeuntes sobre as drogas.

Foi a primeira vez que o Centro de Prevenção Gente Livre celebrou a data, uma comemoração que prossegue neste sábado com um passeio ciclístico que, segundo seus organizadores, deve reunir aproximadamente 10 mil pessoas de todas as idades. O evento terá início às 7h30, na Praça Cívica, onde serão feitas as

inscrições. A taxa de inscrição é um quilo de qualquer alimento não-percível. Toda a arrecadação será destinada ao Movimento Jovens Livres. Os ciclistas sairão da Praça Cívica, seguindo pela Avenida Araguaia, Rua 4 e retornando pela Avenida Tocantins.

Religião - Com essas manifestações, a entidade pretende reforçar a prevenção às drogas. Fernando Marcos Nogueira, diretor de Prevenção do Gente Livre, diz que há pessoas que acreditam que falar sobre drogas incentiva o consumo, enquanto outras defendem que a abordagem exaustiva do problema contribui para o seu combate. "Buscamos o meio termo", declara ele, que frequentemente vem realizando palestras em escolas, empresas e centros comunitários. "Alcoolismo e toxicomania são dramas sociais graves, cuja prevenção depende do envolvimento de toda a sociedade", sintetiza Fernando Marcos.

O Centro de Prevenção Gente Livre foi inaugurado há cinco meses. Trata-se de uma extensão do Movimento Jovens Livres, que nos

últimos anos atendeu cerca de 6 mil pessoas. As duas entidades são religiosas, mas o seus integrantes dizem que a necessidade de combate às drogas é encarada acima de qualquer religião. O secretário do centro de prevenção, Wander Mendonça Vieira, explica que os interessados em palestras podem procurar a entidade através do telefone 223-3338 ou em sua sede à Avenida Anhangüera, 4663, 1º andar, Centro.

• **O Popular**
GOIÂNIA
QUINTA-FEIRA, 27 JUNHO DE 1996

CIDADES 



Calar ou encarar?

Roberto Alves

Professor e coordenador do Programa de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas e de Inclusão Social – Uni Vida da Uni EVANGÉLICA, leciona Sociologia no curso de direito da Faculdade Raízes.



É cada vez mais comum obter notícias, especialmente da mídia de grandes massas, relacionando o tema droga a jovens, grandes centros urbanos e violência. Muitas vezes essas informações são estereotipadas, sem embasamento científico e em uma relação sem uma análise crítica sobre as causas desse fenômeno global, e que de forma especial em países em desenvolvimento, se apresenta nos extratos sociais que podem ser identificados como gangues, grupos de extermínios, tráfico organizado ou a simples galera ou grupo de amigos.

Os interesses sociais, os cidadãos e as instituições nos grandes centros urbanos são altamente heterogêneos. Proporcionando uma questão não muito fácil de responder: Calar ou encarar?

Para alguns não existe alternativa a não ser o silêncio, mantido sob a ameaça da própria vida ou de um familiar ou até mesmo por motivo de ordem de subsistência econômica. Violência e droga geram trabalho e dinheiro, principalmente na clandestinidade e

na criminalidade.

Mas não só de contravenção o uso indevido de drogas sobrevive. O cigarro e as bebidas alcoólicas são responsáveis por grandes agressões ao meio ambiente, mortes evitáveis, violência doméstica e urbana inclusive no trânsito.

Para os especialistas da área de drogas, as instituições públicas e privadas como as da: educação, saúde, segurança, religião e outras, a alternativa é encarar e encarar com políticas públicas sobre drogas elaboradas e executadas por profissionais capacitados com a contribuição e a parceria imprescindível de toda a sociedade.

A Associação Educativa Evangélica, por meio do Programa Uni Vida da Uni EVANGÉLICA, completa agora, em 2009, dez anos que desenvolve ações voltadas para o enfrentamento do uso indevido de drogas em nosso município e região. São dezenas de realizações que destacamos algumas: Em parceria com o poder público e a mobilização da sociedade organizada em 2008 realizou a quinta

Caminha Antidrogas, movimento que despertou para a criação em nosso município do dia Municipal de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas (última quarta feira do mês de maio), a reestruturação dentro na nova legislação sobre drogas e a instalação do Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas e mais recente, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde iniciou o Programa Antitabagismo, que ajudará milhares de pessoas a deixar o vício do tabaco. O Programa já treinou 40 voluntários que coordenarão os grupos de apoio, cadastrou fumantes interessados internos e externos à comunidade da Uni EVANGÉLICA e o atendimento iniciará em fevereiro próximo.

São várias ações, instituições públicas e privadas e cidadãos que até no anonimato, militam em prol de um mundo melhor, com mais qualidade de vida.

Alguns se sentem obrigados ou por não terem forças se calam, mas muitos e de muitas maneiras encaram. E você? Drogas: Calar ou Encarar?

Diário da Manhã

Anápolis

Domingo, 24 de novembro de 2001

MINHO É A PREVENÇÃO AO USO DAS DROGAS. A CHAMADA PREVENÇÃO PRIMÁRIA. ESTE É O CAMINHO DEFENDIDO POR VÁRIOS ESPECIALISTAS NO ASSUNTO EM TODO O MUNDO. SEUS RESULTADOS SÃO REALMENTE EFICAZES.

“Violência do Rio de Janeiro chega a Goiás”

Roberto Alves

Uma manchete que remos ler aqui pelo Goiás porém é triste, lachoso, não em passas nas estapas no camid, condramos a quass, so indivíduo de drogas, remos que esta afir, vintaduas. MA, num levantamento ano de drogas por esta, m todo o Brasil reabr, / Cebriv - Centro Bra, le informações sobre / Intercepção - da Escola de Medicina, Goiânia lava em 4º lugar entre, ita, defendido apass, cife, Rio e Salvador. Já

em 2001, a pesquisa foi no âmbito domiciliar. No Centro-Oeste e cidades pequenas, como Goiânia, Anápolis e Aparecida, todos com mais de 200 mil habitantes, novamente estamos em destaque. Sabemos que a violência não é causada apenas pelo uso indevido de drogas, mas ao lado do fumo, do desemprego, baixa qualidade de vida, entre outros, o uso de drogas aparece na lista das principais causas de violência, inclusive a doméstica. Os esforços, neste por parte do governo quanto da sociedade organizada, para evitar que a fictícia manchete-título

deste artigo se torne realidade, muitas vezes se resumem em ações de repressão na área de segurança e tratamento na área de saúde. Essas ações, apesar de importantes, não impediram o crescimento do tráfico. O caminho é a prevenção ao uso indevido de drogas, a chamada prevenção primária. Caminho defendido por vários especialistas da área androgas em todo o mundo. Seus resultados são de longo prazo, e as ações realmente eficazes são: em condições as simples e singelas, porém, em curtos de multiplicação que muitas vezes não multiplicam nada, além da

indiferença com o tema. Não podemos esquecer de que algo está sendo feito, e com uma certa qualidade. Alguns projetos governamentais, como Escola Sem Drogas, Segundo Milho, Projeto, o Colmen de Goiânia, que funciona com regularidade, bem como o Conselho e outros tantos empreendidos pela sociedade que nem posso nominar, pois, são várias as iniciativas. Entretanto, tudo isto está longe de mimos divulgado pela ONU, Organização das Nações Unidas, e pela OMS, Organização Mundial de Saúde. Uma novidade neste sentido

é a celebração de convênio entre o governo de Goiás pelo Ministério da Saúde e a ONG Gente Livre, que permite o uso de áreas e prédios públicos para ações preventivas e não apenas específicas às drogas, mas também voltadas para outras necessidades sociais, especialmente da população de baixa renda como profissionalização, lazer, atendimento médico e odontológico etc. O Secretário de Estado da Saúde convênio com mais esta ação sua política pública de atuação, não só na área curativa, mas também, na preventiva

e a ONG Gente Livre, parceria há três anos da Especifica, Colégios e Faculdades de Anápolis na prevenção de forma permanente, além do reconhecimento do Conselho Estadual de Entor, pantes, não um passo importante para reduzir os agentes causadores de violência em nosso Estado.

Roberto Alves

Presidente da ONG Gente Livre, Coordenador do curso de graduação em Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Goiás

O POPULAR

Opinião

Álcool é droga

Roberto Alves

A sociedade brasileira, assim como diversas outras sociedades do mundo atual, se depara com um problema crescente e de difícil resolução: o consumo de drogas. Trata-se de um fenômeno extremamente complexo, cujas raízes certamente se encontram na intrincada relação social, em seus aspectos familiares, culturais, econômicos e ideológicos, aspectos esses que determinam a própria existência humana.

Das inúmeras drogas usadas em todas as camadas sociais, destaco o álcool (Álcool Etílico ou etanol "C₂H₅OH"), geralmente encontrado em bebidas e também em medicamentos, droga legalmente comercializada e largamente usa-



ROBERTO ALVES É
Coordenador de Fase
do Movimento
Jovens Livres

da, até em atividades religiosas.

O álcool é droga. Droga que mata, que joga na sarjeta, que faz perder o emprego, faz espancar a família, que faz as novelas alcançarem sucesso, que gera impostos, mata no trânsito, abre os grandes negócios, promove os coquetéis, gera emprego, que na euforia instiga a alegria e na ressaca apaga a esperança da vida.

Embora a lei proíba o uso, comércio e divulgação de drogas, (Lei de Prevenção e Repressão ao Tráfico Ilícito - nº 6.386) o álcool não é nela enquadrado, mesmo sendo droga. A sociedade o reconhece como fármaco, porém ignora sua farmacodependência.

É preciso que se dê um basta no incentivo que existe no uso desta droga nas novelas, nos filmes, nos vários tipos de canções, coquetéis, nos comerciais.

Enquanto não se apresentam outras soluções para o problema, resta um apelo: em nome da vida, não divulguem a morte.

10 - Goiânia, 09/06/91

a r t i g o

Prevenção ao uso de drogas

ROBERTO ALVES

Vários bares já disponibilizam de playground para as crianças se divertirem enquanto seus pais tomam uma bebida alcoólica qualquer. Há melhor aprendizado que o advindo do exemplo?

Agora as crianças não precisam mais questionar por que seus pais chegam em casa com humor alterado, levando-os a chorar e pedir perdão, abrir a mão e distribuir dinheiro, ou até proferir palavrões, espancar e quebrar objetos. As crianças não ouvirão mais: "Papai estava trabalhando até mais tarde; não está passando bem", porque terão a certeza que "papai estava se divertindo", graças ao desserviço que os proprietários de bares estão oferecendo para "aliviar" a consciência, proporcionando-lhes mais tempo entre um drinque e outro, funcionando a dinâmica do capitalismo: o lucro.

Passemos desta para outra. Nós, profissionais antidrogas, constantemente somos solicitados a proferir palestras e realizar seminários em escolas, empresas e outras instituições devido ao uso abusivo de drogas, com o objetivo de prevenir.

Ambos os casos nos revelam uma triste realidade: a prevenção primária ao uso indevido de drogas ainda não é um fato social, não faz parte do consciente cole-

tivo, pois este, segundo Durkheim, é coercitivo, genérico e externo. As ações de prevenção primária ainda não têm regras definidas. A prevenção primária não é permanente e espontânea, isto é, depende sempre de um alarde externo.

Para entendermos melhor, tomemos o exemplo do uso do cinto de segurança nos automóveis, do extintor de incêndio em recintos, ainda que de forma insatisfatória e sob a força da coerção, pois acreditamos que acidentes e incêndios acontecem, porém, no caso do uso indevido de drogas, pensamos estar imunes e desvalorizamos a eficácia da prevenção primária.

Estou convicto de que, quando acreditarmos de forma coletiva na hipótese do uso indevido de drogas e entendermos que descobertas sobre novas drogas, noticiários sobre tráfico, usuários, novelas e outras abordagens referentes à fase secundária, ou seja, "durante o uso" onde já não adianta mais prevenir e sim remediar, a prevenção primária "antes do uso" dará maiores e reais sinais de eficácia.

* ROBERTO ALVES É PRESIDENTE DA ONG
GENTE LIVRE - COORDENADOR DO PROJETO
ANTIDROGAS DA ASSOCIAÇÃO
EDUCATIVA EVANGÉLICA



CONFEN
CONSELHO FEDERAL DE ENTORPECENTES
MINISTERIO DA JUSTIÇA

Ofício 4113/CTC/DEEN/MJ

Brasília -DF, 25 de novembro de 1996.

Prezado Senhor,

Tenho a satisfação de dirigir-me a Vossa Senhoria para registrar os meus agradecimentos por sua inestimável contribuição quando da realização do "I Encontro Latino-Americano de Comunidades Terapêuticas", de 08 a 11 de outubro de 1996, em Brasília-DF.

O êxito do evento, em muito, deveu-se à sua excelente participação, ao demonstrar o acerto do nosso convite.

Sirvo-me da oportunidade para informar que, brevemente, enviarei a Vossa Senhoria um exemplar dos Anais do evento, que se encontra em fase de edição.

Atenciosamente,

LUIZ MATIAS FLACH
Presidente do Conselho Federal de Entorpecentes
Diretor do Departamento de Entorpecentes

Ilmo. Sr.
Pr. Roberto Alves
Jovens Livres
Goiânia - GO

06/06/2007 15:13

71-3371-9356

GAB CARLOS UBALDINO

P2



ESTADO DA BAHIA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

Salvador, Ba- 05/06/2007

GAB 311, Ofício Nº 275

De: Deputado Estadual Carlos Ubaldino

Para: Uni-Evangélica

MD/ Magnífico Reitor: Hassel Mendes da Silva

A.C. Sr. Carlos Mendes

Assunto: Convite

É com imensa satisfação que dirijo-me à V.S, para convidá-lo e ao mesmo tempo solicitar a presença do Sr. Pr. Roberto Alves Pereira para que o mesmo esteja palestrando sobre o tema "A IMPORTÂNCIA DAS COMUNIDADES TERAPEUTICA EVANGÉLICAS NA PREVENÇÃO ÀS DROGAS".

Esta solicitação se justifica, pela importância do tema, haja vista que este mês, mais precisamente no dia 26 se comemora o dia internacional de Prevenção e Combate às Drogas. Pensando nesta importância, propus ao Presidente da Assembleia Legislativa, uma Sessão Especial alusiva ao tema, que será realizada no dia 16 de junho de 2007, às 15:00 hs.

Certo de vossa compreensão e cooperação, subscrevo-me com protestos de estima e apreço.



Carlos Ubaldino

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - CHANCELARIA



Goiânia, 17 de abril de 2001.

Senhor Diretor Geral,

Para o lançamento da Campanha da Fraternidade e de um Programa de Prevenção à Dependência Química que estará sendo implantado nesta Universidade Católica de Goiás, através da Pastoral Universitária em parceria com a Divisão de Recursos Humanos.

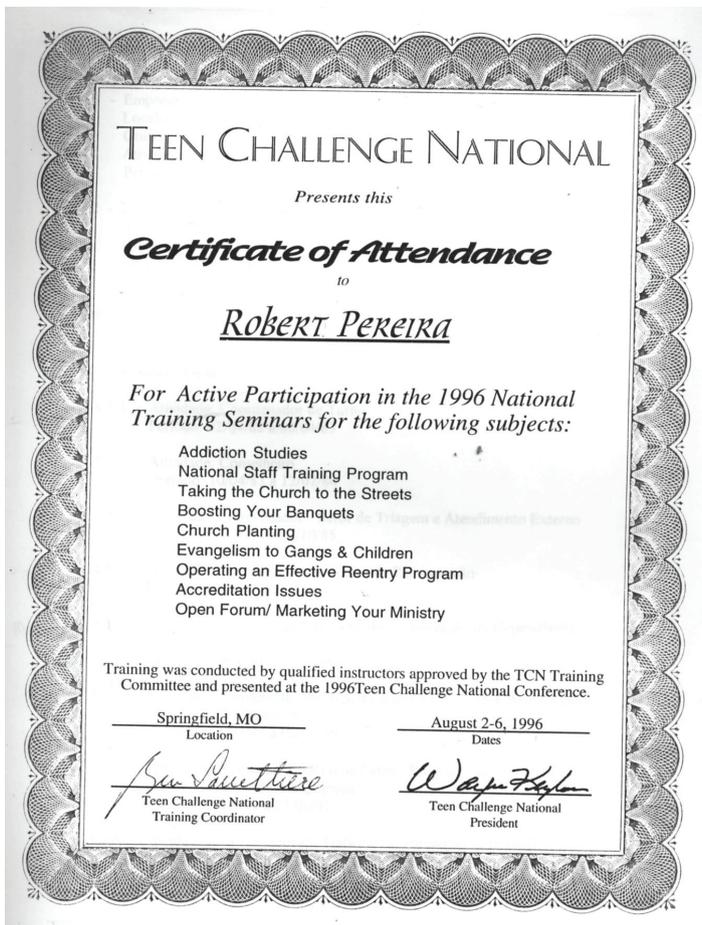
Solicitamos a V. Sa. a participação do *Pr. Roberto Alves*, em uma reunião preliminar que se dará na Sala de Desenvolvimento de Recurso Humanos, Prédio da Reitoria, no dia 19 de abril, às 14 horas, onde previamente planejaremos a melhor estratégia para o real funcionamento de nossa empreitada.

Sabemos da experiência deste profissional e acreditamos que sua colaboração seja fundamental e preciosa neste momento.

Cordialmente,


Prof.º João Oliveira Souza
Coordenador da Pastoral Universitária/UCG

Prof.º Carlos Rassel Mendes da Silva
DIRETOR GERAL
FAEE
Fax – 62 318 1340



TEEN CHALLENGE NATIONAL

Presents this

Certificate of Attendance

to

ROBERT PEREIRA

For Active Participation in the 1996 National Training Seminars for the following subjects:

- Addiction Studies
- National Staff Training Program
- Taking the Church to the Streets
- Boosting Your Banquets
- Church Planting
- Evangelism to Gangs & Children
- Operating an Effective Reentry Program
- Accreditation Issues
- Open Forum/ Marketing Your Ministry

Training was conducted by qualified instructors approved by the TCN Training Committee and presented at the 1996 Teen Challenge National Conference.

Springfield, MO
Location

August 2-6, 1996
Dates

Joe Sautter
Teen Challenge National
Training Coordinator

Wayne Taylor
Teen Challenge National
President



Caminhada reúne oito mil pessoas

A passeata antidrogas realizada ontem, em Anápolis, superou as expectativas dos organizadores e contou com a presença de 8 mil pessoas, de acordo com a PM. Jovens levaram cartazes e faixas com o mesmo apelo: "Ame a vida, diga não às drogas".
Página A5

Caminhada Antidrogas reúne 8 mil estudantes



A manifestação parou o centro da cidade em grande mobilização de jovens e adultos

A Caminhada Antidrogas realizada ontem, em Anápolis, superou as expectativas dos organizadores que aguardavam a participação de cerca de 7 mil estudantes e contaram com a presença de 8 mil, de acordo com a Polícia Militar. Acadêmicos da Associação Educativa Evangélica (AEE) e Universidade Estadual de Goiás (UEG), alunos de 26 escolas municipais e de 18 estaduais percorreram várias ruas do centro da cidade levando cartazes e faixas com

estudantes discutiram o tema e depois confeccionaram o material utilizado ontem. O trabalho vai continuar, garante a secretária municipal de Educação, Maria Aparecida Melo. "Os alunos estão muito entusiasmados e nós pretendemos aproveitar isso e aplicar métodos especiais para a conscientização deles em todas as escolas da rede municipal".

A subsecretária regional de Educação, Marisa Espíndola conta que no ano passado, apenas sete colégios da

Os participantes deram início à caminhada no Ginásio Internacional Newton de Faria. A partir daquele ponto, percorreram a Avenida Goiás, Praça Bom Jesus e Rua Barão do Rio Branco, retornando ao Ginásio por volta de 10h30. "Tenho um amigo que usa maconha e sei que muitas pessoas da minha idade experimentam drogas e acabam se viciando. Por isso, temos que prevenir e conscientizar os jovens", diz Diogo Jansan, 15 anos, estudante do Colégio



